



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**(De) formação em S. Bernardo: a reificação de
Paulo Honório e seu aprendizado no percurso da
vantagem**

Israel de França Monteiro

João Pessoa, PB
Fevereiro / 2009

Israel de França Monteiro

(De) formação em **S. Bernardo**: a reificação de
Paulo Honório e seu aprendizado no percurso da
vantagem

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Estudos Comparados.

Orientador: Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo

João Pessoa, PB
Fevereiro/2009

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arturo Gouveia de Araújo

Orientador

UFPB

Prof. Dr. Marcos Falchero Falleiros

Examinador

UFRN

Prof. Dr. Rinaldo Nunes Fernandes

Examinador

UFPB

Prof. Dr. Milton Marques Junior

Suplente

UFPB

João Pessoa, Fevereiro de 2009.

RESUMO

Graciliano Ramos publica em 1934 o romance **S. Bernardo**. Esta narrativa é determinada pela redução, dos seres e coisas, à visão do protagonista que seleciona um mundo áspero, de relações diretas e decisivas, atos bruscos e hirtos sentimentos. Ao narrar sua trajetória de vida, o eu - protagonista descreve suas ações. Destas ações podemos inferir uma correspondência com o conceito de reificação, na medida em que o personagem guia suas ações a fim de estabelecer relações objetivas, destinadas a lhe prover alguma vantagem, ou seja, a trajetória do protagonista é delimitada e intermediada por contatos que se desenrolam estritamente no âmbito de relações objetivadas, aproximando-se do conceito de reificação. Ao considerarmos para esta dissertação o conceito de reificação enquanto categoria analítica, temos em vista aprofundar o debate acerca da reificação de Paulo Honório. Em alguns ensaios desenvolvidos, já bem se demonstrou este aspecto como algo inerente ao protagonista e um componente central para que se compreenda a singularidade desta obra literária. No intuito de avançar nas discussões concernentes ao estudo da reificação nesta narrativa, o presente trabalho de dissertação, partindo do pressuposto de que as ações do protagonista são conscientes e são decorrentes de uma formação que as antecede, destina-se a identificar e estudar o processo formativo do protagonista; para tanto, recorre às discussões teóricas acerca do romance de formação (*Bildungsroman*). Como resultado, observa-se que, em seu percurso da vantagem, Paulo Honório recorre a uma formação especializada (*Ausbildung*), em consonância com sua personalidade reificada, pois a este interessa especializar-se para o acúmulo de capital. Todavia, a viabilidade desta formação é questionada diante do suicídio de Madalena, motivo que leva o protagonista a dedicar-se à redação do livro.

Palavras-chaves: **S. Bernardo**, reificação, Paulo Honório, romance de formação (*Bildungsroman*), formação especializada (*Ausbildung*), Graciliano Ramos.

ABSTRACT

Graciliano Ramos publishes in 1934 the novel **S. Bernardo**. This narrative is determined by the reduction, of beings and things, to the protagonist's vision, which selects a harsh world, made up of direct and decisive relationships, brusque acts and stiff feelings. By narrating the trajectory of his life, the "I" as protagonist describes his actions. From these actions we can infer a correspondence with the concept of reification, as the protagonist guides his actions aiming at establishing objective relationships, destined to provide him with some advantage. The protagonist's trajectory, delimited and intermediated by contacts which are strictly developed in the field of objectified relationships, comes close to the concept of reification. When considering, for this dissertation, the concept of reification as an analytical category, we have in view the intention of deepening the discussion about Paulo Honório's reification. In some essays, it has been well demonstrated that this aspect is something inherent to the protagonist and a central component for the understanding of the singularity of this work. Aiming at advancing into the discussions concerning the study of reification in this narrative, this present dissertation, starting from the presupposition in which the protagonist's actions are conscious and derived from a previous formation, devotes to identifying and studying the protagonist's formative process; therefore, it relies on theoretical discussions about the novel of formation (*Bildungsroman*). As a result, we notice that, in his advantage journey, Paulo Honório leans on a specialized formation (*Ausbildung*), in agreement with his reified personality, as he is interested in getting specialized in capital accumulation. However, the viability of this formation is questioned before Madalena's suicide, the reason which motivates the protagonist to devote himself to writing the book.

Key words: **S. Bernardo**, reification, Paulo Honório, novel of formation (*Bildungsroman*), specialized formation (*Ausbildung*), Graciliano Ramos.

A Maria, minha mãe

A Danielle

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela graça da vida.

A Danielle que, no percurso da vantagem, é o bem mais precioso que eu obtive.

A Arturo, pelos inspirados *Anos de Aprendizagem*.

Aos irmãos distantes, pela vaga lembrança que o tempo deixou.

Aos irmãos próximos, pelos exemplos não ditos.

Ao tempo em que Ivan, Ismael e eu éramos três mosqueteiros.

À tia Rosane, pelas preces.

A Michelle Dayse, pelos momentos descontraídos.

A solidão, inestimável companheira de redação.

A CAPES, pelo indispensável suporte financeiro.

“De que me serve fabricar um bom ferro, se meu próprio interior está cheio de escórias? E de que serve também colocar em ordem uma propriedade rural, se comigo mesmo me desavim?”

(Wilhelm Meister)

“Quanto às vantagens restantes – casas, terras, móveis, semoventes, considerações de políticos, etc. – é preciso convir em que tudo está fora de mim.”

(Paulo Honório)

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo I: S. Bernardo : contextualização.....	15
1.1 Momento histórico brasileiro.....	15
1.2 Pré-modernismo brasileiro.....	22
1.3 Modernismo brasileiro.....	26
Capítulo II: Fundamentos teóricos para estudos sobre a reificação e <i>Bildungsroman</i> em uma narrativa.....	42
2.1 Conceito de reificação.....	42
2.2 A questão da reificação na tradição crítica do romance S. Bernardo	49
2.3 <i>Bildungsroman</i> : origem e situação histórica	54
2.4 Tipologia de Lukács.....	59
2.5 Tipologia de Bakhtin.....	61
2.6 <i>Bildungsroman</i> : forma romanesca ou gênero?.....	68
Capítulo III: (De) formação em S. Bernardo: a reificação de Paulo Honório e seu aprendizado no percurso da vantagem.....	75
3.1 Um burguês garantindo a S. Bernardo bom sucesso.....	75
3.2 A (de) formação de Paulo Honório.....	85
Considerações finais.....	120
Referências bibliográficas.....	122

INTRODUÇÃO

Nos primeiros decênios do século XX, a História registra mudanças significativas nos âmbitos político, econômico e cultural. No Brasil, as transformações tornam-se evidentes com o advento da revolução de 30. Neste período, vemos grupos políticos e ideológicos se arregimentarem. Simultaneamente, no campo das artes, surgem escritores representativos da Literatura Brasileira. Dentre os grandes escritores vemos figurar o nome de Graciliano Ramos. Tributário de uma liberdade estética já preconizada entre os modernistas de São Paulo, as obras de Ramos, sem relegar a preocupação com o texto, compreendem e incorporam no plano da fatura o contexto deste período de transformações que o Brasil vivencia.

Publicado em 1934, o romance **S. Bernardo** é representativo da modernização conservadora característica à formação brasileira e tão corriqueira entre as classes dominantes que aqui existem, a exemplo da assimilação do modo de produção capitalista existente na propriedade S. Bernardo e a adoção de uma conduta social extremamente condizente com os preceitos da classe patriarcal. Nota-se ainda neste romance que o eu - protagonista considera os contatos que estabelece estritamente no âmbito das relações coisificadas. Tais relações são permeadas por valores quantitativos em todas as suas possibilidades. Ao admitir esta postura para si, o protagonista Paulo Honório reduz tudo e todos à quantificação incondicional. A trajetória do protagonista está correlacionada à obtenção de vantagens. No entanto, neste percurso da vantagem, Paulo Honório assimila uma postura patriarcal extremamente conveniente para seus objetivos sem, contudo, negar seu caráter capitalista.

Pode se perceber também que em sua trajetória a reificação constitui-se o fio condutor de todas as relações, além de ser a característica intrínseca a Paulo Honório e, conseqüentemente, a barreira que o impede de conhecer um mundo externo ao mundo quantificado em que vive, o mundo das mercadorias com seus fetiches.

A crítica literária tem estudado com muita pertinência a questão da reificação de Paulo Honório, ao delimitar as instâncias em que se observa a conduta reificada, como esta implica no caráter do protagonista e como é uma conduta cíclica na medida em que é passível de uma esquematização, excetuada a que Paulo Honório estabelece com Madalena. Neste sentido, os ensaios de Luis Costa Lima, João Luis Lafetá e Rinaldo

Nunes Fernandes procuram consubstanciar uma crítica capaz de evidenciar a singularidade da narrativa **S. Bernardo**.

Esta dissertação, no intuito de contribuir para a fortuna crítica de Graciliano Ramos e, especificamente, para os estudos que se desenvolvem em torno de **S. Bernardo**, no que concerne ao conceito de reificação enquanto categoria analítica, na medida em que a recorrência deste fato como componente da narrativa e do protagonista é central, ao considerar o romance de formação (*Bildungsroman*) e incorporá-lo às discussões acerca da reificação em **S. Bernardo**, pretende possibilitar uma leitura mais rica da obra e um entendimento ainda mais lúcido da mesma, avançando nos estudos da reificação de Paulo Honório.

Paulo Honório adota uma postura extremamente passível de ser associada ao conceito de reificação. Ao se observar sua trajetória de vida, percebe-se claramente que este extrai das relações constituídas toda a espécie de vantagem possível. Esta conduta, entretanto, não pode ser admitida como algo aleatório, no sentido de que não é guiado conscientemente; também não se pode desconsiderar os preceitos que norteiam a adoção de tal postura e que são responsáveis pela ascensão social que Paulo Honório atinge. O que se pretende é compreender o processo formativo do protagonista ao mesmo tempo em que se identificam os momentos em que este assimila determinados aprendizados necessários à obtenção do lucro. Ou seja, ao se acompanhar a trajetória de vida de Paulo Honório, marcadamente caracterizada por um percurso delineado tendo em vista a obtenção de vantagens, e compreender os aprendizados absorvidos pelo protagonista, dentro de uma nova ordem a qual ele se vincula e representa, na medida em que é um novo homem em formação diante das novas configurações históricas que se esboçam no Brasil dos anos trinta, bem como identificar as conseqüências de se buscar uma formação especializada (*Ausbildung*) destinada ao acúmulo de capital, intenta-se elucidar os preceitos formativos que estão por trás das ações que debelam o caráter reificado de Paulo Honório. Para tanto, esta dissertação subdivide-se em três capítulos assim dispostos.

No primeiro capítulo, procuramos contextualizar a narrativa a partir de uma perspectiva tanto histórica quanto literária, compreendendo uma relação entre literatura e sociedade. Ao se considerarem os primeiros decênios do século XX, observamos as transformações que surgem e como elas são sintomáticas das mudanças que estão acontecendo em decorrência de uma nova ordem que se configura. As circunstâncias históricas, diretamente correlacionadas às questões ideológicas, não deixam de intervir

na produção cultural. Assim sendo, enquanto se processam diversas mudanças nos âmbitos político e econômico, ao ponto de em 1930 no Brasil tais transformações resultarem em uma revolução, através da qual Getúlio Vargas assume a presidência da República, no campo das artes tem-se o surgimento de novas posturas estéticas em detrimento de escolas literárias como a Parnasiana, por exemplo. Arregimentada em torno dos Andrades, um novo grupo surge nos anos vinte e se “denomina” futurista por esta denominação estar atrelada a qualquer expressão artística que se distancie, em algum aspecto, dos padrões vigentes na época, por pleitear a liberdade estética e a estabilização de uma consciência criadora que permeie e viabilize a atualização da inteligência nacional. Consolidada a experimentação estética, em um segundo momento, um outro grupo de escritores, os escritores da geração de 30, desfruta dos caminhos abertos pela geração anterior, podendo discutir questões correlacionadas aos aspectos ideológicos da expressão artística, por exemplo; o que se observa por consequência é uma grande preocupação com os problemas sócio-culturais que são expostos nas narrativas através de aspectos socioeconômicos.

No cenário dos anos trinta temos Graciliano Ramos e suas obras, que prezam tanto pela elaboração estética quanto pelo temário de conteúdo acentuadamente ideológico. Dentre seus romances, pode-se considerar a narrativa **S. Bernardo** uma obra muito representativa do período literário por explorar com primazia o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social, atrelada a uma linguagem precisa e sintética, onde se tem a construção de períodos curtos, mas de forte expressividade; por isso, também, que a questão da reificação do protagonista torna-se tão patente na narrativa. No momento de elaboração e publicação de **S. Bernardo**, é comum uma literatura que traz para a reflexão problemas sociais marcantes do momento em que os romances são escritos. Esta narrativa surge em meio a um contexto em que as posturas ideológicas encontram-se recrudescidas e os autores acabam por refletir em suas obras, por exemplo, a realidade nordestina de oligarquias tradicionais e choques ideológicos, além da situação dos proletários rurais, isto é, os dominados por um rude esquema de trabalho sob o mando dos grandes proprietários de terra.

A fim de elaborar um quadro que fundamente o estudo do conceito de reificação enquanto categoria analítica o segundo capítulo destina-se a uma abordagem de estudos que tratam da questão da reificação e do modo de produção capitalista. A reificação é um conceito que se encontra implícito no texto de *O Capital*, de Karl Marx, e sobre o qual Georg Lukács, em seu livro *História e Consciência de Classe*, empreendeu análise

mais ampla. A reificação é resultante das relações sociais, “no mundo das mercadorias”, através das quais o homem adquire um olhar quantificador sobre tudo. Assim, ao coisificar as relações, o homem aniquila qualquer olhar qualitativo, percebendo apenas as relações de maneira mensurável. Portanto, considerando a recorrência desse fato como componente central da narrativa e do protagonista, a reificação como categoria analítica torna-se pertinente na medida em que possibilita o entendimento e uma leitura mais rica da obra. Porém, para que haja uma aplicação mais harmoniosa do conceito de reificação enquanto categoria analítica à realidade brasileira, em especial à mimetizada no *corpus* em análise, recorremos aos estudos empreendidos por Jacob Gorender em seu livro *O escravismo colonial* acerca da coexistência de modos de produção e da sujeição em comum a que se submete o trabalhador, seja ele servo, escravo, ou assalariado. Estabelecida esta trajetória, procuramos discutir os ensaios de Costa Lima, Lafeté e Rinaldo N. Fernandes a fim de situar os estudos sobre a reificação na narrativa, para que então possamos identificar, de forma contundente, os aspectos ainda não privilegiados nas discussões existentes na fortuna crítica de Graciliano Ramos, no que concerne à reificação de Paulo Honório em especial. Ao se discutir este aspecto da obra, implicitamente percebe-se que os estudos ainda não contemplaram algumas possibilidades críticas decorrentes dos debates acerca da reificação de Paulo Honório, em especial as questões formativas que estão por trás dos atos que tornam tão patente a conduta reificada do protagonista. Constatamos que há uma possibilidade de discussão profícua acerca da formação de Paulo Honório – uma formação especializada (*Ausbildung*), destinada ao acúmulo de capital –, mas que ainda é muito tangencial, principalmente se correlacionarmos às questões formativas que precedem as ações reificadas de Paulo Honório e que são latentes em sua trajetória. Assim, ao se considerar o conceito de formação na análise do romance **S. Bernardo**, o intuito é o de averiguarmos como se constrói esse caráter reificado do protagonista, tornando-o compreensível para além das ações que o revelam. Tal inserção não nos parece aleatória, como procuramos evidenciar a partir dos muitos elementos que a narrativa nos fornece para a devida associação ao conceito de formação. Para tanto, estabelecemos também a correlação com os estudos elaborados por Lukács e Bakhtin, mostrando que tal teoria, contrastada com o *corpus* em análise, além de propiciar o entendimento deste, expõe, de forma patente, os pontos de intersecção entre os preceitos estabelecidos dentro das discussões acerca das delimitações de que obra é ou não um romance de

formação, aborda ou não a questão da formação do protagonista enquanto motivo central.

O capítulo terceiro destina-se à constatação dos estudos desenvolvidos nos capítulos anteriores a partir da análise do *corpus*, sem, contudo, enrijecer o estudo da narrativa em função de um quadro teórico conceitual estabelecido ou de uma análise que se destine apenas a constatar aspectos do contexto que permeiam o texto. O estudo desenvolvido no terceiro capítulo tem como finalidade identificar a singularidade da obra literária. Este capítulo pretende delimitar a formação do protagonista a partir de elementos da narrativa que, ilustrados por citações do romance **S. Bernardo**, destinam-se a traçar e evidenciar sua formação reificada, uma formação utilitarista e especializada (*Ausbildung*).

A questão da formação é central na narrativa, pois ao que nos parece há várias instâncias de aprendizagem. O momento de maior aprendizagem (ou não) para Paulo Honório será o reconhecimento de sua formação reificada como algo inútil e vazio de sentido para uma existência plena, ao se deparar com o fato de Madalena haver se suicidado, ato mais significativo no enredo no sentido de questionar a conduta proveniente da formação reificada que Paulo Honório assume.

O presente trabalho, assim configurado, pretende contribuir para as discussões acadêmicas, não apenas no âmbito das questões levantadas acerca do romance **S. Bernardo**, mas também para uma discussão mais ampla sobre a reificação, ao se delimitar um quadro teórico conceitual que viabiliza o estudo da referida categoria analítica em narrativas outras. Ademais, pretendemos aprofundar as discussões concernentes à assimilação de uma postura reificada para além dos atos que o revelam, ou seja, fomentar o debate acerca de uma formação reificada.

I

S. BERNARDO: CONTEXTUALIZAÇÃO

1. Momento histórico brasileiro

O escritor alagoano Graciliano Ramos publicou em 1934 o romance **S. Bernardo**¹. Enquadrado pela historiografia literária como uma obra de cunho político e social e pertencente ao grupo de obras produzidas pelos romancistas do Nordeste, **S. Bernardo** logo adquiriu uma projeção e repercussão nos meios acadêmicos. Seu enredo trata da ascensão de um burguês, Paulo Honório. Nessa sua trajetória, tomamos conhecimento de como fora sua história de vida desde a infância até a idade adulta. Em linhas gerais, trata-se de um narrador-personagem, que é, quando criança, guia de cego e vendedor dos doces que a velha Margarida produz para o sustento de ambos. Já crescido, gasta muitas horas de trabalho na enxada como trabalhador alugado, até o dia em que se mete em uma confusão numa taverna e acaba esfaqueando um homem por causa de uma mulata. Em decorrência deste ato, passa três anos preso, ocasião em que aprende a ler. Liberto, trabalha como vendedor pelo sertão. Passado algum tempo, retorna à terra natal, Viçosa, onde pratica agiotagem e almeja possuir a fazenda S. Bernardo, o que consegue. Já como dono de S. Bernardo, vai em busca de uma esposa, sem sentimentos que o motivem, a não ser o de garantir um herdeiro para tudo o que constrói. Assim, casa-se com Madalena, uma professora com quem passa a conviver em conflitos. Esta, após muitos sofrimentos, se suicida. O esposo solitário decide-se pela composição do livro S. Bernardo, meio que busca para compreender o que fora sua vida e o ato extremado de sua esposa.

É possível entrever o momento histórico em que vive o narrador personagem Paulo Honório enquanto este relata sua trajetória de vida. Há certo consenso entre a crítica literária de que o momento histórico a que o romance alude é o da revolução de 1930.

¹RAMOS, Graciliano. **S. Bernardo**. 82ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. Todas as citações da referida narrativa são provenientes desta edição.

A revolução de 1930 é o resultado das contradições políticas e sociais que afloraram nos primeiros decênios do século XX no Brasil, tornando insustentáveis as estruturas até então estabelecidas em suas formas arcaicas. Parece-nos relevante discorrer a respeito desse momento histórico por haver uma relação indissociável quanto à trajetória de Paulo Honório e o deslindar dos acontecimentos históricos, o que torna imprescindível para este trabalho a contextualização do romance **S. Bernardo**.

Os três primeiros decênios do século XX no Brasil são marcados por mudanças econômicas, políticas e sociais em decorrência das elites que se alternarão no poder, utilizando-se do Estado para benefícios particulares, ao mesmo tempo em que a estrutura brasileira conduzida por tais elites é abalada por crises econômicas mundiais e recrudescências ideológicas. Essas correntes ideológicas – Liberalismo, Fascismo, Nazismo e Comunismo – constituem corpo claro no decênio de trinta, quando passam a conflitar-se acirradamente ao ponto de se verem refletidas na literatura brasileira deste período, marcadamente de cunho político e social. Simultaneamente expõe-se um Brasil contraditório, esquecido pelos governantes, denunciando o embate entre o velho e o novo.

O contraste entre o velho e o novo, na extensão territorial do Brasil, bem como o desenvolvimento desigual entre as diversas regiões do país, confirmando um contexto de modernismo conservador, na medida em que se moderniza na estrutura econômica, mas conserva-se nas relações sociais, revelar-se-á no choque existente entre um sistema econômico na base incompatível com a aparente modernização das idéias que se processa. Esta aparente modernização é responsável pela impressão de o país estar inexoravelmente adentrando a modernidade. Assim moderniza-se o Rio de Janeiro que marginaliza um contingente de miseráveis, a Marinha de Guerra que se rege por disciplinas do tempo da escravidão e o sistema político que associado a modernas instituições como o voto universal e a autonomia estadual ainda admite arcaicas estruturas como a grande propriedade rural e seus interesses particularistas.

É nesse período da história do Brasil que se registra o apogeu e decadência de uma ordem oligárquica expressa nos fazendeiros de café, setor mais avançado, que exercem a partir de então o poder diretamente através de uma política que se denominou café-com-leite. Esta política representa um acordo firmado entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Tal acordo deve-se ao fato de que, juntos, São Paulo e Minas Gerais aliavam respectivamente o poder econômico, proveniente do café, ao poder político, atrelado ao maior número de leitores, com o objetivo de controlar o poder político

federal, e, assim, defenderem interesses privados, assegurados em uma sucessão de políticos dos dois estados que se alternariam no cargo máximo do executivo, a presidência da república.

A política do café-com-leite provocou certa insatisfação nos demais estados com suas respectivas oligarquias, já que o poder no nível federal revezou-se entre Minas Gerais e São Paulo e propiciou o imobilismo gerado pela política dos governadores, por meio da qual o mesmo grupo oligárquico permanecia indefinidamente no poder, causando enorme descontentamento junto a outros grupos oligárquicos dos estados. Conseqüentemente, a ordem oligárquica, que não estava isenta à abalos, viu-se afrontada por dissidências nas eleições de 1910 e 1920 quando candidataram-se respectivamente Rui Barbosa e Nilo Peçanha criando um clima de disputa eleitoral ao se oporem a máquina coronelística manipulada por São Paulo, Minas Gerais e aliados.

Relativamente desgastado o cenário político, a eleição presidencial de 1930 também foi marcada por mais uma disputa eleitoral, desestruturando novamente o esquema entre São Paulo e Minas Gerais.

O presidente em exercício, Washington Luís, político paulista, havia indicado à sucessão presidencial o paulista Júlio Prestes contrariando a política do café-com-leite, firmada com Minas, que via no governador do estado mineiro, Antonio Carlos, o candidato natural à sucessão. Formou-se então a Aliança Liberal que lançou a candidatura do governador do estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas, a presidência tendo como vice o candidato João Pessoa, político paraibano, em oposição à candidatura oficial de Júlio Prestes. A Aliança liberal aglomerou em torno da candidatura de Vargas setores sociais díspares, quando não antagônicos, como os tenentes e o partido democrático (PD) fundado em São Paulo em 1926. As eleições ocorreram no dia 1º de março e resultou em vitória do candidato da situação, Júlio Prestes. Nas eleições anteriores “os candidatos derrotados tinham sempre acusado de fraude a contagem de votos, da mesma forma que reclamavam que a força, a ameaça e o suborno eram usados à boca das urnas”², em especial nas eleições de 1910 e 1922. A disputa eleitoral de 1930 não havia sido diferente. Passou-se a falar em revolução com o apelo à luta armada, à que os tenentes, em particular, eram tão sequiosos. O que desencadeou a revolução foi o assassinato de João Pessoa a 26 de julho de 1930. “Sua morte não foi atípica entre as sangrentas lutas dos clãs políticos da região nordestina do

² SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 22.

país. Contudo, nesse momento tenso da política nacional, teve um efeito traumático, porque Washintgton Luís havia apoiado o grupo político ao qual estava ligado o assassino.”³. Em novembro deste mesmo ano, era empossado na presidência, através de um movimento armado, em caráter provisório, Getúlio Vargas.

A revolução de 30 distinguiu-se em relação às antecedentes lutas pelo poder por dar fim à estrutura republicana criada na década de 1890 e por ser fruto de um descontentamento generalizado de pessoas que desejavam implementar novas formas políticas. Entretanto, os setores sociais – constitucionalistas liberais e tenentes que representavam forças políticas opostas, mas que havia, mesmo assim, convergido em torno da figura de Vargas, e incorporado algumas de suas propostas a recente constituição de 1934 – não consubstanciaram um todo coeso acerca de um reformismo sócio-econômico, o que se verificaria depois. A política no Brasil, dessa forma, no começo da década de 1930, marchava para a radicalização.

Os governos do período que antecede a posse de Getúlio Vargas caracterizaram-se pelo monopólio político exercido por uma oligarquia que atuava em seu próprio benefício e estruturava-se nos níveis federal, estadual e municipal através de determinadas alianças. Na esfera federal a política era exercida pelos estados de Minas Gerais e São Paulo que se alternavam na presidência. Esta política foi possível, entretanto, devido ao apoio de outros estados, pois em última instância o presidente da República estava submetido ao poder legislativo. Tal apoio fora consentido na condição de o poder federal não intervir nos assuntos dos estados. Configurava-se a política dos governadores em que estavam articulados o poder central e as oligarquias estaduais em uma troca mútua na medida em que o governo federal permitiria a vitória de grupos que o apoiassem irrestritamente. Valendo-se de meios ilícitos como fraude eleitoral e até de uma Comissão Verificadora de Poderes que não diplomava, vetando consequentemente aqueles que fossem candidatos da oposição, esta política viabilizou a permanência de oligarquias locais quase sempre representadas por famílias. A fraude eleitoral, devida à manipulação de votos, ficava a cargo dos coronéis, latifundiários que atuavam em seus respectivos municípios e áreas de influência. Por serem os detentores do poder econômico, também desfrutavam de prestígio social e político nas suas localidades. Os donos de terras exerciam grande influência sobre a população. A população deveria ser incondicionalmente subserviente. A subserviência da população existia em troca de um

³ *Idem.*, p. 23.

assistencialismo prestado pelos coronéis, na inexistência de qualquer serviço público. Em contrapartida, estes exigiam que se votasse em determinado candidato na época das eleições. Detentor de um determinado número de votos, os coronéis negociavam suas urnas com o chefe político local em troca de benefícios, conforme os interesses do momento.

No romance **S. Bernardo**, durante a trajetória ascendente do burguês Paulo Honório, o poder que este adquire e exerce perspassam em um determinado momento por atitudes correlacionadas às práticas coronelísticas como as que acabamos de expor quanto à manipulação de votos. Paulo Honório, depois de adquirir a fazenda S. Bernardo, procura solidificar possíveis apoios que venha a necessitar para as suas empreitadas destinadas a modernizar sua propriedade, tornando-a mais produtiva. Com o intuito de obter favores, Paulo Honório, ao ser detentor de um determinado número de votos, barganha junto a políticos o apoio as suas pretensas empreitadas. Claro está que, diferentemente de outros fazendeiros, Paulo Honório não procura simplesmente firmar-se no poder através de conchavos políticos, mas cada vez mais viabilizar o acúmulo de capital, obtendo o máximo de vantagens nas relações pessoais. Quando Paulo Honório passa por dificuldades, estas advêm da suspensão de crédito e não necessariamente da queda dos políticos a que ele dera apoio com seus votos; a descensão das oligarquias o prejudica enquanto empreendedor que não dispõe mais de crédito, mas não por ser ele algum oligarca. Longe de enquadrar-se nos moldes do sistema patriarcal, Paulo Honório revela-se um burguês, um novo homem que em sua dinâmica assimila apenas as características do sistema oligárquico que lhe são pertinentes para o acúmulo de capital como a sujeição pessoal de seus trabalhadores. Esse novo homem, configurado em Paulo Honório, é reflexo das condições históricas em que se encontram as estruturas até então vigentes no Brasil: o declínio das oligarquias, condição evidenciada nas inúmeras dificuldades com que se depara esse sistema.

Retornando a situação histórica, a política adotada e os sucessivos governos que procuravam se enquadrar neste modelo de governar, perpetuando uma estrutura ineficiente, sem significativas modificações, foi o que invibializou o próprio sistema estabelecido. A velha República, em desacordo com as necessidades do início do século XX também, viu-se, para além de seus limites de atuação, confrontada e enfraquecida por manifestações que denunciavam a situação esclerosada em que se encontrava o sistema. Surgiram inúmeras reações às quais abordaremos a seguir, pois, de alguma

forma, contrárias à política vigente, tais reações são indícios do declínio das oligarquias, ao mesmo tempo em que expõem as contradições do país.

Os anos de 1896-1897, diante da violência gerida pelo Estado, o arraial de Canudos foi suprimido e dizimado como uma força que insurgia a fim de restabelecer o regime monárquico. Balela. Liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, o arraial, aldeia fundada em 1893 e denominada Belo Monte, na verdade era fruto das situações excludentes como a estrutura agrária praticada no país em que predominava a situação latifundiária caracterizada pela concentração de terras nas mãos de poucos e o descaso das elites e do governo com uma população sertaneja humilde. Relegada ao abandono, esta população sertaneja via no arraial uma alternativa para o tradicional regime de exploração a que estavam submetidos. Esta face fatídica de nossa história é a que será contemplada no livro **Os Sertões**. Revolta semelhante à de Canudos foi o movimento do Contestado, por criar uma alternativa ao poder político dos coronéis, na medida em que, distante de qualquer atenção oficial, grupos marginalizados e de origens diversas constituíram comunidades místicas. A partir do final de 1913 estas comunidades, lideradas pelo místico José Maria, passaram a ser combatidas até a sua total destruição.

Enquanto o governo combatia os focos de revolta social que ao acaso surgiam no Brasil com a intervenção de forças militares, um grande contingente de imigrantes entrava no país e passava a constituir mais uma força perturbadora da ordem estabelecida, portanto mais um caso de polícia⁴. Tratava-se da massa de operários aglutinada nas cidades e que, sob a influência de idéias socialistas e anarquistas, reivindicavam condições de trabalho minimamente dignas, inexistentes na época. A dimensão das causas e conseqüências com que o operariado tinha seus direitos suprimidos pôde manifestar-se na grande greve de 1917, quando em São Paulo cerca de cinquenta mil pessoas aderiram ao movimento de paralisação, revelando a insatisfação geral. A assimilação de novas idéias – anarquistas e socialistas – denota de certa maneira a presença de uma nova classe no Brasil, o proletariado. Devido à concentração de fábricas nas cidades e o alto contingente de mão-de-obra empregado nestas, mais facilmente esta classe adquiriu visibilidade, mas a presença do proletário rural, ou seja, da mão-de-obra assalariada em trabalhos manuais e mecânicos, também se fez presente

⁴ Washington Luís declarara tratar-se de uma questão policial a questão operária. Não reconhecendo as diversas agitações existentes na Velha República como conseqüência de problemas sociais, o governo desde sempre abordara as questões sociais com atitudes violentas a partir de intervenções militares.

no campo. Esta mão-de-obra campesina, no Nordeste do Brasil, diferentemente da que havia nas cidades, não se compôs de imigrantes, mas de sertanejos miseráveis em sua maioria. A condição de assalariado não modificou em quase nada a relação entre os trabalhadores e os empregadores; estas relações ainda se pautavam nos preceitos do sistema patriarcal, com um agravante: acentuava-se a exploração. Aos que não se submetessem às condições impostas nas fazendas restava a alternativa de migrar para os arraiais, por exemplo.

No romance **S. Bernardo**, Paulo Honório remunera seus funcionários pelo trabalho que estes prestam. A mão-de-obra por ele empregada é justamente a de miseráveis que habitam o sertão nordestino. Nesta região, quase em sua totalidade, o proletariado rural constituiu-se de pessoas como Marciano, funcionário da fazenda S. Bernardo a que Paulo Honório refere-se como um molambo. Submetidos aos desmandos do proprietário de terras, estes funcionários que em sua grande maioria habitam as terras do patrão vêm-se comumente na condição de dependentes. Paulo Honório impõe uma condição submissa aos seus funcionários, pois mesmo remunerando estes, não considera somente o contrato dos serviços prestados; absorvendo as relações sociais oligárquicas, Paulo Honório subverte o emprego da mão-de-obra contratada ao considerar uma concessão, um favor prestado a aquele que lhe fornece trabalho, a exemplo de Luís Padilha, último dono da propriedade S. Bernardo antes de Paulo Honório, que se vê humilhado e sem o reconhecimento pelos serviços prestados como professor na escola que há na fazenda. Em outras palavras, trabalhar para Paulo Honório era um favor que este prestava. Essa mentalidade patriarcal a que Paulo Honório recorre, é vantajosa na medida em que ele remunera mal seus empregados e os explora ao máximo. As relações intermediadas desta forma aproximam-se do conceito de reificação, pois visa o aspecto quantitativo das relações humanas. Mais adiante, nos deteremos nessa discussão sobre as relações reificadas.

Além dos fatos históricos que denotam a marginalização de um país diante de um governo que de alguma maneira lhe virou as costas – o que propiciou o controle de coronéis em certas regiões do país – setores pertencentes ao poder também manifestavam descontentamento com o Estado, a exemplo do movimento tenentista que insurgiu no forte de Copacabana em 1922 e em 1924 durante a Revolução Paulista. O movimento tenentista exortava o apoio do povo, todavia rejeitando sua participação na revolução. Aos tenentes caberia o dever de salvar a nação de seus governantes ineptos advindos das oligarquias.

Segundo Luís Carlos Prestes⁵, a coluna armada que se originou da junção dos revoltosos acuados de São Paulo, durante a Revolução Paulista, e de uma coluna liderada por ele, vindo a percorrer aproximadamente vinte e cinco mil quilômetros, passando por onze estados da federação, tinha a finalidade de manter a revolução como algo iminente. Esperando uma ocasião que propiciasse uma investida do movimento, a Coluna Prestes, como ficou conhecido o grupo que marchou pelo país, perdurou por quase dois anos, de abril de 1925 a fevereiro de 1927.

Procuramos expor o período histórico que antecede a revolução de 30, os aspectos que acabaram por ocasionar esta revolução e também seus desdobramentos. Com isto, tentamos contextualizar o momento da publicação do romance **S. Bernardo**, 1934. Paralelamente, demonstramos alguns aspectos do romance no que concerne a sua fatura, ao admitirmos o contexto histórico que permeia a obra literária como sendo o do período da revolução de 30. Desta forma, esclarecemos certos procedimentos do protagonista Paulo Honório, como a assimilação de condutas patriarcais, sem conduto negar seu caráter burguês; e, ao mesmo tempo, demonstramos que é devido ao momento histórico que este atua e existe enquanto um novo homem, um burguês.

Neste percurso, ao elucidarmos os percalços da velha República, também acabamos por propiciar uma noção do cenário em que surgem os primeiros indícios de transformações, lentas, mas que já denotam uma nova expressão literária brasileira em contraposição à literatura passadista ainda em voga. Portanto, já feita a explanação do momento histórico, passemos ao momento literário propriamente.

1.2 Pré-modernismo brasileiro

Pense-se nos últimos anos do século XIX e, em especial, nos primeiros decênios do século XX. Comumente, a atividade relacionada às letras no país “descamba para um terreno evidentemente falso, mundano e fútil. Isso se verifica facilmente através das conferências, que se dirigem a um público absolutamente desinteressado de qualquer

⁵ *Apud* PRESTES, Anita Leocádia. **A coluna Prestes**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1991. p. 189.

preocupação artística”⁶, com temas esdrúxulos propostos em debates a fim de que os seus argüidores desfilassem suas divagações em linguagem torneada com floreios literários e realces inconseqüentes, diria Brito Broca⁷.

A perfeição formal é levada ao extremo de uma erudição falsa, constituída pela busca de uma linguagem privativa, estabelecendo uma separação entre aquele que escreve, o artista, e aquele que lê, o homem comum, sendo o escritor entendido ou tolerado pelos confrades.

Segundo Sodré, os escritores submetem-se à opulência verbal tida como parâmetro, a crítica visa o purismo lingüístico, a oratória parlamentar aferra-se a modelos distantes e as formas desinteressadas e unilaterais de erudição alcançam a valorização máxima, isto é, os ficcionistas e os poetas esmeram-se mais na correção formal do que na tradução dos motivos humanos, e a crítica os compreende e os valoriza na medida em que estes obedecem rigidamente às regras gramaticais. Claro está que tudo era o velho, o que declinava, o que tendia a desaparecer, mas tinha ainda condições de atuar e disciplinar as criações, não impedindo porém uma nova atividade intelectual.

No início do século XX, a atividade intelectual, ainda que imatura, começa a manifestar uma criação artística, não significando necessariamente a vigência de uma atividade literária autônoma. Todavia, têm-se as bases de um grande movimento de idéias mais aberto à realidade histórica do Brasil em decorrência de alterações que vinham se processando na estrutura econômica e social daquela época.

No ano de 1901 registra-se o início da reflexão crítica sobre a nossa própria formação cultural com os **Estudos de Literatura Brasileira** e os **Ensaio**s, do paraense José Veríssimo e do sergipano Sílvia Romero, respectivamente.

Sodré, comentando Veríssimo, demonstra o quanto os parnasianos e sua escola literária ainda em voga nos primeiros decênios do século XX encontravam-se apartados da realidade, não havendo, em regra, aproximação entre idéia e forma e nem repercussão para além do círculo de confrades, pois o homem comum, alheio ao aperfeiçoamento meramente formal, não sentia que tal produção lhe dizia respeito⁸. Candido é mais incisivo ao posicionar-se perante a literatura passadista ou de “permanência” como classifica: “Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 434.

⁷ BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil 1900**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2005. p.137-38.

⁸ Cf. SODRÉ, *op. cit.*, p. 454.

rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo européia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo.”⁹.

É no ano seguinte, 1902, que se registra a publicação de duas obras de grande repercussão junto ao restrito grupo de leitores da época.

Uma obra é **Canaã**, livro da autoria de Graça Aranha. Neste romance se verifica uma maior preocupação com o homem do que com o ambiente físico, ainda que narrada com uma eloquência e opulência verbal que acabam por afetar o conteúdo e a forma. Em **Canaã** expõe-se um problema humano resultante dos contrastes estabelecidos pela imigração, emoldurando o problema em uma linguagem rebuscada e destinada a seduzir mais do que o próprio conteúdo. Desta forma, não transpondo os problemas a que se deteve para além de um esquematismo, Aranha dilui o profundo e dramático conteúdo dos quadros sociais que se refletem em sua obra.

A outra obra é **Os Sertões**, escrita por Euclides da Cunha, manifestação de crítica ao Brasil arcaico. Seu conteúdo de caráter social expõe um Brasil esquecido, onde prevalecem as mazelas; e se o estilo retórico-discursivo por vezes foi ao gosto do público leitor da época, o que obscurece o conteúdo, não impede, entretanto, uma nova interpretação do país através de contrastes tão inerentes à formação da nação brasileira, como a crítica bem notou.

Lima Barreto, com uma escrita intencionalmente coloquial, associada ao cotidiano carioca que permeia sua obra, antecipa os postulados modernistas. Como resultado de um estilo propositadamente realista, próximo ao de compor crônicas, as cenas de suas obras, assim narradas, não têm por finalidade exortar em si mesmas as frases insólitas e isoladas como habitualmente os parnasianos procediam, mas deixar transparecer figuras humanas, objetos e paisagens. Seu estilo – desleixado como fora acusado pelos que viam na literatura um exercício de regras gramaticais e deploravam os solecismos, cacófatos e numeras repetições existentes no autor de **Triste Fim de Policarpo Quaresma** – expôs a deficiência social, econômica e política do país. Para Alfredo Bosi, o protagonista deste seu romance mais bem elaborado formalmente, o Major Policarpo Quaresma, é exemplo da incompatibilidade entre uma tentativa de viver mais brasileiro em um Brasil que já não é como aquele no sentido romântico.

⁹ CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 120.

Segundo Candido¹⁰, os demais escritores contemporâneos, ao invés de aprofundarem-se nas discordâncias estimulantes à atividade literária, optaram por traços limitadores de que padeciam como o desequilíbrio verbal verificável no penúltimo e a ironia superficial do último. Deste modo, os escritores como Lima Barreto e Euclides da Cunha permanecem vozes isoladas neste período literário Pré-modernista.

Bosi esclarece que o Pré-Modernismo deu-se no âmbito da capacidade de penetrar fundo na realidade brasileira, assim como o fizeram os escritores comentados há pouco, na medida em que estes autores problematizaram de alguma forma nossa realidade social e cultural. Antecipando as tensões existentes no cenário nacional e que se efetivariam a partir do Modernismo, com o rompimento na linguagem e no conteúdo, coroando a precedência temática e formal exercida por tais escritores em relação à literatura modernista, considera-se pré-modernista toda manifestação que “enquanto crítica ao Brasil arcaico, negação de todo academismo e ruptura com a Velha República, desenvolve a problemática daqueles como o fará, ainda mais exemplarmente, a literatura dos anos 30”¹¹, cabendo aos demais escritores do período o prefixo “pré” estritamente na acepção temporal de anterioridade.

É justamente à produção literária dos anos 30 que pretendemos chegar, pois é neste momento que surge em livro o romance **S. Bernardo**, do escritor Graciliano Ramos, de apurada elaboração estética e ideológica¹².

¹⁰ Cf. CANDIDO, *op. cit.*, p. 123.

¹¹ BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 346.

¹² Para Karl Marx, ideologia corresponde à distorção do pensamento, que, surgido em meio às contradições sociais, oculta as incoerências da realidade material que são os verdadeiros problemas da humanidade, tornando-se uma projeção que atenda aos interesses da classe dominante, portanto, a universalização da particularidade na medida em que se processa a assimilação por parte das demais classes sociais dos valores da classe dominante, valores estes que ocultam as relações contraditórias e invertidas da uma determinada realidade. Dessa forma, o conceito de ideologia adquire uma conotação negativa e restrita respectivamente por ser uma representação errônea das contradições sociais reais e por não abranger todos os tipos de erros e distorções. As distorções ideológicas, sejam elas provenientes de relações entre idéias ideológicas ou não, só podem desaparecer se forem resolvidas na prática as contradições que lhe deram origem. Cf. MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1986.

Em **O Capital**, Marx considera o mercado a fonte da ideologia política burguesa; esta burguesia em suas relações de troca apregoa a igualdade e liberdade, todavia essa ideologia burguesa oculta a desigualdade e a falta de liberdade proveniente das relações superficiais de troca no mercado e da concorrência nas sociedades capitalistas. Sobre os desdobramentos do conceito de ideologia dentro dos estudos marxistas e na obra de Marx cf. BOTTOMORE, Tom (org). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. p.183 - 187.

S. Bernardo é um romance de contornos ideológicos marcados precisamente na concepção de se difundirem valores que turvam as contradições sociais, valores expressos no e pelo personagem Paulo Honório. Ao elaborar **S. Bernardo**, difundindo os valores burgueses do narrador-personagem Paulo Honório, Graciliano Ramos, todavia, revela as contradições da ideologia burguesa, ao expor, por exemplo, as relações reificadas estabelecidas pelo proprietário da fazenda S. Bernardo, não sendo ele mesmo, Graciliano Ramos, um difusor da ideologia burguesa, diferentemente do protagonista Paulo Honório. Paulo Honório, em meio a sua ascensão, admite as contradições sociais como naturais e

Para tanto, faz-se necessário, como temos feito até aqui, delinear as circunstâncias que antecedem a produção literária de um determinado período tanto no âmbito socioeconômico, como procedemos no primeiro tópico desta dissertação, quanto no âmbito cultural, o que executamos neste tópico e daremos continuidade no tópico subsequente, pois, ainda que pautada em uma abordagem analítica imanente à obra, a relação literatura e sociedade – linha de pesquisa a que nos filiamos para o desenvolvimento desta pesquisa –, que se destina a compreender em profundidade analítica a singularidade do romance **S. Bernardo**, ao abranger as relações entre texto e contexto, requer que se pondere sobre esta relação. Ao recorrermos ao conceito de reificação, elaborado no âmbito das ciências sociais, enquanto categoria analítica imprescindível em nossa pesquisa, este deve ser devidamente inserido no contexto da obra literária, para que não pareça improfícua sua utilização. Por isso temos procurado contextualizar o romance **S. Bernardo** em perspectiva histórica e literária alinhando texto e contexto.

1.3 Modernismo brasileiro

É na esteira das manifestações artísticas em clara oposição aos padrões estéticos preconizados pela já então defasada escola parnasiana, que, na tarde de 12 de dezembro do ano de 1917, em face aos acontecimentos da realidade brasileira, Anita Malfatti expõe seus quadros em um total de cinquenta e três trabalhos que, por serem atrevidos e rústicos, espantam e chocam até Tarsila do Amaral.

Monteiro Lobato, em artigo veiculado em **O Estado de São Paulo** a 20 de dezembro do mesmo ano, tacha a exposição de arte como caricatural, destinada a desnortear, a aparvalhar o espectador, não deixando nenhuma impressão de prazer translúcida na fisionomia de quem a viu. E tal arte de orientação seja futurista, cubista, impressionista a que adere o artista não é tão mais velha quanto a arte anormal ou teratológica nascida com a paranóia e a mistificação. Assim, o artista, diz Lobato, vendo

necessárias, distorcendo as incoerências da realidade material ao considerar os valores burgueses e difundi-los junto aos demais indivíduos. As próprias relações sociais estabelecidas por Paulo Honório pautam-se no domínio das relações reificadas, admitidas dentro dos valores burgueses.

“anormalmente a natureza, a interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos de cultura excessiva”¹³, e prosseguindo aponta as obras aí criadas como produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; a postura assumida por Lobato e expressa neste artigo é avessa às inovações artísticas por radicar-se nas lições acadêmicas e tradicionalistas em detrimento de tendências estéticas de forçadas atitudes no sentido das extravagâncias de um Picasso, como ele mesmo afirma, ao considerar as técnicas adotadas pelo pintor espanhol, e a que Anita Malfati recorre, procedimentos deturpadores da realidade retratada.

À exposição estiveram presentes Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Este, tempos depois, afirmará que a revelação do novo e a convicção da revolta pela modernização das artes brasileiras deveram-se à força dos quadros de Malfatti.¹⁴

Três anos depois, em 1920, os opositores da estética em voga começam a definir-se e movimentar-se como grupo, sendo então denominados futuristas, mesmo não se enquadrando dentro da escola de Marinetti. Esta denominação dava-se de maneira aleatória, designando tudo quanto parecesse diferente e inusitado, mesmo que não fossem oponentes sistemáticos da renovação os que assim agissem ou procedessem. Era a aplicação indiscriminada da palavra Futurismo e seus derivados à revelia, rotulando em sentido comumente pejorativo o artista que se afastasse dos padrões convencionais vigentes. É fato, arrematado sobre esse denominador comum, a que aceitaram por representar um novo sentido estético, o grupo passa a discutir intensamente suas idéias em reuniões e debates, polêmicos entre si, para meses depois, em 1921, após um ano de planejamento e de opções, estabelecer o combate, o rompimento, as hostilidades e as afirmações que principiariam o recenseamento de valores, sempre em defesa de novos postulados artísticos.

O ano de 1921 inicia-se com a declaração pública de ruptura com a conjuntura intelectual da época, através do *Manifesto do Trianon*, discurso proferido por Oswald no banquete em homenagem a Menotti del Picchia. O homenageado, por intermédio de artigo intitulado *Na Maré das Reformas*, fixa os pontos básicos do programa de ação renovadora a ser desenvolvido. Dando prosseguimento ao acordado entre os integrantes do grupo, durante todo o ano, assiste-se aos debates polêmicos e revisionistas,

¹³ MONTEIRO, Lobato. *A propósito da exposição Malfati*. In: _____; BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**: Antecedentes da Semana de Arte Moderna. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 47.

¹⁴ Cf. BRITO, *op. cit.*, p. 65.

promovidos pelos escritores novos em sua oposição ao passadismo, e aí se inclui o Romantismo, o Parnasianismo e o Sertanismo. Mais adiante é feita a divulgação das produções da nova escola por meio da publicação na imprensa de poemas e trechos de prosa escritos por autores nacionais e estrangeiros. Fixa-se, ainda em 1921, a posição dos jovens frente à doutrina Futurista. Estas ações, dentre outras, que se sucederam durante todo o ano e que tiveram entre os principais atuantes Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Menotti del Picchia, Candido Mota filho e Sérgio Milliet a postos nos jornais a escrever a favor de uma nova expressão estética, foram imprescindíveis para o ano subsequente.

1922 foi o ano de comemoração do centenário da República do Brasil. Para este ano, há pelo menos dois anos, o grupo renovador vinha divulgando a idéia de que a independência do país se dera apenas no âmbito político e que o centenário, portanto, deveria ser uma comemoração selada por algo mais além desta meia soberania, para então firmar-se plena. Tinha-se em foco a concepção de uma comemoração que debelasse a disposição mental e moral vigente. Oswald afirmaria mesmo ser, por parte deles, o ano da independência mental e moral através de uma expressão artística digna da data comemorativa, pois que a obra de arte que resiste ao tempo é a expressão máxima da raça¹⁵. E, se pela arte desejavam se expressar, natural que dirigissem seus atos a favor de uma comemoração da independência brasileira via valorização cultural.

Este momento literário de plenitude da “fase heróica” do movimento corresponde a um intenso embate em prol da uma liberdade estética atrelada ao sentido de atualidade, isto é, uma arte livre enquanto expressão de uma etapa histórica. São os escritores novos de São Paulo trabalhando ativamente em defesa de seus ideais renovadores. Tais ideais irão desembocar no Teatro Municipal de São Paulo na noite do dia 13 de fevereiro de 1922, quando se tem o início do que se consagrou como A Semana de Arte Moderna. A historiografia literária no Brasil convencionou este evento como marco de uma nova etapa em nosso desenvolvimento: o Modernismo Brasileiro ou Movimento Modernista Brasileiro, realização manifesta do grupo liderado pelos Andrades.

O Modernismo Brasileiro, movimento literário que tem como marco oficial a semana de 22, idealizado por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, entre outros a partir das vanguardas européias, surge como a literatura representativa de sua época,

¹⁵ Cf. BRITO, *op. cit.*, p. 170.

naturalmente, tendo sua concepção de arte embasada no rearranjo da forma, pois partindo desse pressuposto conseguiria ao mesmo tempo expressar o novo, a modernidade e inserir plenamente a “cor local”. Em outras palavras, os modernistas atuam na concepção de arte e nas bases da linguagem, impingindo-lhes uma deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento academista, a cotidianidade como recusa à idealização de real e o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional. Ao mesmo tempo, combatem a literatura passadista, continuando o embate já anunciado em **Os Sertões** de Euclides da Cunha, **Triste Fim de Policarpo Quaresma** de Lima Barreto e outros a respeito do Brasil arcaico e ineficiente. Enfim, o movimento critica a velha linguagem com sua estética habituada a procedimentos rotineiros através do confronto com uma nova linguagem, esta referente a um projeto estético de experimentação revolucionária e expressiva, que se percebe marcadamente acentuada na primeira fase do Modernismo (1922 – 1930), e que em si já contém um projeto ideológico, evidentemente divergente da escola precedente por combatê-la. Assim ambos, o projeto estético e o projeto ideológico, se complementam na razão da ordem artística, por desestruturar a produção cultural anterior e, na razão da ordem ideológica, por incorporar, ainda que estilisticamente, o popular e o primitivo.

Ainda sobre A Semana de Arte Moderna, evento ocorrido no Teatro Municipal de São Paulo, pesam algumas observações. O caráter de ruptura atrelado ao evento como mola propulsora a gerir novas possibilidades no campo das artes, por vezes, perfeitamente distinguível como tal, é consequência de notícias veiculadas, ao que nos parece, não sem muito alarde, por parte de seus idealizadores, como Menotti del Pichhia, o “porta-voz público dos vaivens em que se encontravam os modernistas”¹⁶, redator chefe do **Correio Paulistano** e escritor consagrado com a obra **Juca Mulato** de 1917, enfim um nome de projeção nacional e tido por celebridade. Já Candido Mota filho busca valer-se do prestígio a que gozava o diplomata Graça Aranha, recém chegado da Europa, pois era “um nome de larga ressonância nacional contra os recalcitrantes adversários”¹⁷, ou seja, o autor de **Canaã** empenharia a importância de seu nome para o êxito da arremetida da juventude intelectual de São Paulo.

O que pretendemos esclarecer é a conduta do grupo que, empenhado em formar uma opinião favorável às suas investidas, cercando-se de meios que viessem a propagar

¹⁶ BRITO, *op. cit.*, p. 163.

¹⁷ *Idem* p. 317.

e revalidar seus ideais inovadores, acabou assumindo uma postura que resultou em uma superestimação da Semana de 22. Porém, uma crítica mais preocupada em balizar a sucessão dos fatos reconhecerá sua importância meramente episódica, “um momento de exaltação”¹⁸, diferentemente do que se propalava entre seus idealizadores. Em outras palavras, embora sob muitos aspectos o evento catalise o caráter do movimento, a conjuntura histórica era favorável e necessitava de uma nova estética, por isso, acima afirmamos ser tal acontecimento, como início do Modernismo Brasileiro, uma convenção para a historiografia literária brasileira.

Sobre este aspecto parece-nos relevante apontar uma posição assumida por Antonio Candido em seu livro **Literatura e Sociedade**, por dois motivos: primeiro pela envergadura deste intelectual brasileiro, figura ímpar na elaboração e formação de opiniões em nosso país, e segundo, que é decorrência do primeiro, a repercussão deste seu livro dentro dos quadros acadêmicos.

Para Candido, o “movimento [modernista] é o único, na literatura em São Paulo, **cujos início pode ser precisamente datado**: começa na famosa Semana de Arte Moderna realizada em 1922 no Teatro Municipal.”¹⁹ (grifo nosso).

A datação da Semana de 22 é uma convenção quando considerada para efeitos de determinação do início do movimento literário modernista, o que diverge da opinião emitida por Candido, à qual procuramos dar relevo na citação acima. Isto, todavia, não nos parece uma imperícia na sua refinada capacidade de análise, mesmo discordando do que este crítico afirma tão enfaticamente no corpo do ensaio. Expliquemo-nos. O ensaio em questão, *A literatura na evolução de uma comunidade*, que é parte integrante do livro, fora escrito com a intenção primeira de veicular-se no número comemorativo do IV Centenário da Cidade de São Paulo que o jornal **O Estado de São Paulo** publicou em janeiro de 1954. O fator comemorativo que antecedeu a composição do ensaio talvez tenha induzido o ensaísta a uma tendência propositada de enaltecer o evento que se sucedeu no Teatro Municipal, dando-lhe ares de grandiosidade ao fixar veementemente uma data como prerrogativa de um divisor de águas, o que efetivamente não cabe ao evento. O texto, em sintonia com a data comemorativa que se destinava a prestigiar o aniversário de São Paulo em tom laudatório, porém, acabou sendo enxertado em um livro indispensável, desde sua edição, no meio acadêmico. Com isso queremos apenas ressaltar as circunstâncias que influíram para a elaboração do ensaio, e que a informação

¹⁸ FACÓ *apud* SODRÉ, *op. cit.*, p. 526.

¹⁹ CANDIDO, *op. cit.*, p. 168.

estritamente aqui debatida, sobre a fixação de uma data para o início do Modernismo a partir da Semana de 22, como apresentada no ensaio de Candido, fora uma eventualidade e assim deve ser lida.

Para Sant'ana²⁰, a conferência *O Espírito moderno*, proferida na Academia Brasileira de Letras, por Graça Aranha, polêmica em suas colocações, reverberou nos meios intelectuais do país, estimulando o debate acerca do movimento modernista. Se considerarmos esta observação de Sant'ana, temos um acontecimento a mais que contribuiu para mudar os rumos da produção artística brasileira além da Semana de 22. A repercussão desta conferência foi tão significativa para a época em que foi proclamada que Raul Bopp chegou a considerá-la posteriormente uma segunda Semana de Arte Moderna²¹. O jornal **Diário da Manhã** de Maceió, em cinco de julho de 1924, estampou em sua primeira página um artigo intitulado *O motim da Academia* comentando o pronunciamento de Graça Aranha e a renúncia à cadeira que lhe cabia naquela instituição. Ainda, segundo Sant'ana, no ano de 1928, também em decorrência do que se sucedera na ABL, o modernismo já encontrava-se relativamente bem difundido em Alagoas, assim como em outras partes do país. Os estudos de Sant'ana, que têm por objetivo mapear os desdobramentos e influências do movimento modernista nas artes do estado de Alagoas, atêm-se sobretudo as matérias vinculadas em jornais de circulação no Estado de Alagoas para demonstrar quando e onde se teve notícias desse movimento. É no mesmo ano de 1928, quando já se encontrava, conforme Sant'ana, bem divulgado o movimento modernista, que Graciliano Ramos conclui seu primeiro romance: *Caetés*, publicado somente em 1933. Este escritor alagoano, atento ao que circulava nos jornais, realmente mantinha-se informado acerca do movimento que irradiava de São Paulo, e dele não se considerava integrante. Ramos, inclusive, desprezava o movimento modernista paulista em muitos aspectos, acusando-os de ignorantes e/ou desonestos²².

Independente de muitos escritores, além de Graciliano Ramos, considerarem-se integrantes ou não do movimento modernista, as bases para a configuração de uma nova expressão da arte brasileira já estavam delineadas com as modificações que vinham se processando. Os três primeiros decênios do século XX no Brasil foram marcados por

²⁰ SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **História do Modernismo em Alagoas** (1922-1932). Maceió: EDUFAL, 1980. p. 107.

²¹ *Apud* SANT'ANA, *op. cit.*, p. 107.

²² Cf. SENNA, Homero. *Revisão do Modernismo*. In: _____; BRAYER, Sônia (org.). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 46 - 59.

transformações significativas, correspondentes às modificações de velhos quadros econômicos, políticos e culturais do século XIX, que culminaram na revolução de 30. Estruturas esclerosadas, como o patriarcalismo e suas oligarquias rurais, passaram a coexistir com novas estruturas que adquirem caráter dominante. Delineia-se um novo quadro econômico-estrutural, mais complexo, com modificações no sistema de produção. Trata-se, no fundo, do processo de incorporação do capitalismo no país e do fluxo ascensional de uma nova classe, a burguesia urbana, dois fatores que mexeram com as demais camadas sociais e refletiram a agitação de um Brasil novo, de surto industrial, imigração e conseqüente processo de urbanização.

Em relação ao aspecto cultural, A Semana de Arte Moderna, que se realizara no Teatro Municipal, por si só nada influía, mas como resultado de um processo histórico é registro indiscutível no campo das artes brasileiras junto às modificações que se sucediam na sociedade brasileira do início do século XX. No ano de 1922, as estruturas oligárquicas já se encontravam sensivelmente modificadas principalmente em São Paulo, devido às transformações socioeconômicas ocorridas. O evento é um episódio dentro do Modernismo Brasileiro, e este movimento é o combate ao passadismo, ou seja, o combate ao Brasil arcaico em que reduzida minoria letrada buscava afanosamente copiar ou reproduzir padrões externos. O advento do Modernismo, todavia, não excluiu das letras brasileiras escritores como Coelho Neto, aclamado em jornais. Este, mesmo laureado²³, não era para Graciliano Ramos a encarnação da literatura brasileira como intuíram os modernistas. Aliás, fora devido à generalização de escritores, todos comparados a Coelho Neto, que levou os modernistas a cometerem injustiças deliberadas, diria Graciliano Ramos.²⁴ O fato é que não houve uma mudança radical com o advento dos modernistas no campo das artes na perspectiva de existir uma predominância da estética modernista em detrimento da estética parnasiana.

“Até 1930 a literatura predominante e mais aceita se ajustava uma ideologia de permanência, representada sobretudo pelo purismo gramatical, que tendia no limite a cristalizar a língua e adotar como modelo a literatura portuguesa. Isto correspondia às expectativas oficiais de uma cultura de fachada, feita para ser vista pelos estrangeiros, como era em parte a da República Velha. Ela tinha encontrado o seu propagandista no barão do Rio Branco, o seu modelo no estilo de Rui Barbosa e a sua instituição simbólica na Academia

²³ Coelho Neto, em votação aberta ao público e promovida pela revista **O Malho**, fora eleito, em 1928, o príncipe dos prosadores brasileiros.

²⁴ Cf. SENNA, *op. cit.*, p. 51.

Brasileira de Letras, ainda preponderante no decênio de 1920 apesar dos ataques dos modernistas (**estes pareciam, então, uma excentricidade transitória**)”²⁵ (grifo nosso).

Mas estavam definitivamente abertos os caminhos para a assimilação de uma nova estética. A radicalização no nível da linguagem em sua fase inicial foi indubitavelmente a contribuição *sine qua non* do movimento Modernista contra a estética passadista, vindo o movimento a ampliar nos anos subseqüentes sua influência no campo das artes, não em decorrência de uma repercussão da Semana de Arte Moderna apenas, pois esta ficou praticamente limitada a São Paulo em um primeiro instante. É no decorrer dos anos que também se delineará com mais clareza a heterogeneidade congênita do Modernismo, reflexo das contradições inerentes à sociedade brasileira.

Em 1924 irrompe o *Manifesto Pau-Brasil*, corrente que objetivava a revalorização dos elementos primitivos da nossa cultura através da crítica ao falso nacionalismo e a valorização de obras que redescobrissem o Brasil, seus costumes, seus habitantes e suas paisagens. Os que se integraram em torno de tal proposta foram, principalmente, Oswald de Andrade, que escrevera o manifesto, Mário de Andrade, Raul Bopp, Alcântara Machado e a pintora Tarsila do Amaral.

Contrário à poesia Pau-Brasil, em 1925 forma-se o grupo Verde-Amarelo, que depois se desdobraria no Grupo da Anta. Entre seus componentes estão os nomes de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Candido Mota Filho e Plínio Salgado, líder do grupo. Caracterizando-se por uma postura nacionalista extremada e de atuação muito mais política que literária, o grupo repudiava tudo quanto fosse cultura importada e tentava mostrar um Brasil grandioso com poemas de cunho utilitário e cívico, revelando uma visão reacionária, sobretudo através de seu líder, que viria a ser o principal membro do Integralismo, movimento político brasileiro de extrema direita baseado nos moldes Fascistas.

Opondo-se ao grupo Verde-Amarelo, que se opusera ao grupo do Pau-Brasil, em 1928 divulga-se o Movimento Antropofágico, reação e transmutação dos mesmos integrantes do manifesto veiculado por Oswald no **Correio da Manhã** em março de 1924. É o desdobramento mais radical do movimento Pau-Brasil que se opunha ao conservadorismo do movimento liderado por Plínio Salgado.

²⁵ CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 224.

Mario de Andrade, situando historicamente o Modernismo, diria que, independente da orientação revolucionária, os livros dos autores já configurariam uma arte em sentido social, propagadora de idéias, corroborando, assim, com a posição de Graça Aranha que evocava uma participação do Modernismo para além da preocupação estética, complementando-se e intervindo na política também. Dentro desta proposição, vários colaboradores da revista Klaxon

“(...) eram pioneiros na formação do Partido Democrático, em São Paulo; e, ainda mais sintomático que isso, na maioria dos modernistas, quem quer lhes estude as páginas teóricas e os manifestos de então perceberá o espírito insatisfeito contra a própria pasmaceira democrática e a tendência (quando não, adesão franca) para as extremas.”²⁶.

O quadro histórico/literário brasileiro encontrava-se significativamente alterado em 1928 em relação à fase inicial modernista. A liberdade artística assegurada já no primeiro momento modernista, permitindo, por exemplo, uma linguagem bem próxima da fala a ponto de evidenciar as variantes regionais, desloca, na segunda fase do Modernismo (1930 - 1945), a ênfase para o projeto político-social. Este se diferenciando por um enfoque na discussão em relação à função da literatura, o papel do escritor e somando-se a uma exacerbação da consciência política.

Segundo Candido, como resultado, verificou-se uma debilidade formal em muitas das obras do período, constatando-se em certos momentos um recuo na elaboração estética pura e simplesmente para dar ênfase ao conteúdo. Esta tendência em se privilegiar o conteúdo classifica-se como uma atitude primária, nas duas acepções que o adjetivo comporta, ou seja, no sentido de ser um erro elementar e também de ser o mais comum, e deve-se a uma mentalidade que compreende a elaboração estética literária como um empecilho à realidade, pois esta “tende a ser um embuste que atrapalha o enfoque certo da realidade”²⁷, ou seja, há o pressuposto de uma concepção crente na incompatibilidade entre literatura e honestidade, esta, entendida como sinônimo de realidade, e aquela, como produto de uma elaboração formal capaz de falsear a realidade.

²⁶ ANDRADE, Mário. **O empalhador de passarinho**. 3ª ed. São Paulo: Martins, 1972, p. 188.

²⁷ CANDIDO, *op. cit.*, p. 237-238.

Percebe-se, por parte de alguns escritores que, assim configurado o período, houve certa preocupação em se discutir a pertinência dos temas e das posturas políticas e sociais assumidas, mesmo quando não se manifestava qualquer definição ideológica explícita, a que alguns destes escritores, às vezes, eram vinculados ²⁸, devido a uma participação ativa e uma consciência crítica sintonizada aos temas e às atitudes que adotassem.

O período testemunhava, diante das circunstâncias, um imbricamento entre a literatura e as questões políticas e sociais a ponto de distinguir-se uma polarização. Mesmo quando não se delineava extremada disposição, ou uma consciência clara de matizes ideológicos por parte dos intelectuais, as questões sociais e religiosas não deixavam de penetrar, ainda que de maneira difusa, nos textos.

Ora, pois o que se sucedeu foi a passagem, a mudança de ênfase do projeto estético para o projeto ideológico. No que concerne a esta distinção, faz-se necessário reiterar uma observação facilmente preterida devido à funcionalidade, à capacidade operatória desta classificação que induz a uma dissociação de um projeto em relação ao outro, quando na verdade ambos encontram-se correlacionados de maneira intrínseca, haja vista que “o *projeto estético*, que é a crítica da velha linguagem pela confrontação com uma nova linguagem, já contém em si o seu *projeto ideológico*” ²⁹. Assim sendo, o projeto ideológico que subjaz ao projeto estético nos anos 20 correspondeu à atualização necessária e proposta por frações das classes dominantes³⁰, enquanto que o projeto ideológico dos anos 30 extrapola os limites destas frações elitistas em direção às concepções esquerdizantes e posições conservadoras. Da passagem de um momento ao outro, o que não confere um aspecto de continuidade, e sim uma mudança de ênfase, não podemos, todavia, alegar que tenha havido uma modificação substancial no corpo de doutrinas do Modernismo.

²⁸ Graciliano Ramos foi preso no ano de 1936, em decorrência de acusações concernentes a uma posição ideológica esquerdizante a qual na época ele não havia ainda se vinculado. Destituído de suas funções, foi levado para o Recife. Preso incomunicável, ele partiu para o Rio de Janeiro em um porão de navio. Lá chegando, raspam-lhe a cabeça e, juntamente com ladrões e assassinos, como criminoso comum, percorreu os presídios.

²⁹ LAFETÁ, João Luiz. **1930: A crítica e o modernismo**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 20.

³⁰ A Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal também se enquadra no cenário de modernismo conservador. Pense-se no próprio local onde se realizara o evento. Mário da Silva Brito, no artigo *Mecenas Não São Apóstolos*, veiculado no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, no dia 15 de outubro de 1967, informa sobre o grupo que havia financiado e usufruído da festa: “uma gente da high society e das finanças, fosse movido por snobismo, fosse trazido pela ação de Paulo Prado ou aliciado por René Thiollier” (BRITO, *apud* SODRÉ, p. 563). Evidencia-se o caráter marcadamente estético do movimento em sua fase inicial, ao ser promovido por uma elite socioeconômica.

Tomando por amostra a literatura do decênio de trinta, Candido afirma que os traços característicos do período são “atualizações (no sentido de ‘passagem da potência ao ato’) daquilo que se esboçara ou se definira nos anos de 1920”³¹, como o enfraquecimento gradativo da literatura academicista, a aceitação das inovações formais e temáticas, a projeção das literaturas regionais a nível nacional e a polarização ideológica.

Dentre as propostas consolidadas referidas, a projeção assumida pelas literaturas regionais é de especial relevo por constituírem modalidades expressivas de significado coextensivo à própria literatura nacional, como é o caso do romance nordestino. Esta produção literária descobre ângulos diferentes numa busca incessante do homem brasileiro, preocupando-se mais diretamente com os problemas sociais na medida em que relata a vida sócio-cultural através de aspectos sócio-econômicos. Evidentemente, de denúncia social e testemunho, essa literatura em nada está relacionada ao mero pitoresco regional ou às situações folclóricas particulares de cada local, ou seja, temos uma literatura que traz para a reflexão problemas sociais marcantes do momento em que os romances foram escritos, tais como o drama da seca e dos retirantes, a submissão do homem ao latifúndio, a ignorância e as mazelas políticas da região Nordeste. Produzem-se o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Vemos surgir alguns dos nomes mais significativos do romance brasileiro, como José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Jorge Amado, que se aglomeram no grupo de escritores regionalistas de 30 do Nordeste. Estes autores refletiram em suas obras a realidade nordestina de oligarquias tradicionais e choques ideológicos, além da situação dos proletários rurais, isto é, os dominados por um rude esquema de trabalho sob o mando dos grandes proprietários de terra. Pertencente ao grupo de escritores da Geração de 30 do Nordeste, Graciliano Ramos (1892 – 1953) talvez represente o ponto alto dessa literatura por levar ao limite o clima de tensão, presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social, atrelada a uma linguagem precisa e sintética, onde se tem a construção de períodos curtos, mas de forte expressividade.

Como vimos, ao acompanharmos o raciocínio do crítico Lafetá, a partir do decênio de 30 o cenário literário modernista brasileiro sofre uma mudança de ênfase em seu projeto, mas muitos dos escritores que surgiram neste momento literário não se

³¹ CANDIDO, *op. cit.*, p. 244.

consideravam interligados aos literatos do sul. Para José Lins do Rego “o movimento literário que irradia do Nordeste muito pouco teria que ver com o modernismo do sul”³².

Graciliano Ramos manifestar-se-ia por diversas vezes contrário ao movimento modernista, não reconhecendo qualquer vínculo entre aqueles e sua produção. No texto destacado abaixo identificamos alguns pontos cruciais no que diz respeito à posição de Graciliano Ramos em relação ao período literário que o antecedeu e o que testemunhou como escritor, o que justifica a longa citação. Vejamos:

“Prudente de Moraes Neto, crítico muito agudo, alarmando-se justamente com a qualidade má de nossa literatura de ficção, dizia em 1930, que nos faltava material romanceável. Alguém [Graciliano Ramos], afirmou, em resposta, que possuíamos excelentes romances e não tínhamos romancistas.

Contrariando essa duas opiniões, logo surgiram livros que foram recebidos com excessivos louvores pela crítica e pelo público. Havia material e havia pessoas capazes de servir-se dele. Tínhamos, porém, vivido numa estagnação. Ignorância das coisas mais vulgares, o país quase desconhecido. Sujeitos pedantes, num academismo estéril, alheavam-se dos fatos nacionais, satisfaziam-se com o artifício, a imitação, o brilho do plaquê. Escreviam numa língua estranha, importavam idéias, reduzidas. As novelas que apareceram no começo do século, medíocres, falsas, sumiram-se completamente. Uma delas, *Canaã*, que obteve êxito, dá engulhos, é pavorosa.

Dois sucessos contribuíram para dar cabo disso: o modernismo e a revolução de outubro que, graças à nossa infeliz tendência ao exagero, se ampliaram muito ou se anularam. Certamente não criaram o material a que se referia Prudente nem o engenho necessário ao aproveitamento dele, **mas abriram caminhos, cortaram diversas amarras, exibiram coisas que não enxergávamos**. Desanimado, com enjôo, líamos a retórica boba que se arrumava no congresso e nos livros.

Os modernistas não construíram: usaram uma picareta e espalharam o terror entre os conselheiros. Em 1930, o terreno se achava mais ou menos desobstruído. Foi aí que de vários pontos surgiram desconhecidos que se afastavam dos preceitos rudimentares da nobre arte da escrita e, embrenhando-se pela sociologia e pela economia, lançavam no mercado, em horrorosas edições provincianas, romances causadores de enxaqueca ao mais tolerante dos gramáticos.”³³ (grifo nosso).

O escritor alagoano compreende a produção literária antes do modernismo como literatura improfícua e academicista. Em relação aos próprios modernistas de São Paulo, sua opinião recai sobre a afirmação de se tratar de retórica boba, afirmação diretamente

³² REGO, José Lins. **Gordos e magros**. Rio de Janeiro. CEB, 1942, p. 50

³³ RAMOS, Graciliano. *Decadência do romance brasileiro* In: _____; CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. **Uma história do romance de 30**. Unicamp, 2001. (tese de doutorado). p. 61.

interligada à menção explícita de Graça Aranha, ao referir-se à sua obra, não sendo algo aleatório. Já abordamos a devida participação a que coube o literato na Semana de 22. Entretanto, à época deste artigo, 1946, este era tido por uma figura indispensável, um grande líder dentro do movimento, situação ainda mais reforçada pela atitude de romper com a Academia Brasileira de Letras da qual era membro. Por ora cabe evidenciar a objeção clara de Ramos aos modernistas manifesta no ataque à Graça Aranha. Para Graciliano Ramos, a produção literária representativa de algo realmente novo foi a dos anos 30, com escritores capazes de afrontar os preceitos da nobre arte da escrita e fugir das convenções lingüísticas redutoras; em contrapartida ele atribui um caráter destruidor ao movimento modernista devido à incapacidade do grupo de edificar o que quer que fosse. Ramos referia-se a inconsistência ideológica dos subgrupos que depois da Semana de 22 surgiram e que, preocupados com questões puramente literárias, não tinham condições de entender os acontecimentos que agitavam o mundo ocidental e, especificamente, o Brasil.

Alfredo Bosi diria que “o culto do blague e o vazio das afirmações dogmáticas acabaram impedindo que os modernistas da ‘fase heróica’ repensassem com objetividade o problema da sua inserção na práxis brasileira”³⁴ e complementaria esta observação ponderando sobre as duas expectativas literárias possíveis, ao considerar anacrônicas ambas, pois esperar de um movimento estritamente literário uma consistência ideológica é postura que acaba rejeitando-o, e insistir na gratuidade inconseqüente do momento de concepção da arte é, quando posta em vida prática ou atividade intelectual, a revelação de um decadentismo insano. Independente desta discussão, quer se reconheça ou não, muitos dos escritores de qualidade do decênio de 30 são tributários dos modernistas da “fase heróica”. Devido à liberdade operada por estes, àqueles se possibilitou usufruir do exercício de um inconformismo diante das questões sociais e de um anticonvencionalismo no campo das artes, não como algo transgressor, mas um direito.

A produção de Graciliano Ramos, quer se admita ou não a influência modernista, foi aceita por sua linguagem e temas precisamente por terem os modernistas assegurado o direito constante à experimentação estética, a estabilização de uma consciência criadora nacional e a atualização da inteligência artística brasileira, como diria Mario de Andrade posteriormente ao avaliar o movimento³⁵.

³⁴ BOSI. *op. cit.*, p. 389.

³⁵ ANDRADE, Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo. Martins, 1974. p. 242.

Candido³⁶ ainda faria uma colocação sobre Graciliano Ramos, advinda do contexto em que este surgiu e que procuramos configurar nas páginas até aqui escritas, e que diz respeito justamente à projeção deste escritor e seu reconhecimento devido ao temário, considerado inconformista e contundente, que o alçou ao mesmo nível de outros de menos qualidade, ofuscando a fatura das obras de sua autoria que primam pela estética tanto quanto pelo conteúdo abordado em uma elaboração artística realmente válida em meio à seara contaminada em que brotou. Fica subentendido na referida colocação que Graciliano Ramos foi algumas vezes reconhecido por qualidades outras que não as concernentes à elaboração estética, ficando a análise da composição literária atrelada ao temário como requisito de aferição, como se a verossimilhança interna da obra de arte não fosse providencial para sua constituição.

Para Aristóteles, a obra deve compor-se pautada nos critérios de verossimilhança e necessidade. A ligação dos fatos não deve ser gratuita e desconexa, mas sim surgir da própria estrutura interna do mito. Isso não significa a mimesis da realidade tal e qual, como o queria Platão, na medida em que este, na **República**, exige que a arte se pautasse no princípio de verdade, estimulando a razão, e não as emoções, o que, não sendo possível, leva-o a determinar a exclusão da poesia em sua república ideal. O próprio Aristóteles distingue poesia de história, cabendo, pois, à primeira relatar as coisas não como elas são, mas como poderiam ser (“o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade”³⁷), enquanto a segunda, independentemente de ser escrita em verso ou prosa, deve relatar os fatos como realmente aconteceram. Diante desta colocação, as obras de arte, portanto, devem ater-se às exigências de construção estética, e a análise da mesma deve ser imanente ao texto. Nesta perspectiva, é preferível, para a literatura, o impossível que convença ao possível que não convença.

Só que a capacidade de convencer (verossimilhança) da obra é o que contribui para a ilusão realista, principalmente em obras de cunho realista como **S. Bernardo**, o que reforça o fato de que não há como negar o imbricamento da forma artística e da realidade. Isso significa que o valor de uma obra para os estudos estritamente literários não se restringe ao seu temário puro e simplesmente. Indo além, devemos estudar o romance **S. Bernardo** como produto elaborado por um arguto escritor que soube manusear a palavra fundindo texto e contexto, o que implica entender que a análise estética precede considerações de ordem outra que não apenas a abordagem de certo

³⁶ CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 239.

³⁷ ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993. p. 53.

aspecto da realidade constituinte de uma obra como parâmetro único a determinar o significado e o valor desta; e que por outra via, privilegiando-se estritamente as operações formais, ao se considerar a obra como matéria dissociada de condicionamentos sociais – estes vistos como elementos inoperantes para a compreensão da fatura –, obstrui-se o processo interpretativo, tornando-o incompleto. Mas, para tanto, deve-se compreender que a realidade, ao ser assimilada, perde sua feição de realidade para converter-se em elemento exclusivamente formal. No entender de Tomachevski, “[...] o material realista não representa em si uma construção artística e, para que venha a sê-lo, é necessário aplicar-lhe leis específicas de construção artística que, do ponto de vista da realidade, serão sempre convenções”³⁸.

O fim a que esse procedimento intenta é o de abarcar a integridade da obra literária, porém, para que se contemple a integridade da obra, ambas as abordagens devem consubstanciar momentos do processo interpretativo necessários para a crítica esteticamente orientada. Esta crítica deverá verificar o desempenho de certo aspecto social na constituição da estrutura literária “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”³⁹. Com isto, pretende-se averiguar o fator social e ver se este simplesmente fornece ambientes, costumes e idéias, ou interfere na constituição da obra de arte. Caso deixe de ser elemento externo para torna-se interno à obra enquanto elemento determinante do valor estético, “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”,⁴⁰ haja vista que se revelará na própria obra, em decorrência do referencial social, algo de essencial alusivo ao fundamento de sua qualidade. O referencial social é o conceito de reificação que, enquanto categoria analítica aplicada ao romance **S. Bernardo**, revela-se e constitui-se como traço indelével do protagonista Paulo Honório.

Para esta dissertação, interessa-nos, portanto, o romance **S. Bernardo**, publicado pelo escritor Graciliano Ramos em 1934. Também interessa-nos o conceito de reificação como categoria analítica por acreditarmos que, a partir de uma compreensão adequada deste conceito e sua aplicação ao *corpus*, revela-se a formação do protagonista Paulo Honório e, conseqüentemente, a singularidade desta obra literária, na medida em que este personagem, ao relatar sua trajetória de vida, deixa entrever caracteres seus que se aproximam da categoria analítica em questão, além de denotar

³⁸ TOMACHEVSKI, B. “Temática”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da literatura: os formalistas russos*. 4ª. ed. Trad. Ana Mariza Ribeiro Filipouski et alii. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 188.

³⁹ CANDIDO, *op. cit.*, p. 13.

⁴⁰ ADORNO, Theodor W.. **Notas de literatura I**. São Paulo. Duas cidades; ed. 34, 2003, p. 66.

um procedimento padrão imprescindível à sua formação. Porém, a categoria analítica mencionada – reificação – será levada em conta como elemento pertencente à construção artística e estudada em nível explicativo, a fim de chegar a uma interpretação estética que privilegie a dimensão social do conceito como fator de arte, o que acreditamos consubstanciar o entendimento da obra. Compreender e tornar viável, para os fins de análise literária, a utilização do conceito de reificação no romance **S. Bernardo** é o enfoque do próximo tópico.

II

FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA ESTUDOS SOBRE A REIFICAÇÃO E *BILDUNGSROMAN* EM UMA NARRATIVA

2.1 Conceito de reificação

Ao iniciar seus estudos em *O Capital*, Karl Marx de imediato procura desvendar a mercadoria sob a alegação de que a produção capitalista configura-se em imensa acumulação da mesma e que esta mercadoria, considerada isoladamente, é forma elementar da riqueza das sociedades. Seja qual for sua natureza, a mercadoria é uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas. A utilidade desta coisa implica em valor de uso. Tal valor de uso independe da quantidade de trabalho empregado para obter as qualidades úteis da mercadoria. Porém, o valor de uso realiza-se somente com o consumo ou a utilização da mercadoria. Em outras palavras, a base das riquezas são as mercadorias – forma elementar – acumuladas que adquirem um valor de uso mediante convenções relativas à necessidade e ou comodidade da vida humana, e que se realiza na utilização ou no consumo, o que implica dizer que o valor de uso da mercadoria não é inerente à constituição da mercadoria.

Ainda, considerando-se a mercadoria enquanto coisa útil, a esta se atribuem dois aspectos: qualidade e quantidade. Estes aspectos revelam-se ao processar o valor de uso de uma mercadoria, pois os valores de uso são simultaneamente os veículos materiais do valor de troca na medida em que o valor de troca revelar-se-á na relação quantitativa entre valores de uso de diferentes espécies, na proporção em que se trocam, ao passo que as mercadorias como valores de uso diferem qualitativamente.

Mas Marx, ao prescindir do valor de uso da mercadoria, acaba por não considerar também a propriedade desta de ser produto do trabalho, conseqüentemente admite-se o desvanecer das diferentes formas de trabalho concreto, não havendo distinção entre estas. Tal admissão reduz as diferentes formas de trabalho a trabalho humano abstrato por não se considerar a forma como foi despendida a força de trabalho

humana. O que se evidencia, portanto, é o valor das mercadorias ao processar-se o valor de troca ou a relação de permuta.

No entanto, o valor de uso ou um bem só possui valor porque nele está corporificado, materializado, trabalho humano abstrato, além de ser um valor de uso social, o que implica na produção de mercadorias para os outros. Dessa forma, as mercadorias só adquirem valor na medida em que são expressões de uma mesma substância social, o trabalho humano, e seu valor é uma realidade apenas social, só podendo manifestar-se na relação social em que uma mercadoria se troca por outra, e que só se contrapõem como mercadorias por serem produtos de trabalhos privados e autônomos, independentes entre si.

Como resultado, a igualdade dos trabalhos humanos fica disfarçada sob a forma da igualdade dos produtos do trabalho como valores, e que é a consequência da medida, por meio da produção, do dispêndio da força humana de trabalho. O que se verifica é que as mercadorias possuem uma forma comum de valor, que só pode ser avaliada quantitativamente. Assim, as relações entre os produtores, nas quais se firma o caráter social dos seus trabalhos, assumem a forma de relação social entre os produtos do trabalho.

Para Marx, essa relação social definida, estabelecida entre os homens, “assume a forma fantasmagórica de uma relação social entre coisas” ⁴¹, encobrendo as características sociais do próprio trabalho dos homens, ao ponto de a mercadoria apresentar-se com características materiais e propriedades sociais como inerentes a si mesma. A isto Marx chama de *fetichismo*.

Ao se processarem os contatos sociais sob a forma de relação social entre os produtos do trabalho, esses mesmos produtos assumem a forma comum de valor e a forma dinheiro, “que contrasta com a flagrante heterogeneidade das formas corpóreas de seus valores de uso” ⁴², na medida em que cada espécie particular de trabalho privado útil pode ser trocada por qualquer outra com que se equipara. Na prática, essa relação social trata de saber quanto de outras mercadorias podem os produtores receber pelas suas mercadorias e em que proporções os produtos se trocam. Essas relações sociais vividas como e sob a forma de relações entre mercadorias ou coisas implicam diretamente no conceito da reificação.

⁴¹ MARX, Karl. **O Capital** Trad. Reginaldo Sant’anna. Vol. 1. 10ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985. p. 81.

⁴² *Idem.*, p. 55.

Pressupondo as análises de Karl Marx, Georg Lukács investiga os problemas resultantes do caráter fetichista da mercadoria enquanto forma de objetividade e em relação ao comportamento do sujeito submetido a ela, averiguando a influência existente em toda a vida exterior e interior da sociedade decorrente da troca de mercadoria. Para tanto, Lukács procede à análise do fenômeno da reificação. Sem adentrar nos problemas a que este crítico se dispõe a estudar, cabe aqui constatar sua observação concernente ao homem. Na interpretação deste pesquisador, o homem, confrontado com seu próprio trabalho como algo objetivo e que lhe é independente, vê-se dominado por leis próprias desse trabalho e que lhe são estranhas mesmo sendo ele o portador do referido trabalho. Isso ocorre tanto sob o aspecto objetivo quanto o subjetivo. Objetivamente, o homem não exerce uma influência transformadora sobre o processo real por meio de sua atividade no mundo das mercadorias, cujas leis opõem-se como poderes intransponíveis ao indivíduo, mesmo sendo este conhecedor dessas leis. Subjetivamente, este homem vê-se diante da objetividade de sua atividade em relação a si mesmo, tornando-se uma mercadoria. As implicações desses aspectos objetivo e subjetivo, que se estendem até a alma, advêm do surgimento do capitalismo moderno e agem no sentido de “substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas”⁴³.

Retornando a Marx, este insiste que a reificação existe em todas as formas sociais desde que estas tenham atingido o nível de produção de mercadorias e de circulação de dinheiro, sendo no modo de produção capitalista e no capital a sua manifestação mais expressiva.

O modo de produção é o princípio formador da organização social dos homens. Expliquemo-nos. Empreendendo análise sobre este aspecto, para Gorender o ser social dos homens será a produção e reprodução dos homens enquanto sociedade humana, e nada mais que isso. Ao referir-se à sociedade humana, no singular, este pesquisador tem em mente o sujeito único e contínuo da história, desta forma abrangendo desde a mais primitiva tribo até as mais modernas organizações sociais, o que implica em uma sociedade humana antagônica em si mesma devido à divisão em classes. Paralelamente, ela se pluraliza na história em decorrência das múltiplas formações sociais coexistentes e sucessivas. As formações sociais não se restringem apenas aos modos de produção, mas compõem-se também de formas de consciência social e instituições, superestrutura

⁴³ LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 207.

coletivamente criada pelos homens a partir da estrutura que é o modo de produção. O modo de produção engloba um processo de produção, distribuição, circulação e consumo sempre reiterado de bens materiais. Todas estas fases são distintas ao mesmo tempo em que se interpenetram. Conseqüentemente, a produção em si detém os pressupostos e momentos particulares concernentes ao princípio formador da organização social dos homens, sendo, portanto, o modo de produção o ponto de partida para sua análise.

Ainda sobre o modo de produção, abstraem-se duas categorias que ficaram implícitas ao se resenhar há pouco **O Capital**: as relações de produção e as forças produtivas.

As relações de produção ou relações econômicas que compreendem as generalidades dos aspectos sociais das relações dos homens em sua base, indiferente à associação em comunidades ou à divisão em classes dos homens, constituem-se em relações objetivas que os homens estabelecem entre si ao produzirem como seres sociais, ainda que produzam como indivíduos isolados, independente de sua vontade, o que não significa afirmar que os homens não adquiram certa forma de consciência proveniente das relações objetivas decorrentes do processo de produção. A produção é, por outro lado, resultante da conjunção do homem, agente subjetivo, com certos elementos materiais, e aí se incluem os meios de produção e o objeto de trabalho com e sobre os quais atua o homem, ambos componentes das forças produtivas. O desenrolar das forças produtivas, determinadas pelas relações de produção de acordo com as necessidades da produção, caracteriza-se à forma de estrutura de relações entre os homens no modo de produção, de um jeito que o modo de produção é por si mesmo um modo de reprodução continuado das referidas categorias. Da transformação proveniente das forças produtivas, todavia, verificar-se-á a substituição das relações de produção. A essas relações de produção, incompatíveis com as novas forças produtivas, se sucederão outros modos de produção e de formações sociais. Gorender afirma que

“O estudo de uma formação social deve começar pelo estudo do modo de produção que lhe serve de base material. As formações sociais podem conter um único modo de produção, o que lhes atribuirá homogeneidade estrutural. Podem conter, no entanto, vários modos de produção, *dos quais o dominante determinará o caráter geral da formação social*. Comumente, os próprios modos de produção não são puros, mas encerram categorias insuficientemente desenvolvidas ou

decadentes, que representam embriões ou sobrevivências de modos de produção diferentes.”⁴⁴

É a partir do enfoque no modo de produção, portanto, que Jacob Gorender, procedendo à inversão metodológica na habitual explicação de nossa constituição histórica, em seu livro **O Escravismo Colonial**, pretende “correlacionar as relações de produção às forças produtivas em presença e elaborar a categoria de modo de produção escravista colonial”⁴⁵.

Gorender mesmo reconhece que, dentro de um condicionamento histórico preciso de categorias como mercadoria e capital, o capitalismo não comporta escravos enquanto modo de produção capitalista, segundo a teoria geral marxista, o que ele procura suprir ao buscar compreender as relações de produção a partir de Marx. Para Marx, tanto a escravidão quanto a servidão em comum possuem uma característica, a coação extra-econômica do produtor direto enquanto relações de produção. O trabalhador assalariado como trabalhador livre que vende sua força de trabalho – complexo de suas energias físicas e mentais – ao capitalismo, não procedendo, porém, à venda da referida força de trabalho por curtos períodos, mas em bloco e para sempre, da condição de livre que era far-se-á escravo, vendendo a si mesmo indistintamente de sua força de trabalho, mesmo que aparente efeito consentido da contratação livremente convencionada, porque o trabalho assalariado, produtor de mais-valia, na essência continua sendo trabalho forçado. Isto é resultante da coação econômica a que o operário livre assalariado se sujeita.

Admitindo, dessa forma, ao analisar o modo de produção, o homem, este trabalhador livre, servo da gleba ou escravo como sendo utilizado sem diferença na medida em que se tem sua jornada dividida em trabalho necessário e sobretrabalho, e está submetido à “sujeição” resultante da coação extra-econômica nos dois primeiros tipos de relação de produção, e à “sujeição” resultante da coação econômica no último tipo, Gorender possibilita sem subterfúgios a aplicação de conceitos marxistas à realidade brasileira.

O que nos interessa, diante de toda a abordagem até aqui feita acerca do que escreve Marx, Lukács e Gorender, é justamente a compreensão da categoria de reificação e sua aplicação à realidade brasileira de maneira cômoda, para que então

⁴⁴ GORENDER, Jacob. **O Escravismo colonial**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 11.

⁴⁵ *Idem.*, p. 7.

procedamos à análise do romance **S. Bernardo** enquanto *corpus* a ser estudado nesta dissertação, empreendendo a inserção do conceito de reificação como categoria analítica que influi diretamente na fatura da referida obra literária. Partindo, portanto, da premissa de que coexistiram dois modos de produção, um na fase de desenvolvimento e o outro em fase decadente, em meio ao do processo brasileiro de modernização conservadora, podemos proceder a uma análise do romance **S. Bernardo** a fim de estudar a reificação de Paulo Honório. Tal proposição não nos parece secundária e agora a justificaremos mais veementemente.

A realidade na década de 30 é marcada pelo recrudescimento da luta ideológica. Diversos movimentos medem suas forças em disputas acirradas. Os imperialistas se expandem, o capitalismo monopolista se consolida e, em contrapartida, as frentes populares se organizam. A consciência da luta de classes penetra em todos os lugares, inclusive na literatura. No entanto, no Nordeste brasileiro nos deparamos com uma complexidade conceitual séria, pois ao mesmo tempo em que se admite uma estrutura capitalista, com algumas de suas características, não podemos negar a existência da estrutura patriarcal. Há um cenário que expõe, por exemplo, uma situação em que, ao mesmo tempo em que se admite uma modernização, há a presença do trabalho arcaico. Este paradoxo, que faz com que a consciência da luta de classes na região seja confusa, é reflexo de um Brasil que praticou a junção contraditória de formas de relações interpessoais e sociais, que supõem a independência ou a autonomia do indivíduo e sua dependência pessoal direta, repercutindo em nossa história de um modo que nunca superaram completamente seja a independência, sejam as sucessivas modernizações conservadoras. A literatura da geração de 30, de testemunho e denúncia social, refletiu esta problemática, evidenciando este cenário, via ficção.

Para este momento específico de nossa história sócio-cultural e sócio-econômica, admitindo-se a relação literatura e sociedade como linha de pesquisa, uma das obras literárias que melhor representa esta realidade é **S. Bernardo**.

S. Bernardo narra a ascensão social de Paulo Honório, narrador e protagonista, que deseja obcecadamente possuir a fazenda que dá título à obra. Transcorrida uma vida de lutas e brutalidade, apossa-se, oprimindo Padilha, através de um negócio que lhe é vantajoso, da fazenda S. Bernardo, onde fora trabalhador de enxada. Alcançado o objetivo, sai à busca de casamento na pretensão de ter um herdeiro. Firma contrato com Madalena, professora que lhe cede à proposição do negócio. Todavia Madalena, tiranizada sob a forma de um ciúme agressivo e degradante, suicida-se. Habitado às

relações no campo da objetivização, Paulo Honório não distingue a dignidade da esposa. Esta história é narrada com certa peculiaridade, e que consiste em uma seleção de cenas, a partir da perspectiva do próprio Paulo, que nos revelam um olhar quantificador sobre as coisas, e uma seleção de atos que narram sua posição sempre vantajosa em relação aos demais, sem que haja de sua parte uma conscientização do que seja bom ou ruim em relação ao que fez em sua trajetória.

Ao lermos o romance, Paulo Honório narra-nos a automação do descaroador, o plantio de flores apenas com o intuito de vendê-las, suas relações pessoais que são tidas como negócios, as pessoas que mantém em suas terras, seus trabalhadores como Casimiro Lopes, mais servo do que funcionário. Essas passagens do texto, e outras, referendam o caráter capitalista do personagem na medida em que as relações econômicas se dão neste âmbito. Ao mesmo tempo o delimita como um senhor patriarcalista, pois suas relações sociais desenrolam-se no domínio dessa estrutura.

Ainda, se acompanharmos a natureza da personagem, como nos aconselha Antonio Candido, verificaremos que em **S. Bernardo** tudo é seco, cortante e bruto, e que talvez não haja outro romance em nossa literatura tão limitado ao essencial, e “capaz de exprimir tanta coisa em resumo tão estrito”⁴⁶. Este aspecto, por si só, é fator inesgotável para o seu fascínio, já que como poucas esta obra permitirá uma idéia de perfeição, de ajuste ideal entre os elementos que compõem um romance. Enfim, uma técnica determinada pela redução, dos seres e coisas, à visão do protagonista que seleciona um mundo áspero, de relações diretas e decisivas, atos bruscos e hirtos sentimentos. Eis a atmosfera que circunda a fazenda S. Bernardo. Dessa forma o romance aborda a problemática da coisificação de tudo, seres e objetos, na medida em que evidencia a quantificação irrestrita estabelecida por Paulo Honório. Este aspecto da narrativa aproxima-se do conceito de reificação, termo que encerra em seu significado um mundo de relações e ações reduzíveis à medição, ou seja, à quantificação incondicional de seres animados e inanimados, processo inerente e resultante do capitalismo. A obra se apresenta assim, pois, na narrativa, a reificação constitui-se o fio condutor de todas as relações, além de ser a característica intrínseca de Paulo Honório e, conseqüentemente, a barreira que o impede de conhecer um mundo externo ao mundo quantificado em que vive, o mundo das mercadorias com seus fetiches, além de ser determinante em sua formação. A reificação é resultante das relações sociais, “no

⁴⁶ CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. 3ª ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006. p. 109.

mundo das mercadorias”, onde o homem adquire um olhar quantificador sobre tudo. Assim, ao coisificar as relações, o homem aniquila qualquer olhar qualitativo, visando apenas às relações de maneira mensurável. Portanto, considerando a recorrência desse fato como componente central da narrativa e do protagonista, a reificação como categoria analítica torna-se pertinente na medida em que possibilita o entendimento e uma leitura mais rica da obra **S. Bernardo**.

2.2 A questão da reificação na tradição crítica do romance **S. Bernardo**

Alguns ensaios, de maneira pertinente, já demonstram o caráter reificado do protagonista Paulo Honório e as instâncias em que se observa tal característica.

Luiz Costa Lima é o primeiro a associar o conceito de reificação ao romance **S. Bernardo**. A epígrafe de Joyce Cary⁴⁷, escolhida por Lima e posta no frontispício de seu texto *A reificação de Paulo Honório*⁴⁸, revela a intenção deste crítico de compreender a referida obra do escritor Graciliano Ramos a partir de uma idéia que unifique e de forma ao romance; justamente o conceito de reificação, elemento a que se orienta Paulo Honório na articulação com a natureza, com os outros e consigo mesmo. A natureza é pretexto para se falar das obras empreendidas por Paulo Honório; a relação estabelecida com as pessoas desenvolve-se em suas possibilidades quantitativas; e a vida do protagonista reduzida à aquisição e cultivo da propriedade **S. Bernardo** exige deste a reificação de si mesmo.

João Luis Lafetá, no ensaio *O mundo à revelia*, também empreende análise sobre o caráter reificado de Paulo Honório⁴⁹. Para Lafetá, a relação indissolúvel entre ação e personagem revela caracteres deste personagem. Seus atos, subordinados ao tema unificador, que é o sentimento de propriedade, ratificam o universo reificado do romance, responsável pela destruição existente na narrativa **S. Bernardo**. Ao identificar o caráter dinâmico e objetivo do protagonista Paulo Honório na aquisição da fazenda **S.**

⁴⁷ “Sem uma idéia unificante, é impossível que um livro tenha forma” Joyce Cary.

⁴⁸ LIMA, Luiz Costa. “A Reificação de Paulo Honório”. In: **Por que Literatura**. Petrópolis: Vozes, 1969. p. 49 - 70.

⁴⁹ LAFETÁ, João Luiz. *O mundo á revelia*. In: **São Bernardo**. 75ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp.192-218.

Bernardo, desnudando o sentimento de propriedade existente neste, verifica-se uma relação entre Paulo Honório e o mundo embasada em aspectos quantitativos. Os aspectos quantitativos são resultantes do modo de produção capitalista em que toda qualidade sensível das coisas é desprezada. A consciência de Paulo Honório, formada a partir dessa realidade onde a atividade transformadora do mundo, que é a produção de bens desconhece qualquer interação qualitativa, vê-se condicionada por parâmetros, por ditames correlacionados à noção de reificação. Sua personalidade, assim composta, será responsável pela destruição dos outros e de si mesmo.

Ambos os ensaios, por abordarem a mesma obra literária e discorrerem sobre aspectos semelhantes da narrativa, não deixam de se complementarem pela capacidade crítica da análise destinada a compreender a singularidade do romance, a exemplo da proposição de Lima de unificar a narrativa a partir do conceito de reificação, enquanto que para Lafetá é o sentimento de propriedade o tema unificador presente na narrativa. Parece-nos ser a reificação o eixo diretor do romance **S. Bernardo** mais do que o sentimento de propriedade, já que é aquele traço da personagem Paulo Honório que origina esse sentimento. Mas ao empreender uma análise do sentimento de propriedade Lafetá expande o entendimento do romance, revelando outros caracteres inerentes a essa personalidade reificada de Paulo Honório.

Rinaldo Nunes Fernandes também empreende análise sobre a obra **S. Bernardo**, dando enfoque ao conceito de reificação em seu ensaio *A reificação de Paulo Honório revisitada*⁵⁰. A partir do ensaio de Lima, Fernandes dispõe-se a analisar a instância referente à reificação dos outros, por ser mais do que os dois outros níveis – a saber, a reificação da natureza e a reificação de si mesmo – a que mais se evidencia na narrativa, pois no desdobramento do enredo há diversas relações conflituosas mediadas pelo caráter reificado do protagonista, deslindando sua trajetória de vida. Delimitada a abordagem, este procura estabelecer um esquema para as relações existentes na narrativa. As relações, segundo Fernandes, excetuada a estabelecida com Madalena, obedecem ao seguinte esquema: **contato** → **tensão** → **vantagem**. Observa-se nesse esquema um percurso da personagem em busca de vantagens não sem o confronto com os outros; essa busca constitui o percurso da vantagem. Como resultado, ao final, Paulo Honório consegue uma determinada ascensão social.

⁵⁰ FERNANDES, Rinaldo N. *A reificação de Paulo Honório revisitada*. In: PONTES, Neroaldo (org): **100 anos de Graciliano Ramos**. João Pessoa: Idéia, 1992. p. 109 -127.

Fernandes, ao admitir um percurso da vantagem e um processo de ascensão social, evidencia na trajetória de vida de Paulo Honório, ainda que de maneira tácita, um procedimento que este adota e que advém de um aprendizado. Guiado por uma necessidade de obter vantagem, o protagonista adota certos procedimentos que aprendera durante sua trajetória de vida. Ao que nos parece, são esses procedimentos advindos de uma formação que evidenciam a idéia de reificação.

Ora, Lima foi o primeiro a associar o conceito de reificação ao romance **S. Bernardo**, identificando as instâncias em que ocorre; Lafetá evidenciou, além de outros caracteres provenientes da personalidade reificada do protagonista, as conseqüências advindas da conduta reificada de Paulo Honório; e Fernandes procurou estabelecer um esquema para as relações do protagonista com os outros indivíduos. Parece-nos relevante levar adiante os estudos relacionados à reificação em **S. Bernardo** para além dos apontamentos já elucidados pelos pesquisadores acima comentados. Como acabamos de mencionar, o ensaio de Fernandes aponta-nos, ainda que de maneira implícita, para a questão de um procedimento a que Paulo Honório recorre, e este procedimento é conseqüência de um aprendizado que o protagonista obtém com a vida. É no decurso de sua trajetória, somada às experiências de vida, que Paulo Honório opta por determinadas atitudes, revelando seu caráter reificado; tais escolhas são resultantes de uma formação voltada para a obtenção do lucro, da vantagem. Como supomos, ao estabelecer um esquema, Fernandes não o desenvolve no sentido mais profundo de ser resultado de um procedimento proveniente de uma formação adquirida por parte do protagonista Paulo Honório. Entretanto, fica subentendido em seu texto tal noção de formação na medida em que este cita os estudos de Carlos Nelson Coutinho sobre a obra de Graciliano Ramos. Aliás, Lafetá, em seu ensaio, também menciona a mesma passagem, extraída por Fernandes do texto de Coutinho, e que reproduzimos a seguir em negrito:

“É na luta contra seu primitivo *status quo*, a miséria e a baixa condição social, que Paulo Honório começa a definir sua personalidade. Ela não aceita passivamente a realidade dada: sua ambição poderosa, onde estão evidentes os traços da penetração capitalista em nossa sociedade, leva-o a buscar na riqueza e no domínio – em suma, na ascensão social – o sentido para a vida. Graciliano captou aqui um dos traços essenciais do capitalismo nascente: o crescimento da mobilidade social, o rompimento com as barreiras coaguladas do pré-capitalismo. Esta luta pela ascensão social, naturalmente, é uma luta solitária e individualista; ela define os valores que regem a atividade de Paulo Honório, ou seja, a

propriedade sobre as coisas e sobre os homens. Ora, quando inexistem o *nós*, a fraternidade e a solidariedade, a relação entre os indivíduos (...) não pode deixar de ser a relação entre o Servo e o Senhor. Paulo Honório reduz tudo ao seu interesse egoísta: os homens são apenas instrumentos de sua ambição, meios que ele utiliza para a obtenção do próprio fim, ou seja, a realização individual a que se propõe.

A construção de um burguês: eis o conteúdo da primeira parte de *São Bernardo*. Note-se que Graciliano (...) não nos apresenta um burguês acabado, estático e definido de uma vez por todas: ele narra a *evolução* psicológica de Paulo Honório, o *desenvolvimento* de sua violenta e apaixonada ambição, em estreita ligação com a “totalidade dos objetos” que torna possível a realização de seus objetivos. (...) A construção de um burguês: esta construção é, simultaneamente, a criação de um novo “pequeno mundo” (...)⁵¹. (grifo nosso).

O fragmento destacado por Lafetá e Fernandes em seus respectivos textos encontra-se inserido em um raciocínio mais amplo. A longa citação busca precisamente contextualizar a idéia absorvida pelos críticos em relação ao texto de Coutinho. Ora, ser a construção de um burguês o conteúdo da primeira parte do livro **S. Bernardo** é o que afirmam Lafetá e Fernandes ao reproduzirem sem qualquer ressalva o texto de Coutinho, estabelecendo-se, naturalmente, um consenso entre esses críticos. Esta construção, evidentemente, advém de um desejo de ascensão social, motivado pela negação do protagonista Paulo Honório de sua condição social inicial. A possibilidade de mobilidade social almejada por este personagem está atrelada a fatos históricos – a assimilação do capitalismo nascente no Brasil – como admite Coutinho. Estas colocações destinam-se de certa forma a correlacionar Paulo Honório aos valores da classe burguesa – esta que vem adquirindo forças de classe dominante no Brasil – para que então cada um dos críticos mencionados desenvolva seus respectivos estudos. Em linhas gerais, já mencionamos os estudos estabelecidos por Lafetá e Fernandes sobre o romance **S. Bernardo** cabendo agora uma abordagem a despeito do ensaio de Coutinho.

Coutinho principia seu ensaio *Graciliano Ramos*⁵² com a incisiva afirmação de que a obra do escritor alagoano é capaz de abranger todo o “processo de formação da sociedade brasileira contemporânea, em suas íntimas e essenciais determinações”⁵³. Prosseguindo, observa o processo de penetração e desdobramento do capitalismo face à realidade brasileira. Entre as conseqüências desta penetração, Coutinho aponta o surgimento de um novo homem em meio à estagnação e à inércia existente no seio da

⁵¹ COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 174 - 175.

⁵² COUTINHO, *op. cit.*, pp. 157-217.

⁵³ *Idem.*, p. 159.

velha sociedade semicolonial. No caso específico do romance **S. Bernardo**, o personagem Paulo Honório é representativo desse novo homem socialmente determinado, portanto, a narrativa trata da formação deste personagem, um burguês em desenvolvimento. Mas a ressalva diante dessa colocação é clara: a formação restringe-se a primeira parte de **S. Bernardo**. Mesmo reconhecendo um desenvolvimento de Paulo Honório, Coutinho considera **S. Bernardo** um romance de ilusões perdidas. “(...) da ilusão de que uma vida solitária e o pequeno mundo do proprietário possam proporcionar uma realização humana digna e autêntica; (...) da ilusão em conciliar um ideal de solidariedade humana com a existência solitária no interior de um mundo vazio e prosaico.”⁵⁴. Coutinho, embasado nos estudos empreendidos por Lukács em seu livro **A teoria do romance**⁵⁵, não reconhece o romance **S. Bernardo** como uma narrativa de formação, posição divergente à nossa, pois, ao que nos parece, a questão da formação é sim tema relevante em **S. Bernardo**, não se restringindo somente à primeira parte da obra literária, sendo inclusive profícuo ao entendimento das questões concernentes a reificação de Paulo Honório.

Empreender a análise da reificação de Paulo Honório neste estágio dos estudos acadêmicos requer, portanto, o entendimento do conceito de Formação (*Bildungsroman*). Ao considerar o conceito de formação na análise do romance **S. Bernardo**, o intuito é o de averiguarmos como se constrói esse caráter reificado do protagonista, tornado-o compreensível para além das ações que o revelam. Tal inserção não nos parece aleatória como procuraremos evidenciar a partir dos muitos elementos que a narrativa nos fornece para a devida associação ao conceito de formação. Para tanto, nós estabeleceremos também a correlação com os estudos elaborados por Lukács, e que Coutinho considerou para a sua alegação em relação ao romance **S. Bernardo**, mostrando que tal teoria, contrastada com o *corpus* em discussão, além de propiciar o entendimento deste, torna patentes os pontos de intersecção entre os preceitos estabelecidos dentro das discussões acerca das delimitações de que obra é ou não um romance de formação, aborda ou não a questão da formação do protagonista.

⁵⁴ *Idem*, 177.

⁵⁵ Cf. LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 1ªed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

2.3 *Bildungsroman*: origem e situação histórica

Desde o início de sua incorporação ao discurso acadêmico, no ano de 1870, o termo *Bildungsroman*, cunhado na Alemanha e considerado ao longo de sua trajetória pela historiografia literária uma forma de romance legitimamente pertencente ao espírito nacional alemão, esteve atrelado à idéia de educação e formação das diversas classes sociais, enquanto, paralelamente o romance como gênero literário firmava-se como literatura digna.

A noção de *Bildungsroman*, cristalizada já na época de sua inserção ao discurso acadêmico, é a de um fenômeno cujas origens confundem-se à própria história do espírito alemão. Formam o núcleo de circunstâncias consideradas pela historiografia como origem do conceito o seu caráter apolítico em relação a incipiente classe média alemã, o excesso de subjetivismo, e o desejo burguês por uma formação universal e pelo equilíbrio entre a subjetividade e a coletividade.

O conceito *Bildungsroman* morfologicamente constitui-se pela justaposição dos radicais *Bildung* (formação) e *Roman* (romance), dois conceitos fundadores do patrimônio das instituições burguesas. O romance de formação integra um “mecanismo de legitimação de uma burguesia que quis ver refletido seus ideais em um veículo literário”⁵⁶, isto é, ao mesmo tempo em que a “classe média alemã ascende em direção à efetivação de sua emancipação política, processo que se reflete na busca pelo auto-aperfeiçoamento e pela educação universal”⁵⁷ reconhece-se o romance como gênero literário voltado para a representação do próprio ideário burguês, deixando de ser uma narrativa trivial, para substituir a epopéia, forma narrativa até então vigente.

Processa-se uma estreita relação entre as condições de produção e de recepção do romance, consumido e editado pela burguesia. Não se representam mais na nova narrativa os seres de capacidades extraordinárias, mas o jovem que busca uma profissão, o auto-aperfeiçoamento, inaugurando-se perante a vida, almejando seu lugar no mundo. O fim desta busca tem em si o reconhecimento político e a legitimação da incipiente burguesia alemã que anseia por ultrapassar os limites estreitos da educação para o

⁵⁶ MASS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O Cânone Mínimo: O Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 200. p. 217.

⁵⁷ *Idem*, p. 22.

trabalho e para a perpetuação do capital herdado. Verifica-se o desejo manifesto da burguesia, enquanto classe, de superar os limites inerentes à sua origem social ao buscar-se a aquisição de cultura pessoal e do exercício da educação como forma de aperfeiçoamento do indivíduo em direção à possibilidade de formação universal. Tais aspirações estavam essencialmente vinculadas ao ideário iluminista (*Aufklärung*), o que levou a associação de formação (*Bildung*) à educação (*Erziehung*). Isto no contexto das últimas três décadas do século XVIII significou a aproximação do romance de formação à noção de processo, compreendido como sucessão de etapas, teleologicamente encadeadas, que integram o aperfeiçoamento do indivíduo, propiciando a este a harmonia e o conhecimento de si e do mundo.

Para tanto, a educação, naquela época, era tida como um meio de moldar e formar o caráter dos homens, e tinha no centro de sua concepção Jean Jacques Rousseau com as origens da educação moderna e a crença na natureza humana compreendida como susceptível a modificações e aperfeiçoamento. O aperfeiçoamento e/ou educação, ficaria a cargo do Estado, que deveria “prover o indivíduo da capacidade de responder por suas obrigações ante esse mesmo Estado, de forma a assegurar a funcionalidade social”⁵⁸. A educação ofertada, entretanto, seria diferenciada, contemplando as devidas classes sociais com uma formação que conviesse e habilitasse cada cidadão dentro de sua respectiva classe, em nome da funcionalidade social, tornando-o melhor para o desempenho de sua função junto à coletividade.

A representação do processo formação/educação configurou-se entre o otimismo Iluminista de educação (*Erziehung*) no sentido de um processo pedagógico que levasse ao desenvolvimento das faculdades racionais do indivíduo e o *bildung* usado para designar uma formação universal, oposta ao sentido de *bildung* burguesa sustentada por uma sociedade de classes.

O conceito *Bildungsroman*, desde sua inserção nos meios acadêmicos, encontra-se atrelado à obra **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**, como formação universal que regula e dirige a trajetória do personagem Wilhelm Meister, ao mesmo tempo em que pressupõe uma postura ativa deste. Conseqüentemente, por haver motivos temáticos e estruturais no que concerne ao desenvolvimento da personalidade de seu protagonista, as palavras *Bildung* (formação), *Erziehung* (educação) e *Ausbildung* (formação especializada) são instâncias que permeiam a sua trajetória.

⁵⁸ *Idem*, p. 32.

A história de vida do personagem Wilhelm Meister diz respeito à trajetória do jovem desde o lar burguês em direção à busca por uma formação e pelo aperfeiçoamento de suas qualidades inatas, sua relação com as várias esferas da sociedade da época, até sua inserção na aristocracia. Esta trajetória, considerada arquetípica, bem como a projeção da figura de Goethe, somadas às condições de origem e à historicidade que impregnam ideologicamente o conceito de *Bildungsroman*, levam-nos a mensurar qualquer obra sob a perspectiva de temática e composição estética considerada como *Bildungsroman* perante o paradigma literário que é **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister**, porém, sem assumir uma postura a-histórica diante do conceito, caso que se viesse a ocorrer restringiria a tarefa da crítica literária a apenas determinar o grau de semelhança com a obra modelar de Goethe. Em outras palavras, utilizar-se de tal conceito, tido como fenômeno tipicamente alemão, não significa encontrar elementos do *corpus* em análise nesta dissertação – **S. Bernardo** – a fim de enquadrá-lo dentro do *hall* de obras como mais um exemplo de *Bildungsroman*, e sim compreender o romance **S. Bernardo** em profundidade analítica, utilizando-se deste conceito em perspectiva histórica, guardada as devidas proporções, e conseqüentemente atualizando tal conceito já que é a singularidade de uma obra literária que deve forjar uma teoria e crítica literária mais contundente e não o contrário, um conceito enrijecer as formas narrativas. Assimilar esta conduta requer uma postura obstinada em compreender o *Bildungsroman* em suas configurações históricas e literárias determinadas, ou seja, mesmo sendo o conceito de *Bildungsroman* historicamente delimitado em suas origens, isso não impede sua apropriação por épocas histórico-literárias outras que não a do contexto alemão quando se tem sua gênese, demonstrando que o conceito tem sofrido transformações ao longo de sua existência justamente por ser um produto de configurações históricas.

O próprio decurso histórico, segundo Maas, interfere nas possibilidades de formação de Wilhelm Meister. Este, da ânsia de uma formação universal como se observa em **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, acaba por ver-se fadado a uma formação especializada (*Ausbildung*) em **Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister**, romance publicado quase trinta anos depois de seu predecessor. Neste romance a formação universal humanístico-filosófico cede lugar à concepção utilitarista de formação circunscrita e harmonizada com as vivências de técnica e do acúmulo de capital, apresentando-se como uma necessidade de integração social. Ao se indicar a transformação na concepção de um mesmo escritor – no caso, Goethe – quanto à noção

de formação, em decorrência do passar dos anos, literariamente observam-se as determinações, as conjunturas históricas a que se sujeita o conceito de formação.

Mass, ao reparar na utilização do verbo *ausbilden*, verbete que encerra em si o sentido de um desenvolvimento de habilidades específicas, infere que a propositada utilização deste verbo prenuncia a condição futura de Wilhelm Meister de ter que renunciar à tão almejada formação universal⁵⁹. Na carta que Wilhelm Meister endereça a Werner em **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, esta palavra poderia muito bem não ter sido utilizada, já que Meister ambicionava uma formação universal, como fica exposto. Em conformidade com o desejo de formação universal, seria mais condizente empregar o verbete *bilden* por expressar um conteúdo mais amplo no sentido de uma formação para a vida e não apenas para fases da vida prática. O emprego voluntário do verbo *ausbilden* assinala a futura abdicação do protagonista a uma formação universal em **Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister: aqueles que renunciam (Wilhelm Meister Wanderjahre: Die Entsagenden)**. Portanto, se considerarmos o encaminhamento dado à questão da formação do protagonista, integrando à lista de romance de formação o terceiro livro de Goethe, que é **Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister**, como sugere Maas, observaremos as transformações a que a própria idéia de formação sofre no decurso do tempo histórico.

Levando-se em consideração a formação especializada (*ausbilden*), se observarmos a narrativa **S. Bernardo**, verificaremos na trajetória de vida do protagonista Paulo Honório uma formação especializada para o acúmulo do capital, fim último de seu caráter reificado. A especialização de sua formação evidencia-se no momento em que este, ao criticar dona Glória, tia de Madalena, aponta-lhe a incapacidade de especializar-se em uma tarefa só, e de preferência rentável, como ele procedera. Sem nos aprofundarmos por enquanto nesta questão da formação especializada no romance **S. Bernardo**, advertimos apenas que a distância histórica existente entre **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, publicado em 1796 na Alemanha, e **S. Bernardo**, publicado em 1934 no Brasil, altera substancialmente a formação a que almejam seus respectivos protagonistas.

Entre os séculos XVIII e XX, a história tem registrado uma expansão e consolidação do sistema capitalista e seu modo de produção. Neste período, a burguesia passou a integrar o modelo de classe social a ser copiado em seus valores e ideologia.

⁵⁹ Cf. MASS, *op. cit.*, p. 20.

Na incipiente classe burguesa alemã do século XVIII, a qual se vê representada por Wilhelm Meister, em seus anseios por expandir os limites de sua classe ao desprezar uma formação especializada, a formação universal, reservada a classe aristocrata, ainda era o modelo a se seguir.

Já nos anos trinta do século XX, o Brasil que, desde o início do referido século, vinha modernizando-se gradativamente, mesmo com todas as suas contradições, passa a incorporar o modo de produção capitalista como novo sistema vigente ao mesmo tempo em que os modos de produção aqui existentes vêm-se em decadência. Isso torna possível a presença de um novo homem para o contexto histórico brasileiro que passa a assimilar os valores da burguesia enquanto classe dominante. Vale ressaltar que a burguesia já está consolidada em outros contextos enquanto classe que impõe seus ideais às demais camadas da sociedade. Paulo Honório enquanto forma-se, tendo em mente os valores da burguesia ao admitir relações reificadas, a obtenção do lucro incondicionalmente e estando imbuído do sentimento de propriedade, é também produto das transformações históricas brasileiras que admitem a presença de um burguês como ele, um novo homem brasileiro. Para potencializar o acúmulo de capital, lhe é exigida a especialização de sua formação, o que admite sem questionamentos. As determinações históricas influem na idéia de formação; neste caso, a formação especializada (*ausbildung*) vigora em detrimento de uma formação mais universal. Precisamente pela capacidade de adequação histórica do conceito de formação (*bildungsroman*), a noção de formação, como expusemos, neste caso altera-se sensivelmente.

Entendendo o conceito como passível de transformações e, portanto, de sentido amplo ao se defrontar com configurações históricas e literárias determinadas, Mikhail Bakhtin irá estabelecer graus de desenvolvimento para os personagens do romance de educação. Assim como Bakhtin, Georg Lukács, em uma abordagem histórica, mas também filosófica, tenta compreender o romance de formação. Enquanto o primeiro admite no decurso da história obras que, de acordo com o grau de assimilação do tempo histórico, representam um determinado tipo de romance de educação, o segundo verá no romance de formação a possibilidade última de reconciliação entre o indivíduo e a realidade social. Ambos reconhecem em suas tipologias da forma romanesca **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister** como romance de educação/formação. Buscando delimitar o enquadramento da modalidade de romance de formação (*bildungsroman*) dentro dos estudos literários da forma romanesca, adiante faremos uma explanação concernente à tipologia estabelecida por Lukács e por Bakhtin.

2.4 Tipologia de Lukács

Lukács⁶⁰, em uma abordagem histórico-filosófica, procura compreender o gênero romanesco, expressão literária de configurações elusivas por encerrar em sua própria forma literária, além das temáticas abordadas, a problemática da cultura moderna em sua complexidade. Suas colocações, contrapostas ao caráter aproblemático da epopéia, em que o herói e o mundo estão em conformidade e enleados pela presença de divindades, apontam o romance como a forma em que o herói e o mundo encontram-se em discordância, situação presumível, por não haver mais qualquer condição de restituir-se a liberdade da alma diante da realidade, esta que cada vez mais restringe o campo de atuação daquela. A tipologia estabelecida por Lukács deflui precisamente da discordância entre essas duas naturezas que são o indivíduo e a sociedade com seu conjunto de valores. As formas romanescas, de acordo com a classificação lukacsiana, são três: o idealismo abstrato, o romantismo da desilusão e o romance de formação.

O herói do idealismo abstrato é anacrônico em relação ao mundo exterior. Não há correspondência entre a interioridade e a objetividade, o que o leva a agir em relação ao mundo sempre de forma conflituosa. O conflito estabelece-se, pois; ao perseguir seus objetivos, o herói, obstinado, compreende a realidade de maneira turva ao abstraí-la sempre pela ótica de seus objetivos. Esse seu olhar enviesado limita sua percepção do mundo e o dispensa de qualquer problemática em sua trajetória, resultando em uma série de aventuras. Aproblemático, o herói prossegue em sua trajetória sem questionar seus próprios atos e aprender diante de experiências vivenciadas, permanecendo fixo em seus ideais. Consequentemente, o herói, pertinaz na busca de um ideal, num contínuo descompasso com a realidade, expressa na atividade exacerbada deste, tenta modificar a realidade, mas esta permanece inalterável. Mesmo possuidor de uma alma estreita, ao acreditar em uma ordem transcendental que lhe confere certo caráter épico, as ações desse tipo de herói, diferentemente do herói épico, não repercutem no contexto em que atua, revelando o abismo entre as duas naturezas.

O herói do romantismo da desilusão revela outro tipo de inadequação entre a alma e a realidade. Estabelece-se uma relação inversa à anterior, pois nesse tipo de romance o herói possui a alma mais ampla que o mundo exterior, condição proveniente da exacerbada atividade mental – excesso de pensamento – que averigua as muitas

⁶⁰ Cf. LUKÁCS, *op.cit.*

possibilidades em detrimento das intervenções no mundo. Herdeiro do idealismo abstrato ao sucedê-lo no tempo e na história e conceitualmente em termos histórico-filosóficos, o indivíduo desse tipo de romance já pressupõe sua derrota diante da realidade e, portanto, nem chega a agir. Compreendendo o que se sucedera com o herói do idealismo abstrato, o herói do romantismo da desilusão recolhe-se em si mesmo, não compactuando com o mundo e procurando viver de acordo com seus princípios e valores. Ao recolher-se em sua interioridade, o herói isola-se, assume uma postura mais contemplativa do que ativa, se vê desvinculado do mundo e posto na centralidade desse tipo de romance. Seu caráter passivo faz com que o romance se componha em torno de reflexões, memórias, esperanças e estados de ânimo.

No romance de formação, por ser seu tema a “reconciliação do indivíduo problemático, guiado pelo ideal vivenciado, com a realidade social concreta” ⁶¹, havendo um equilíbrio entre atividade e vontade de intervir do indivíduo no mundo, a partir da ação consciente, conduzida e direcionada por um determinado objetivo advindo de uma vontade de formação, o herói está a meio caminho entre o herói do idealismo abstrato e o herói do romantismo da desilusão, constituindo-se em uma possibilidade de síntese dialética na medida em que se admitem características dos outros tipos, e ao mesmo tempo este herói busca superá-los.

Por haver, para este herói, a possibilidade de intervir com ações sobre a realidade social, a articulação entre mundo exterior, profissão, classe, etc., torna-se de fundamental importância, como substrato da ação social para o tipo humano.

Ao tornar-se fazendeiro, Paulo Honório vê suas ações repercutirem mais favoravelmente em função da realização de seus interesses afim de que os mesmos sejam objetivados, além de elucidar na narrativa seu caráter reificado, ou seja, esta condição de senhor de terras também é relevante para a compreensão de seu caráter reificado, na medida em que este incorpora valores da decadente classe oligárquica com o intuito de implementar suas ações reificadas.

Ora, para que o romance **S. Bernardo** se enquadre na classificação lukacsiana como romance da desilusão, como o quer Coutinho, a profissão deve perder toda sua importância, assim como o casamento e a família, enquanto estrutura decisiva para as relações que permeiam a trajetória do protagonista Paulo Honório, o que não ocorre. Se há uma desilusão em **S. Bernardo**, está não pode ser compreendida sem a trajetória de

⁶¹ LUKÁCS, *op. cit.*, p. 138.

vida do protagonista, sem o entendimento e a aceitação de que esta é resultado de uma vida reificada, e que a vida reificada de Paulo Honório não se configura como um pressuposto do protagonista diante da realidade, mas o contrário, esta vida é consequência de uma formação projetada face à realidade vivenciada por ele.

2.5 Tipologia de Bakhtin

Bakhtin procura, ao dedicar-se à análise do romance de educação e sua importância na história do realismo, estabelecer uma tipologia do gênero romanesco, classificando, a partir da identificação do princípio de construção da imagem da personagem central, as diversas modalidades do gênero⁶². As modalidades em análise são: o romance de viagens, o romance de provação, o romance biográfico (autobiográfico) e o romance de educação.

No romance de viagens a personagem é sem características essenciais e não constitui o enfoque de elaboração artística do romancista. O romancista preocupar-se-á efetivamente com a diversidade espacial e socioestática, procurando desenvolver e mostrar o mundo a partir do deslocamento da personagem no espaço através de viagens e, em alguns casos, peripécias⁶³. Desta forma, o mundo está em contato por seus contrastes e diferenças que aproximam os espaços. As situações contrastantes, diferentes e opostas compõem a vida de maneira alternada. O tempo nesse tipo de romance carece de tempo histórico por utilizar-se do tempo de aventura. Como consequência da ausência do tempo histórico, praticamente inexiste vínculos essenciais, inexiste a concepção de totalidade, o que torna a percepção dos fenômenos socioculturais estranhos, e a imagem que se tem do homem, assim como do mundo, é de absoluto estatismo. A condição estática do romance de viagens é incompatível com a

⁶² BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁶³ “Esse tipo de colocação da personagem e construção do romance caracteriza o naturalismo antigo (Petrônio, Apuleio, as peregrinações de Encólpio, etc., as peregrinações do asno Lúcio) e o romance picaresco europeu: *Lazarillo de Tormes*, *Gusmán de Alfaraché*, *Francion*, *Gil Blás*, etc. Em uma forma ainda mais complexificada, o mesmo princípio de enformação da personagem predomina no romance picaresco de aventura de Defoe (*O Capitão Singleton*, *Moll Flanders*, etc.), no romance de aventura de Smollett (*As aventuras de Roderick Random*, *A expedição de Humphry Clinker*). Por último, o mesmo princípio com outras complexificações embasa algumas modalidades do romance de aventuras do século XIX, que deu continuidade à linha do romance picaresco.” BAKHTIN, *op. cit.*, p. 206.

formação, o desenvolvimento do homem. Se se muda a posição do homem, como no romance picaresco, em que de pobre passa a rico ou de vagabundo torna-se nobre, todavia este inalterado permanece, pois o romance de viagens desconhece seu desenvolvimento e formação.

O romance de provação é subdividido em quatro modalidades de acordo com o momento histórico: o romance grego, as hagiografias, o romance de cavalaria medieval e o romance barroco. As referidas modalidades históricas de romance de provação possuem alguns traços essenciais em comum. Encontramos nesse tipo de narrativa uma personagem com qualidades que serão testadas no decorrer da narrativa. Suas virtudes serão experimentadas a todo o momento em um mundo definido e inalterado. O romance de provação é sempre marcado por um desvio no curso da vida biográfica e social, justamente onde se tem início o enredo. O enredo encerrar-se-á com a normalidade no curso da vida restabelecida. Independente de qual seja o acontecimento que surja no enredo, vindo a interferir no fluxo normal da vida, não há condições para um processo de mutabilidade da vida. É circunstancial, para a habitual e inalterada condição biográfica e de vida social, a organização das aventuras desprovidas de significação e tipicidade biográficas e sociais reais, ou seja, ausência de tempo histórico⁶⁴. Tanto o mundo quando o herói é invariável. A personagem central não vivencia um processo de formação diante do mundo e não é capaz de modificá-lo, permanecendo ambos inalterados.

“Entre o herói e o mundo não existe interação autêntica; o mundo não é capaz de mudar o herói, ele apenas o experimenta, e o herói não influencia o mundo, não lhe muda a face; ao passar pela provação, ao afastar seus inimigos, etc., o herói deixa no mundo tudo nos seus lugares, não modifica a face social do mundo, não o reconstrói, e aliás nem tem essa pretensão. O problema da interação do sujeito e do objeto, do homem e do mundo não se coloca no romance de provação.”⁶⁵

O romance de provação, surgido no mundo antigo, subdivide-se em duas modalidades fundamentais: o romance grego e as hagiografias do início do cristianismo.

Característico do romance grego é a provação da pureza e fidelidade amorosa de heróis idealizados. Em relação ao homem, sua imagem é complexa devido à existência

⁶⁴ “É verdade que o barroco cria também o romance histórico de provação (por exemplo, *Cyrus de Acudéry*, *Arminius e Thusnelda* de Lohenstein), mas esses romances são quase-históricos e neles o tempo também é quase-histórico.” *idem* p. 211.

⁶⁵ BAKHTIN, *op. cit.*, p. 212.

de conceitos e categorias⁶⁶ jurídico-retóricos de culpabilidade que a impregnam, diferenciando-se do homem presente nas narrativas de viagens. Esta imagem complexa não significa, todavia, qualquer processo de formação. As personagens do romance grego de provação são, por sua realidade abstrata, de natureza estática e caracteres imutáveis, desprovidas de qualquer desenvolvimento que as mude ou forme diante de uma experiência vivenciada.

Nas hagiografias, a imagem do homem e a idéia de provação alteram-se ideologicamente de maneira substancial. A idéia de provação dessa modalidade compreende sofrimentos ou seduções e aprofunda-se ideologicamente em seu caráter ao precisar a provação da fé pela dúvida. Já para o homem torna-se imprescindível o *habitus* e a vida interior como componentes caracterizantes de sua imagem. O ideal pronto e condicionado a aceitação dogmática, no caso da provação em hagiografias, revela um herói predeterminado e acabado, tão estático quanto o ideal. Como não há movimento não há experiência que forma ou modifica. Diante das dúvidas, seduções e sofrimentos em que se encontra, o herói de provação permanece inalterado. A questão central para as hagiografias do início do cristianismo é precisamente a imutabilidade da personagem que desconhece em contrapartida qualquer processo de formação.

Tanto o romance grego quanto as hagiografias são modalidades que influíram significativamente em grande parte do romance de provação da idade média. Ambos determinaram consideravelmente o romance medieval de cavalaria. A idéia de provação, em certo tipo de modalidade no âmbito do romance de cavalaria, deveu-se a prevalência de elementos cortesões, cristãos e místicos. Posteriormente, a última modalidade, e a mais significativa e influente historicamente no contexto europeu, é o romance barroco de provação.

O romance barroco⁶⁷, extraindo todas as possibilidades da idéia de provação na elaboração de enredo, o que lhe propicia certa abrangência, é a modalidade que revela

⁶⁶ “(...) inocência, julgamento -, absolvição, acusação, crime, virtude, mérito, etc., que pairaram durante tanto tempo sobre o romance, determinaram a colocação da personagem no romance como acusado ou cliente e transformaram o romance numa espécie de julgamento da personagem central. As categorias jurídicas, retórico-jurídicas no romance grego são constantemente estendidas também ao mundo, transformando acontecimentos em *casus*, objetos em provas etc. Todas essas teses se desenvolvem com base na análise do material concreto do romance grego.” *idem*, p. 208.

⁶⁷ “O romance barroco é o tipo mais puro e coerente de *romance heróico*, que revela uma peculiaridade da heroificação romanesca em sua diferença em face da épica. O barroco não admite nada de mediano, normal, típico, habitual; tudo aí é levado as mais grandiosas proporções. Aqui, o patos jurídico-retórico também está expresso de modo sumamente nítido e coerente. A organização da imagem do homem, a seleção dos traços, a sua vinculação em um todo, os modos de atribuição dos atos e acontecimentos (‘do

de maneira mais clara a idéia de educação em suas possibilidades organizacionais e, simultaneamente, a estreiteza e limitação da idéia de educação como possibilidade de penetração realista na realidade. O romance barroco de provação viria em seu desenvolvimento a se bifurcar no romance heróico de aventura e o romance sentimental patético-psicológico alterando-se substancialmente, em especial no último ramo onde surge uma heroificação original do fraco. Assim, o que se observa nos séculos XVIII e XIX é que o romance de provação adquire novas feições:

“A própria idéia de provação na história subsequente é completada por um conteúdo ideológico dos mais diversos; assim é o tipo (no romantismo tardio) de provação da vocação, da genialidade, da qualidade de escolhido; outra modalidade é a provação dos *parvenus* napoleônicos no romance francês, a provação da saúde ideológica e da adaptabilidade à vida (Zola), a provação da genialidade artística e paralelamente da utilidade do artista para a vida (*Künstlerroman*), por último, a provação do reformista liberal, do nietzschiano, do amoralista, da mulher emancipada e toda uma série de outras modalidades na produção romanesca de terceira categoria da segunda metade do século XIX.”⁶⁸.

Isso se deve em parte ao romance biográfico a ao romance de educação. Essas modalidades influem também na idéia de educação. Esta idéia continua a existir, só que há uma complexificação do herói, proveniente da própria idéia de provação que passa a abranger em sua composição, dando-lhe vigor, uma natureza densa, juntamente com uma psicologia⁶⁹ complexa que gravita em torno do herói. Dessa forma, constata-se que o romance realista francês – Balzac, Stendhal, por exemplo – tem por tipo basilar o romance de provação.

O romance biográfico não chegou a constituir uma forma pura, mesmo havendo realmente um princípio de enformação biográfico (autobiográfico) da personagem do romance. Todavia, por uma série de peculiaridades em comum, essa modalidade é encontrada em diversos períodos históricos⁷⁰. Seu enredo baseia-se no curso normal e

destino’) a uma imagem do herói são determinados por sua defesa (apologia), justificação, glorificação ou, ao contrário, por sua acusação, seu desmascaramento.” *Idem*, p. 209-210.

⁶⁸ *Idem*, p. 212 - 213.

⁶⁹ “Uma conquista substancial do romance de provação no campo da elaboração da categoria de tempo é o *tempo psicológico* (particularmente no romance barroco). Esse tempo possui sensibilidade subjetiva e durabilidade (na representação do perigo, das expectativas angustiantes, da paixão não saciada, etc.). Mas esse tempo psicologicamente colorido e concretizado carece de localização substancial até mesmo no conjunto do processo vital do indivíduo.” (*idem*, p. 211).

⁷⁰ “A forma biográfica no romance apresenta as seguintes modalidades: a velha forma ingênua (ainda antiga) do êxito-fracasso; depois os trabalhos e as obras; a forma confessional (biografia-

típico da vida, diferentemente do que se verifica no romance de viagens e provação, ou seja, a trajetória de vida desde o nascimento, passando pela infância, “anos de aprendizagem, casamento, construção do destino, trabalho e afazeres, morte, etc.”⁷¹. Por ser basilar a trajetória de vida no enredo, nesta modalidade os acontecimentos subordinam-se à existência de um tempo biográfico. O tempo biográfico, por sua vez, estabelece um vínculo com o real. Assim, os acontecimentos são tidos por limitados, irreversíveis e singulares por estarem conjugados ao processo vital. Conforme Bakhtin,

“no fundo [...] constrói-se a representação de acontecimentos particulares e aventuras em grande plano, mas os instantes, as horas, e os dias desse grande plano são de natureza não aventureira mas subordinados ao tempo biográfico, estão imersos nele e nele completados pela realidade.”⁷².

Deve-se acrescentar o fato de que o tempo histórico e sua duração são representados nas gerações que introduzem um elemento novo: “os contatos de vidas de tempos diferentes (a correlação das gerações e os *encontros* do romance de aventura)”⁷³. Independente do fato de a duração de tempo estar restrita à vida biográfica inevitavelmente inserida em uma época, é precisamente por vincular-se a uma época – momento de um processo mais longo do tempo histórico – que o romance biográfico viabiliza a representação realista mais profunda da realidade; porém, “o romance biográfico ainda desconhece o tempo autenticamente histórico”⁷⁴. A personagem neste caso ainda padece de uma formação. Mesmo caracterizado por traços positivos e negativos e visando resultados reais, o homem permanece inalterado. A sucessão de acontecimentos não lhe modifica a natureza, mas apenas integra-se ao seu destino.

Todas as modalidades até aqui abordadas possuem em comum a impossibilidade de formação da personagem. Todavia, observa-se uma relativa transformação do homem. Esta transformação deve-se à gradativa assimilação do tempo histórico que influi em sua imagem. Esse processo abre caminho para um desenvolvimento e formação realmente substancial da personagem, que em determinado ponto deixa de ser uma grandeza constante e passa a ser uma grandeza variável, tornando-se a própria imagem do homem em formação algo significativo no enredo, ou seja, passa-se a

confissão); a forma hagiográfica; por último, no século XVIII forma-se a mais importante dessas modalidades: o romance biográfico familiar.” (idem, p. 213).

⁷¹ *Idem*, p. 213.

⁷² *Idem*, p. 214.

⁷³ *Idem*, p. 215.

⁷⁴ *Ibidem*.

“*formação substancial do homem*”⁷⁵, a imagem do homem em formação no romance. Esse tipo mais raro, segundo Bakhtin, é o romance de educação.

O romance de educação (*Erziehungsroman* ou *Bildungsroman*), modalidade do gênero romanesco, compreende uma determinada série de obras de períodos históricos o mais variado⁷⁶, podendo-se acrescentar ou restringir essa determinada lista por critérios puramente composicionais. Os critérios podem ater-se estritamente ao processo de educação da personagem, o que delimita a série, ou considerar apenas a presença de elemento de desenvolvimento da personagem, o que amplia a mesma série. Desde que se considere elemento central da narrativa o homem em formação, como resultado verifica-se que

“Alguns romances são de natureza substancialmente biográfica e autobiográfica, outros não; em alguns, o princípio de organização é a idéia puramente pedagógica de educação do homem, em outros ela simplesmente não existe; alguns são construídos em plano rigorosamente cronológico de desenvolvimento educacional da personagem central e carecem quase inteiramente de enredo, outros, ao contrário, têm um complexo enredo aventuresco; são ainda mais substanciais as diferenças vinculadas à relação desses romances com o realismo, particularmente com o tempo histórico real.”⁷⁷.

Considerando-se, portanto, esta perspectiva de Bakhtin, tem-se uma excessiva heterogeneidade de fenômenos teóricos e históricos, pois a formação é muito diversificada, dependendo “do grau de assimilação do tempo histórico real”⁷⁸. Em outras palavras, é devido ao grau de assimilação do tempo histórico pela obra que a personagem no romance de educação terá um determinado tipo de formação. Isto o leva a subdividir o romance de educação em cinco tipos.

De natureza cíclica, o primeiro tipo corresponde ao tempo idílico, quando se pode observar a trajetória do homem e as alterações referentes às suas concepções do mundo e sua interioridade, que se processam em decorrência da mudança da idade

⁷⁵ *Idem*, p. 218.

⁷⁶ Os protótipos básicos dessa modalidade são: “*Ciropédia* de Xenofonte (Antiguidade), *Parzival* de Wolfram von Eschenbach (Idade Média), *Gargântua e Pantagruel* de Rabelais, *Simplicissimus* de Grimmshausen (Renascimento), *Telêmaco* de Fénelon (Neoclassicismo), *Emílio* de Rousseau (uma vez que nesse tratado de pedagogia existe uma considerável elemento de romance), *Agathon* de Wieland, *Tobias Knaut* de Wetzel, *Biografias em linha ascendente* de Hippel, *Wilhelm Meister* de Goethe (os dois romances), *Titã* de Jean Paul (e alguns outros romances seus), *David Copperfield* de Dickens, *O pastor da fome* de Raabe, *Henrique, o Verde* de Gottfried Keller, *O felizardo Pierre* de Pontoppidan, *Infância, Adolescência e Juventude* de Tolstói, *Uma história comum* e *Oblômov* de Gontcharov, *Jean-Christophe* de Romain Rolland, *Os Buddenbrook* e *A montanha mágica* de Thomas Mann, etc.” *Idem*, p. 218.

⁷⁷ *Ibidem*.

⁷⁸ *Idem*, p. 220.

desde a infância até a velhice. A formação repete-se em cada vida por sua natureza cíclica.

O segundo tipo, assim como no primeiro, também correspondente a uma formação cíclica, só que neste caso não há um vínculo tão estreito com a idade; aqui se observa uma trajetória do homem que vai do idealismo e da natureza sonhadora perceptível na fase juvenil até a maturidade e a praticidade da vida adulta, tornado-se cético e resignado. A vida e o mundo são encarados como uma experiência, uma escola, “pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar e levar dela o mesmo resultado – a sobriedade com esse ou aquele grau de resignação.”⁷⁹.

O terceiro tipo de formação processa-se no tempo biográfico (autobiográfico), não havendo, como nos outros dois tipos, o elemento cíclico. Todas as atividades e acontecimentos determinam a formação do homem. O destino do homem, ao mesmo tempo em que se constitui, forma o caráter do homem.

O quarto tipo baseia-se em uma idéia pedagógica que intervém de acordo com os propósitos educacionais no processo de educação. A partir de princípios didático-pedagógicos obtém-se uma formação.

Sendo o romance de formação de tipo realista, o quinto tipo, por apresentar a formação do homem atrelada à formação histórica, é o mais importante. “O homem se forma *concomitantemente* com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo.”⁸⁰. A plena assimilação do tempo histórico faz com que a formação da personagem não mais se restrinja ao âmbito pessoal, ou seja, deixe de ser uma formação de ordem privado-pessoal. Essa formação passa a refletir a transição de duas épocas e se efetua através do homem e no próprio homem. Verifica-se, conseqüentemente, um homem historicamente novo que expõe através de si e de sua formação uma série de problemas da realidade bem como as possibilidades que lhe cabe diante das mudanças que se processam no mundo. Exemplo desta modalidade, dentre outros, é o romance **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe.

O estudo estabelecido por Bakhtin é bastante flexível e seu critério possibilita a correlação do romance **S. Bernardo** com alguns aspectos de sua tipologia. O romance **S. Bernardo** classificar-se-ia a princípio como um romance autobiográfico; é o personagem Paulo Honório quem narra sua trajetória de vida; essa trajetória, todavia, revela uma formação do protagonista Paulo Honório, o que o enquadraria no terceiro

⁷⁹ *Idem*, p. 220.

⁸⁰ *Idem*, p. 222.

tipo de romance de educação. Só que a formação do protagonista está diretamente vinculada a um determinado momento histórico, refletindo em si a nova formação histórica e, portanto, enquadrando-se precisamente no quinto tipo estabelecido por Bakhtin que é o romance de formação de tipo realista. Ora, ao compreendermos o tempo histórico como abordado por Bakhtin, por suas características, Paulo Honório apresenta traços de um burguês, voraz no acúmulo de capital mediado pela relação reificada, justamente porque a ordem até então vigente – as oligarquias – encontra-se em decadência. Paulo Honório representa o surgimento de um novo homem histórico no contexto brasileiro. Este processo de formação é fundamental para a compreensão do desenvolvimento do enredo e conseqüentemente do caráter reificado de Paulo Honório, fim último a que recorremos ao conceito de formação. A crítica literária já bem demonstrou a existência de relações reificadas no romance de Graciliano Ramos, agora se faz *mister* aprofundar o entendimento do conceito de reificação como categoria que influi incisivamente na fatura da obra, partindo da idéia de formação do homem reificado que é Paulo Honório. Destarte, compreendida a necessidade e a viabilidade de utilizar-se o conceito de formação, não podemos deixar de fazer uma ressalva quanto à idéia de admitir-se o romance de formação (*Bildungsroman*) como gênero literário, pois tal admissão implica categoricamente na obstrução do conceito enquanto categoria analítica, além de ser equivocado.

2.6 *Bildungsroman*: forma romanesca ou gênero?

Bakhtin estabelece sua tipologia da forma romanesca tendo como critério a assimilação do tempo histórico. Essa assimilação interfere no tempo-espço e na imagem do homem no romance. É exclusivamente baseado no tempo histórico real que ele se orienta. Sua tipologia não pretende atrelar a constituição do romance de educação a outras modalidades senão em relação à projeção do tempo histórico como elemento que os distingue ao influir em aspectos da composição.

Diferentemente, Wilma Patrícia Maas pretende estabelecer uma genealogia do romance de educação que não restrinja a referida modalidade simplesmente como um tipo, mas sim lhe dê o estatuto de gênero. Ela não estipula uma tipologia, porém recorre às mesmas modalidades utilizadas por Bakhtin para demonstrar a validade de sua proposição.

Para o estabelecimento de uma tradição romanesca da formação e do desenvolvimento, Maas considera, ao corroborar com Jacobs, como pressuposto fundamental, as autobiografias como **As Confissões**⁸¹ (1791) de Jean-Jacques Rousseau. Esta obra, por prenunciar o fenômeno burguês do *Bildungsroman* enquanto procedimento de investigação interior e de auto-exposição ao público a que recorre seu autor, congrega o desejo do indivíduo burguês de ver-se refletido na obra de arte ao mesmo tempo em que esta lhe é um veículo e uma necessidade de expressão individual. Já **Emílio ou Da Educação** (1762) referenda o caráter individual inerente a cada homem por compreender a educação como algo que, embasado em preceitos, adequar-se-ia às suas qualidades e tendências naturais. O que Maas pretende com isso é estabelecer os antecessores genealógicos mais próximos do *Bildungsroman*.

Prosseguindo em seu objetivo, Maas passa à literatura picaresca. Reconhecendo as especificidades das condições históricas⁸² em que surgem o romance picaresco e o paradigma *Bildungsroman*, ela admite uma proximidade entre as duas modalidades – para ela gêneros – pelo fato de ambas possuírem uma mesma trajetória que vai da origem dos respectivos conceitos à sua expansão; mesmo atrelado à carga de tradição existente na origem do conceito, o gênero, em seu desenvolvimento, não compartilharia os pressupostos históricos e sociais que permitiram justamente sua evolução. Também existe uma outra identificação entre as duas formas narrativas se se considerar que o “protagonista de ambas é um indivíduo que ainda não desenvolveu suas qualidades

⁸¹ “(...) na autobiografia de Rousseau, a questão da formação da personalidade entra como que de viés, sem que se possa falar da presença direta da preocupação com a educação e com a formação da personalidade. Essas questões, essenciais para o pensamento da época e para o próprio Rousseau, encontram-se certamente em sua autobiografia. Porém, *As confissões* foram escritas sob outra perspectiva, mais determinante no texto, por meio do qual Rousseau, em seu exílio em Londres, visava a um ajuste de contas, um balanço final de sua vida narrado por ele mesmo vistas a influenciar a opinião pública contemporânea. O grande objeto d’*As confissões*, ao longo de todas as suas páginas, é o cidadão genebrino e o indivíduo Jean Jacques Rousseau, sua história pessoal, suas motivações e seus julgamentos da sociedade contemporânea.” MAAS, *op. cit.*, p. 66-67.

⁸² “Ambos têm origem em condições históricas muito bem delimitadas. Enquanto o surgimento da narrativa picaresca na Espanha ‘pode ser encarada como uma forma de conscientização da desintegração do mundo feudal na Espanha’ (González, 1994, p. 229), o surgimento do paradigma do *Bildungsroman*, na Alemanha, é contemporâneo do momento de transição entre a economia feudal latifundiária e o prenuncio da fase econômica e política em que os ideais e privilégios da aristocracia serão dissolvidos em meio ao tecnicismo e o cientificismo burguês.” *Idem*, p. 71.

espirituais e intelectuais”⁸³, mesmo que a trajetória de cada protagonista difira. Em seu livro, a autora ainda lembraria um trecho da narrativa **Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister** em que a atitude do protagonista assemelhar-se-ia a um expediente de trapaça característico da narrativa picaresca, a fim de endossar sua proposição de que este tipo de narrativa é outra linhagem com a qual o *Bildungsroman* dialoga. Recorre também ao fato de Friedrich Von Schiller haver comparado o romance de Goethe com uma obra integrante da narrativa picaresca. No século XX um exemplo harmonioso da relação entre as duas tradições narrativas é as **Confissões do impostor Felix Krull**, obra de Thomas Mann que comporta, para Maas, os limites de ambas.

Ainda, segundo Maas, a literatura pietista,⁸⁴ ao compreender a preocupação com o desenvolvimento espiritual do indivíduo para consigo, possibilita a caracterização do conceito religioso de formação que, secularizado, acabou por contribuir para que a forma do romance burguês se fixasse na Alemanha luterana desde as primeiras décadas do século XVIII. Buscando exemplificar tal correlação, somos advertidos de que há o relato de uma conversão pietista como componente estrutural incluso no livro cinco do referido romance de Goethe, intitulado *Confissões de uma bela alma*. Esta “contribuição” seria um reforço à legitimidade de uma genealogia do *Bildungsroman* como gênero, assim como as outras correlações estabelecidas.

Por fim, Maas irá incluir o romance de aventura e de viagens no quadro de narrativas integrantes do processo de estabelecimento do *Bildungsroman*; para tanto, Maas apóia-se em Ernest Ludwig Stahl e Wilhelm Vosskamp. Estes, segundo Maas, alegam que a transformação de tais narrativas em narrativas da evolução da personalidade e do caráter individual deve-se ao caráter espiritual alemão tendencioso à interiorização e à subjetivação de processos e acontecimentos.

Com isso estabelecem-se a influência de modelos de descrição para além dos limites morfológico-normativos que contribuem para a constituição do *Bildungsroman* como signo e gênero literário.

⁸³ MAAS, *op. cit.*, p. 72.

⁸⁴ “Comuns na Alemanha luterana e pietista desde as primeiras décadas do século XVIII, os testemunhos de conversão e os apontamentos autobiográficos dos indivíduos ‘renovados’ e ‘renascidos’ descreviam a trajetória individual do crente desde sua vida pregressa até o momento da conversão mística ao pietismo.” *Idem*, p. 74.

“As relações com a autobiografia moderna, com as confissões pietistas, com o romance picaresco, com os relatos de viagem e aventura, dão a medida do caráter empírico presente na constituição do conceito de *Bildungsroman* e revelam a função cognitiva dos gêneros literários. É apenas pelo acompanhamento da história do *Bildungsroman* como história dinâmica do gênero que será possível compreendermos sua própria natureza”⁸⁵.

Ao se dispor, entretanto, a observar como as enciclopédias compreendem o verbete *Bildungsroman*, Maas identifica em comum a citação de quatro obras⁸⁶ que, não obstante significativas, são incapazes de sustentar a idéia de haver um gênero. Se se busca justamente configurar um gênero através da correlação entre aspectos comuns entre narrativas de períodos diferentes e/ou etapas que antecedem e contribuem para a compreensão do *Bildungsroman* enquanto gênero, como procede Maas, não ser possível determinar o gênero, por haver um denominador comum de obras que pertenceriam ao gênero *Bildungsroman* é algo contrário à própria proposição de Maas. Uma saída, uma possibilidade de se admitir o *Bildungsroman* como gênero é a proposição de Jürgen Jacobs. Para ele, pertencerão ao gênero obras em que se verifique no centro da história um jovem protagonista que, em meio a uma sucessão de enganos e decepções, se conduza a um equilíbrio com o mundo. Parte constituinte de uma história de formação, esse equilíbrio é relatado de modo irônico e reservado. Acrescentem-se ainda as seguintes características ao *Bildungsroman*:

“O protagonista deve ter uma consciência *mais ou menos* explícita de que ele próprio percorre não uma seqüência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo; a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento; além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais e eróticas [sic], experiência em um campo profissional e eventualmente também contato com a vida pública, política.”⁸⁷.

⁸⁵ *Idem*, p. 80.

⁸⁶ As obras são: **Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe; **Der Grüner Heirinch** (Henrique o Verde), de Gottfried Keller; **Der Nachsommer** (Veranico), de Stiffer; **Glasperlenspiel** (O jogo das contas de vidro), de Hermann Hesse.

⁸⁷ *Idem*, p. 62.

É nítida a preferência por aspectos conteudísticos como justificativa para estabelecer-se o *Bildungsroman* enquanto gênero; o reconhecimento, a delimitação e existência de características para o *Bildungsroman* seria um fator positivo para sua aceitação como gênero por serem traços fortemente diferenciadores. Esta preferência temática/conteudística acaba por ampliar a utilização do conceito porque pressupõe-se a variação de determinadas características ou mesmo a ausência de alguns destes aspectos distintivos. Ao mesmo tempo, o *Bildungsroman* é refutado enquanto fenômeno especificamente alemão, pertencente ao espírito alemão e restrito ao seu contexto de origem. Assim, a partir da grande *Bildungs-Frage* (da grande questão da formação) considerada não apenas em sua gênese, mas por diferentes períodos históricos, definir-se-ia a forma literária do *Bildungsroman* – o gênero romance de formação –, ao passo que o conceito *Bildungsroman* deixar-se-ia apropriar pelas diferentes épocas histórico-literárias como um gênero flexível. Os pressupostos que integram a base do programa narrativo, conseqüentemente, alterar-se-ão de maneira contínua a partir do romance **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, paradigma do gênero literário *Bildungsroman*. Ora, desde que haja certa proximidade com este programa narrativo em algum de seus pontos, a um determinado romance, portanto, pode-se aplicar o conceito de *Bildungsroman*. Isso, indiscutivelmente, viabiliza, por exemplo, a aplicação do conceito à obra literária **S. Bernardo**. Neste romance de Graciliano Ramos, o personagem Paulo Honório exerce certa atividade política, sua trajetória orienta-se na aquisição e cultivo da fazenda S. Bernardo, narram-se momentos cruciais para a sua formação desde a infância até a idade adulta e, por ser um enjeitado, não há a presença da família na sua formação e nem de preceptores; sua formação fica a cargo do mundo. Sendo o prédio destinado à escola o *lócus* de aprendizado oficial, restrito a poucos, o mundo é sua grande escola ao lhe prover outros aprendizados, como pretendemos demonstrar posteriormente.

Tanto Bakhtin quanto Maas referem-se às mesmas modalidades que antecedem o romance de educação (*Bildungsroman*) até o romance de educação, porém com finalidades diferentes. As abordagens destinam-se no primeiro a averiguar a gradativa assimilação do tempo histórico no gênero romanesco, enquanto no segundo procura-se estabelecer uma genealogia que outorgue, que dê o estatuto de gênero ao romance de educação.

Para Bakhtin é possível identificar composições que se enquadrem no romance de educação desde a antiguidade até o século XX, variando de acordo com o grau de

assimilação do tempo histórico real; outras modalidades que não o romance de educação seriam desprovidas de qualquer formação ou desenvolvimento da sua personagem, esta permaneceria inalterada. Já Maas, mesmo identificando uma extensa lista de obras a que as enciclopédias recorrem como exemplos de romance de formação, afirma ser as produções anteriores à obra **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister** antecessoras em alguns aspectos do gênero fundado por esta obra de Goethe e que as obras sucessoras, devedoras do momento de gênese do gênero, vinculam-se ao paradigma sempre em um maior ou menor grau; haveria elementos das modalidades anteriores à obra de Goethe na própria composição do romance de formação **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, o que atestaria a proximidade genealógica de outros gêneros com o gênero romance de formação. Neste caso, Maas não faria qualquer distinção entre as modalidades estipuladas por Bakhtin, bem como as subdivisões estabelecidas por ele para o romance de educação. Exemplo seria a apreciação das autobiografias pietistas. As autobiografias não chegaram a constituir uma modalidade pura, conforme alega Bakhtin. A denominação autobiografias pietistas, utilizada por Maas, estaria de acordo, portanto, com a tipologia estabelecida pelo pesquisador russo. Só que, ainda segundo as considerações de Bakhtin acima discutidas, as biografias e autobiografias não possibilitam uma formação da personagem e a aceitação dogmática para a conversão em narrativas pietistas não implica em um processo de aprendizado. Ora, como pode então ser tal modalidade uma etapa que antecipa o romance de formação, ao mesmo tempo em que é parte integrante do romance paradigmático de Goethe? A confusão se dá por não admitir-se um critério, uma sistematização para as análises comparativas a que Maas dispõe-se a discutir justamente por ela querer forçar uma tradição do gênero *Bildungsroman* em que a literatura pietista é pressuposto irrevogável, assim como as demais modalidades apreciadas. Ela mesma, entretanto, põe-se em contradição ao reconhecer algumas diferenças entre as duas modalidades. Enquanto na literatura pietista processa-se um isolamento da personagem coincidente com o momento de salvação, no romance de formação a trajetória da personagem volta-se para a sociedade e para o equilíbrio do indivíduo com o mundo exterior. Essas diferenças corroboram com o raciocínio de Bakhtin já exposto sobre a modalidade pietista, um tipo de romance de provação, e o romance de educação, subdividido em cinco tipos.

Considerar o romance de educação/formação como gênero é equivocado. Todas as argumentações apresentadas por Maas, aqui confrontadas, deixam clara a

inviabilidade de se admitir o *Bildungsroman* como gênero literário, não há elementos que sustentem e estabeleçam uma forma literária. A forma literária, que estruturalmente permanece a romanesca, serve apenas de aporte para o elenco temático/conteudístico; a própria raiz *roman* contida no conceito *Bildungsroman* atesta a inserção deste procedimento artístico como mais uma possibilidade, uma variante da forma romanesca que surge na Alemanha do século XVIII. Em Bakhtin a modalidade romance de educação, assim como as demais modalidades, é expressamente apresentada como um tipo do gênero romanesco, uma variação decorrente de procedimentos artísticos. Corretamente compreendido como resultado de um determinado procedimento artístico, o romance de educação não pode constituir um gênero. Os apontamentos de alguns estudos mais recentes indicam uma possibilidade a se considerar: o conto de formação⁸⁸ fundamentado justamente no conceito de *Bildungsroman*. Isso ratifica nossa colocação; afinal os procedimentos artísticos transcendem um gênero.

⁸⁸ Cf. PAZ, Ravel Giordano. *De pontos, linhas e fugas: três 'contos de formação' machadianos*. In: **Teresa**: revista de Literatura Brasileira, 6/7. São Paulo: 34; Imprensa Oficial, 2006, p 124-141.

III

(DE) FORMAÇÃO EM S. BERNARDO: A REIFICAÇÃO DE PAULO HONÓRIO E SEU APRENDIZADO NO PERCURSO DA VANTAGEM

3.1 Um burguês garantindo a S. Bernardo bom sucesso

Nos capítulos primeiro e segundo do romance **S. Bernardo**, tomamos conhecimento da idéia para a elaboração de um livro em uma metalinguagem que revela a composição do próprio romance **S. Bernardo**, mesmo nome da fazenda de Paulo Honório. Essa elaboração se daria pela divisão do trabalho instituída por Paulo Honório, em que os colaboradores contribuiriam cada qual com sua habilidade, ficando para o padre Silvestre a parte moral e as citações latinas, para o advogado João Nogueira a correção das normas gramaticais de acordo com a norma culta da língua, para Arquimedes a composição tipográfica, para Azevedo Gondim a composição literária. Paulo Honório reserva para si o comando do trabalho e as despesas, já visionando a melhor parte, o lucro. O empreendimento, no entanto, não vinga, por desentendimento entre os colaboradores. Mas, ao ouvir o pio da coruja, o eu-protagonista retoma a composição do livro decidido a escrevê-lo sozinho e publicá-lo sob pseudônimo, ao contrário do que havia dito inicialmente, o que não ocorre, pois, logo no início do terceiro capítulo, já descumpre o dito, colocando-se como narrador-protagonista. Paulo Honório expõe-se, declarando nome e qualidades físicas que lhe rendem muita consideração. Relata sua infância difícil e ficamos sabendo ser ele enjeitado; discorre rapidamente sobre sua trajetória de vida em que fora guia de cego, vendedor de doces, trabalhador alugado na enxada; relata-nos uma briga em uma sentinela que resulta em sua prisão e, conseqüentemente, numa mudança drástica em sua vida; liberto, prossegue como negociante pelo sertão. Chegando ao capítulo quarto, ele já aparece como agiota e por fim como o novo proprietário da fazenda S. Bernardo, que tivera como último dono Luís Padilha. Este havia contraído empréstimos com o próprio Paulo Honório e não tendo como quitar as promissórias, é forçado a saldar a dívida contraída com a hipoteca da propriedade S. Bernardo que herdada de seu pai, Salustiano Padilha.

Adentramos na trajetória do protagonista no quinto e sexto capítulos para vê-lo surgir, pleno em seu percurso, ao consolidar-se senhor de terras e sair-se superior no embate que trava com seu então vizinho Mendonça, dono de Bom Sucesso, fazenda que faz fronteira com S. Bernardo. O embate diz respeito ao impasse quanto à posição da cerca que delimita as propriedades e sua solução será emblemática em relação ao caráter dos senhores patriarcais – condição nova para Paulo Honório –, pela maneira como eles resolvem suas questões e a imagem criada perante seus caboclos.

O capítulo terceiro inicia-se com Paulo Honório declarando possuir oitenta e nove quilos e cinquenta anos, sobrancelhas cerradas e grisalhas, o rosto vermelho e cabeludo que lhe rende muita consideração. Desta sua declaração, retrocedendo cinco anos para o primeiro encontro com Mendonça na cerca, eis como surge ele, Paulo Honório, aos olhos de seu vizinho, sem significativas modificações.

Do outro lado da cerca, Mendonça apresenta-se, barba branca, nariz curvo que avança no campo de visão de Paulo Honório, ameaçador, sorrindo e pregando-lhe os olhos vermelhos ao se distanciar. Em outro momento mostrando os caninos amarelos e pontudos.

O proprietário de S. Bernardo reconhece a relevância de sua aparência, não sendo à toa esta informação na narrativa. Já o proprietário de Bom Sucesso, na captação do protagonista, quase se assemelha a um cão pronto para destrinchá-lo entre os dentes. São realmente duas imagens confrontadas e que não podem dimensionar a superioridade de seus respectivos donos um em relação ao outro. Resta-nos a constatação de que ambos, com essas características, equiparam-se. Paulo Honório sabe que impõe respeito, porém seu adversário é reimoso. Saber de quem será a obtenção da vantagem quanto à posição da cerca a partir destes aspectos aparentes é difícil.

Ainda levando-se em consideração o primeiro encontro na cerca, retirando-se das aparências físicas e adentrando no aspecto comportamental, também poderemos estabelecer uma aproximação, uma semelhança entre os dois.

Mendonça chega gritando, questionando a aquisição de Paulo Honório, e quanto à questão da cerca sentencia:

“Os limites são provisórios, já sabe? É bom esclarecermos isto. Cada qual no que é seu. Não vale a pena consertar a cerca. Eu vou derrubá-la para acertarmos onde deve ficar.”⁸⁹.

⁸⁹ RAMOS, *op. cit.*, p. 31.

Mendonça tem como arranjar-se, é senhor de engenho e assim sendo, põe-se a querer delimitar a posição da cerca em favor dos limites de sua propriedade. E vai além, despreza as pretensões de seu vizinho de criar o gado Limosino e o Schwitz, tenta envergonhá-lo ao saber de sua origem de trabalhador alugado e firma-se na palavra de realocar a cerca onde lhe convier, não adiantando Paulo Honório ofertar-lhe os cedros de que necessitava.

Paulo Honório, que principiara de modo ameno, não recua e logo se opõe à sentença de Mendonça, ponderando sobre o fato de que este já lhe havia subtraído por demais os limites da S. Bernardo e resiste. Não tem como arranjar-se com a lei, mas também não podia baixar a cabeça no primeiro encontro. A situação é tensa como ele mesmo narra-nos:

“A nossa conversa era seca, em voz rápida, com sorrisos frios. Os caboclos estavam desconfiados. Eu tinha o coração aos baques e avaliava as conseqüências daquela falsidade toda. Mendonça coçava a barba.”⁹⁰.

Paulo Honório, sendo um eu-protagonista,⁹¹ não tem como adentrar na interioridade de seu vizinho, narrando-nos os fatos limitados às suas percepções, exclusivamente. Ao sabermos o que se passa em seu interior e o que observa em relação a Mendonça, podemos, entretanto, supor que ambos passam a mesma imagem, mas internamente encontram-se agitados. Ou seja, apesar da tensão, Mendonça coçava a barba numa aparente calma; aparente, pois provavelmente estava alterado com a presença de Paulo Honório a ajeitar a cerca. Como sua conversa assemelha-se à de seu adversário, Paulo Honório provavelmente também dissimula uma aparente calma, mesmo dando-nos a conhecer sua palpitação. A prova quanto ao estado dos proprietários é a incerteza dos caboclos em relação a como agir, já que seus chefes não esboçam reações referentes às suas pretensas ações. Aqui ambos também se equiparam. É fato que a questão da cerca permanece em suspenso e enquanto não se resolve, ambos os proprietários mostram um ao outro, aos seus caboclos e a si mesmos, a relevância das palavras, gestos e atitudes de um senhor patriarcal e que não sustentá-las coloca-os em descrédito. Porém, quando o próprio Paulo Honório sugere que se resolva depois a

⁹⁰ *Idem*, p. 32.

⁹¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1997. Trata-se da tipologia proposta por Norma Friedman a qual podemos chamar também de narrador-protagonista.

questão da cerca, sua intenção é aproveitar o aqui e agora. Ele garante a posição da cerca e ganha tempo para solucionar o impasse definitivamente a seu favor, mostrando que, apesar das semelhanças entre os dois fazendeiros, levará vantagem.

Ao mesmo tempo em que se assemelham, tanto Paulo Honório quanto Mendonça se distanciam. Expliquemo-nos. Quando do encontro na cerca notamos já um descompasso entre ambos, como fica-nos claro logo no início do capítulo V. “– O senhor andou mal adquirindo a propriedade sem me consultar, gritou Mendonça do outro lado da cerca”⁹².

Mendonça não sabia que a propriedade S. Bernardo encontrava-se à venda, e realmente não estava. Surpreso, reivindica explicações sobre o fato de não ter sido consultado. Meras formalidades, afinal o proprietário de Bom Sucesso arranjava-se com os tabeliães como bem lhe conviesse, de tal maneira que este não efetiva a aquisição das terras dos seus vizinhos por meios legais e nem sequer propõe negociações para que isto se viabilize. Apenas firma-se na sua condição de senhor patriarcalista, intimidante e que causava receio em Padilha, último proprietário de S. Bernardo antes de Paulo Honório, que dormia demais, literalmente, porque receava encontrá-lo e discutir sobre a posição da cerca. E, com o intuito de continuar a aumentar os limites de Bom Sucesso em detrimento dos limites de S. Bernardo, Mendonça envia seus caboclos, que rondam a casa. Seus esforços, no entanto, restringem-se só a esta ação.

Paulo Honório, sempre a postos, espreita pela fresta que há na parede da casa velha em que reside, e reveza-se com Casimiro Lopes, que o substitui na guarda, em uma aparente imobilidade, pois já estirara o arame farpado e substituíra os grampos velhos por outros novos a fim justamente de evitar uma ação mais efetiva de Mendonça que o subtraísse em algum aspecto. Paulo Honório, por enquanto, não ganha, mas não perde mais e vai além. Diferentemente do senhor de Bom Sucesso, que se adianta em palavras e impõe-se por palavras, ele age. Paulo Honório visita Mendonça com o intuito de conhecer melhor este seu inimigo, tomar uma decisão e assim mover-se mais rapidamente e sem perigo. A própria conversa de Paulo Honório revela-nos sua dinâmica, sua mobilidade e efetividade de ação em correspondência com seu caráter reificado, quando:

⁹² *Idem*, p. 31.

“Respondi que havia dormido como pedra. Os pântanos em S. Bernardo estavam aterrados, não restava um mosquito para remédio. Arrependi-me de ter falado precipitadamente.”⁹³.

E em seguida, ágil, remedia-se:

“– Pois até logo, exclamei de chofre. A eleição domingo, hem? Entendido. Mato um ... (Ia dizer um boi. Moderei-me: todo mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores) um carneiro. Um carneiro é o bastante, não ? Está direito. Até domingo.”⁹⁴.

Paulo Honório, mesmo tendo falado indevidamente, deixa-nos saber que suas primeiras ordens à frente da propriedade S. Bernardo já foram executadas, ressaltando o pragmatismo que lhe é inerente, ou melhor, assevera a disparidade existente entre os dois personagens na maneira de agir, o que assegura no percurso da vantagem a permanência de um e a eliminação do outro. A disparidade está na inércia de Mendonça confrontada com a dinâmica de Paulo Honório. Ao ponderar as palavras, Paulo Honório reconhece sua pequenez diante do proprietário de Bom Sucesso – matar um carneiro –, mas também demonstra sua investida em superá-lo – cogita consigo a possibilidade de matar um boi –, tornando-se único no campo das relações patriarcais na região de Viçosa a exercer influências. O discurso de Paulo Honório já revela sua dinâmica, suas intenções que se efetivarão até domingo, um domingo em que Mendonça não verá o fim do dia.

A partir dessa dinâmica intrínseca, que se revela na rapidez e precaução perante Mendonça ao ser comedido com as palavras, temos uma visão panorâmica do eu - protagonista, que se desloca na narrativa sem a intenção de mostrar-se ameaçador à posição de Mendonça, ao mesmo tempo em que busca a solução, o desenlace para o conflito exposto. E assim ele surge de cada ato narrado que por sua vez revela-o⁹⁵. Ou seja, ao mesmo tempo em que surgem as palavras, surgem as ações e inevitavelmente surge Paulo Honório na rapidez rítmica da sucessão de fatos, o que reforça uma característica dinâmica por natureza, cujo impulso arrasta o mundo atrás de si em detrimento de obstáculos como Mendonça.

⁹³ *Idem*, p. 37.

⁹⁴ *Idem*, p.38.

⁹⁵ Cf. LAFETÁ, João Luiz. “O mundo à revelia”. In: **São Bernardo**. 75ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp.192-218. Neste ensaio, Lafetá já evidencia esta relação imbricada que há entre a ação e o caráter de Paulo Honório.

Apesar das dificuldades existentes – safra ruim, longas horas de trabalho, ameaça de emboscada, inverno rigoroso – e que tomamos conhecimento no capítulo VI, trabalha-se na lavoura e no açude, concluem-se os alicerces da nova casa, cultiva-se mamona e algodão e os pântanos são aterrados. Enfim, a dinâmica de Paulo Honório forceja o crescimento da fazenda e as adversidades são-nos narradas como contraponto para dimensionar a capacidade transformadora imprimida na propriedade S. Bernardo por este ser reificado. Paralelo a estes feitos há a pedreira, trabalho moroso que é afrontado com marretas e tiros de pólvora sem muito progresso, trabalho dispendioso que não se reverte em lucro, mas que necessita ser executado e com mais empenho para que não continue a consumir os esforços de Paulo Honório. Assim como a pedreira, há um outro trabalho, um outro obstáculo, que deve ser atacado com mais empenho e do mesmo modo que a pedreira: a cerca. O texto, melhor do que uma análise, permite a aproximação destes obstáculos a serem superados.

“... A cerca ainda estava no ponto em que eu a tinha encontrado no ano anterior. Mendonça forcejava por avançar, mas continha-se; eu procurava alcançar os limites antigos, inutilmente”⁹⁶.

“... E a pedreira, onde os vultos miudinhos se moviam, era como se em seis meses de trabalho não tivesse sido desfalcada”⁹⁷.

A cerca consome Paulo Honório em demasia; que passa noites em claro revezando-se com Casimiro Lopes para que a gente de lá, de Mendonça, não a desloque de madrugada. Além do que, o risco de uma emboscada é iminente – tanto que virá a ocorrer – como lhe alerta o mesmo Casimiro Lopes, e o dono de Bom Sucesso é um candidato em potencial para executar tal ato, caso sinta-se ameaçado pelo crescimento da fazenda S. Bernardo. O desgaste e a tensão em que se encontra não podem se prolongar por mais tempo. Afinal, “Trabalhava danadamente, dormindo pouco, levantando-me às quatro da manhã, passando dias ao sol, à chuva, de facão, pistola e cartucheira (...)”,⁹⁸ é o que nos diz o proprietário de S. Bernardo. Realmente, é necessário solucionar este impasse ocasionado por Mendonça, a pedreira em pessoa a obstruir o caminho de Paulo Honório. Vejamos o que o eu - protagonista diz:

⁹⁶ *Idem*, p. 38.

⁹⁷ *Idem*, p. 39.

⁹⁸ *Idem*, p. 35.

“Demorei-me até que os serventes lavaram as colheres e guardaram as ferramentas. Fiquei só. Os homens da lavoura e do açude foram debandando também.

Mais tiros na pedreira, os últimos. Pensei no Mendonça. Canalha. Do outro lado de cá da cerca o algodão pintava, a mamona crescia nos aceiros da roça; do lado de lá, sapé e espinho. Quantas braças de terra aquele malandro tinha furtado! Felizmente estávamos em paz. Aparentemente. De qualquer forma era-me necessário caminhar depressa.”⁹⁹.

Em uma primeira leitura o trecho acima citado é simples, quase banal. Fim de dia, Paulo Honório vê os últimos movimentos do dia na fazenda, ouve mais alguns tiros na pedreira, reflete sobre a questão da cerca, sem muita fúria, mais se indignando pelo fato de o senhor de Bom Sucesso usurpar as terras e não cultivá-las. Constata a aparente calma em que as coisas se encontram e por fim tem pressa, pois já está anoitecendo e é quase hora do jantar. Aprofundando-se na leitura incorremos, entretanto, numa outra possibilidade de interpretação, quase que velada, e que se expõe pela ambigüidade na estrutura narrativa.

Paulo Honório ouve tiros na pedreira e com os estampidos logo pensa em Mendonça, e o que é Mendonça, senão a pedreira irredutível quanto à questão da cerca que consome seus esforços? Sintaticamente, a aproximação das frases “Mais tiros na pedreira, os últimos. Pensei no Mendonça.” reforça a idéia de Mendonça como uma pedreira, não sendo possível para Paulo Honório, neste estágio da narrativa, dissociar o pensamento de um em relação ao outro. Além do que, terras férteis, mas improdutivas, tão ao alcance e pertencentes em outros tempos, por direito, a fazenda S. Bernardo são inadmissíveis para Paulo Honório, incessante em inverter tudo a seu favor, modificar o espaço e torná-lo rentável. Insistindo ainda nos últimos tiros na pedreira, é como se os estampidos evocassem o pensamento em Mendonça. Agora Paulo Honório deve atacá-lo como à pedreira, e que melhor ocasião senão a da aparente paz? Elimina-se a possibilidade de recair as suspeitas sobre si, até porque esteve há pouco em visita aparentemente cordial em terras de Bom Sucesso e como quem não quer nada obteve informação crucial de Mendonça concernente à inimizade com os demais vizinhos. Deve apressar-se, aproveitar o momento. Mas isto não está dito às claras, afinal “era-me necessário caminhar depressa” acentua a ambigüidade, tornando até certo ponto a segunda proposta de leitura ininteligível, pois o verbo de ação “caminhar” implica no sentido de andar, deslocar-se. Paulo Honório, porém, já se revelou muito, e este verbo

⁹⁹ *Idem*, p. 39.

emitido por ele pode ser mais facilmente compreendido e associado ao sentido de agir, tomar uma atitude quanto à questão em aberto que é a posição da cerca.

Na hora do jantar Paulo Honório traça planos em voz baixa com Casimiro Lopes; diferentemente de outras vezes, não sabemos se se trata de assunto condizente ao trabalho do dia seguinte, de qualquer forma o negócio fica acertado. No domingo, na hora do crime, Paulo Honório encontra-se de conversa com o vigário sobre a construção da igreja que pretende erguer em sua propriedade. Álibi perfeito, pois se embasa nas palavras de um padre, pessoa religiosa e de índole ordinariamente incontestável, além do que Paulo Honório ali se encontrava aparentemente bem intencionado. Chega-lhe a notícia da morte de Mendonça e sobre o assunto não se prolonga, como se já esperasse, e rapidamente retoma o assunto da igreja. Agora são outros assuntos a se resolver. Tratar do preço do sino e garantir a fazenda S. Bernardo bom sucesso. Quem executou o crime não temos como saber a partir dos capítulos referentes ao embate entre os dois fazendeiros, mas o companheiro fiel de todas as horas, Casimiro Lopes, momentaneamente desaparece da narrativa após a conversa em voz baixa com Paulo Honório, retornando à trama no capítulo IX, dezoito páginas depois, garantindo a segurança do patrão.

Vale a pena ainda atentar para o fato da cruz danificada, um símbolo a mais para associar a Mendonça. Nos capítulos V e VI, relativamente curtos, em que se dá o embate entre os dois fazendeiros, a narrativa apresenta-nos um Mendonça dono de terras, senhor de engenho soberano no campo das relações patriarcais em sua região, nascido de uma tradição e delimitado a prestar-lhe alguma manutenção. Já Paulo Honório não se prende a nenhuma tradição. Adquire S. Bernardo à custa de muitas investidas. Suas relações sociais existem graças a envelopes recheados de dinheiro. Na base de uma mentalidade prática, reificada, Paulo Honório, “iniciador de uma família”¹⁰⁰, dinamiza o sistema contra uma ordem estática – pedreira – e arcaizante, que se encontra no fim, um fim figurado na filhas de Mendonça “..., duas solteironas”¹⁰¹. Rompe com preceitos enraizados há muito na figura de Mendonça, reduzido a uma cruz, símbolo da ordem religiosa estabelecida na moral e na família, mas que se encontra danificada, violada pela necessidade quantificadora de uma nova ordem que se integra ao meio e que garantirá bom sucesso a S. Bernardo.

¹⁰⁰ *Idem*, p. 16.

¹⁰¹ *Idem*, p. 36.

Com o assassinato de Mendonça e sua redução a nada, pois nem a cruz posta no local do crime permanece íntegra em memória do morto, Paulo Honório assume uma posição confortável. Avança excessivamente e sem escrúpulos a cerca, oprimindo por força da coação econômica e social as “Mendonças”. Mesmo quando elas têm o auxílio de Paulo Honório, este no seu íntimo não tem pena delas, ele próprio agiu mal, apesar de não distinguir o que seja ser mau ou bom. Sua atitude é mais uma garantia de ter a fazenda Bom Sucesso sob seu jugo e um pretexto para eliminar qualquer eventual adversário que surja. Sua capacidade de ser pragmático não se atenua.

A posição assumida por Paulo Honório à frente de S. Bernardo torna-se ainda mais relevante se atentarmos para uma outra passagem do texto correspondente ao furdunço em uma sentinela, e que diz respeito, segundo Paulo Honório, ao seu primeiro ato digno de referência. Quando uma moça com o nome de Germana, muito assanhada, é por ele parada, sofre um arrocho na polpa das nádegas e gosta, mas logo se insinua para um outro homem com o nome de João Fagundes, este que acaba sendo esfaqueado por Paulo Honório, que antes sentara o braço na “cabritinha sarará”. O resultado é o confinamento de Paulo Honório em uma cadeia onde aprende a ler em uma bíblia miúda com Joaquim sapateiro, evangélico que depois morre. O que pretendemos demonstrar efetivamente é a repercussão, as conseqüências de um mesmo ato, a resolução de um conflito por meios violentos e que culminam na eliminação do oponente, praticado por Paulo Honório antes de sua nova condição de senhor de terras e já como proprietário da fazenda S. Bernardo.

Paulo Honório elimina Mendonça, senhor de Bom Sucesso, e nada lhe acontece por tal assassínio, nem uma punição ou uma prisão. Logo Mendonça, que era dono de terras, senhor de engenho e pertencente a uma tradição patriarcal. É verdade que Paulo Honório previne-se quanto a deixar evidências de seu envolvimento no homicídio, mas não haverá nenhuma investigação sequer de sua participação que é tida como certa pelo povo, diferentemente do golpe de faca aplicado em João Fagundes – um qualquer “que mudou de nome para furtar cavalos”¹⁰² –, e que resulta em sua detenção. Contrabalanceando os dois, Mendonça e João Fagundes, é pela agressão dirigida ao segundo que Paulo Honório não deveria ser punido mesmo. Mas é preso, leva uma surra de cipó-de-boi, toma cabacinho e fica “de molho pubo, três anos, nove meses e quinze

¹⁰² RAMOS, *op. cit.*, p. 16.

dias na cadeia”¹⁰³. O contraste estabelecido dimensiona a grandeza assumida por Paulo Honório na condição de senhor patriarcal.

Conclui-se a construção da casa, símbolo da posição que Paulo Honório assume à frente da Fazenda S. Bernardo, referência do poder patriarcalista, esfera na qual ele agora se encontra, ainda que parcialmente, na medida em que se restringe a alguns aspectos individuais e no âmbito social. Ao integrar-se no sistema, ele não deixa de conduzir-se inversamente à condição patriarcal, segregando alguns valores. Paulo Honório é homem prático e por isso não adere por definitivo à condição de senhor patriarcal, condição representada na inutilidade de alguns objetos existentes na nova casa e na ineficiência do eliminado Mendonça. Em seu percurso da vantagem, esta nova posição convém-lhe estritamente ao *status* social, haja vista sua dinâmica ser incompatível com a lentidão deste sistema arcaico.

Devemos ter em mente que a relação patriarcal é significativamente favorável a uma pessoa reificada como Paulo Honório, pois não há limites além dos impostos por ele mesmo quanto à obtenção de lucros e vantagens, reduzindo tudo e todos a valores mensuráveis. É só nesta condição, dentro do contexto sócio-econômico e histórico mimetizado no livro, que ele modifica a natureza, reificando-a, e exerce sobre os demais seu poder de conversão de valores qualitativos em quantitativos, não se admitindo disposições ao contrário. Provavelmente, sem a posição assumida à frente da propriedade S. Bernardo como senhor de terras a forcejar seu crescimento, seu caráter reificado não seria tão óbvio e todas as suas ações praticadas a fim da obtenção do lucro no percurso da vantagem não passariam de violências necessárias à sobrevivência em um meio.

¹⁰³ *Ibidem.*

3.2 - A (de) formação de Paulo Honório

A posição assumida por Paulo Honório enquanto proprietário da fazenda S. Bernardo, evidenciada no tópico anterior, é resultado de uma trajetória de vida. Compreender esta trajetória de vida, dentro das discussões acadêmicas para o entendimento de seu caráter reificado, tem se tornado imperativo, pois a conduta reificada do protagonista, já elucidada pela crítica literária em diversos aspectos, é consequência de uma formação adquirida frente à realidade vivenciada por Paulo Honório na medida em que este assimila o aprendizado necessário a uma formação utilitarista e especializada. Esta formação se destinada a potencializar os lucros provenientes das relações sociais. Tal formação especializada (*Ausbildung*), em consonância com uma mentalidade reificada e que é a mentalidade de Paulo Honório, manifesta-se em diversos fragmentos do romance **S. Bernardo**.

Logo no início do romance, Paulo Honório propõe a divisão do trabalho empregado na composição da narrativa, portanto, já nos defrontamos de imediato com a questão da atuação específica dos colaboradores de acordo com a atividade que cada um exerce.

“Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.

Dirigi-me a alguns amigos, e quase todos consentiram de boa vontade em contribuir para o desenvolvimento das letras nacionais. Padre Silvestre ficaria com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira aceitou a pontuação, a ortografia e a sintaxe; prometi ao Arquimedes a composição tipográfica; para a composição literária convidei Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, redator e diretor do *Cruzeiro*. Eu traçaria o plano, introduziria na história rudimentos de agricultura e pecuária, faria as despesas e poria meu nome na capa.

Estive uma semana bastante animado, em conferências com os principais colaboradores, e já via os volumes expostos, um milheiro vendido graças aos elogios (...)”¹⁰⁴

A divisão do trabalho conforme é proposto por Paulo Honório é condizente com sua mentalidade reificada e estrutura-se a partir de uma atuação especializada que se destine a potencializar o acúmulo de capital, sendo, por isso, cada colaborador convidado. Mas como o fragmento transcrito acima se encontra na primeira página do romance de Graciliano Ramos e, conseqüentemente, para quem faz pela primeira vez a

¹⁰⁴ RAMOS, *op. cit.*, p. 7.

leitura desta obra, não é possível ainda delimitar qual é o caráter do protagonista que afinal nem se quer sabemos ainda quem é: “poria meu nome na capa”. Qual nome? O fato é que, identificado o protagonista e seu caráter reificado, de imediato, para quem retoma a leitura do romance, é perceptível a divisão do trabalho bem como planejamento, elaboração, investimento, lucro, propaganda, enfim, diretrizes que se destinam à viabilidade de um empreendimento, um negócio. A composição do livro é concebida como um negócio por Paulo Honório, um negócio que possa lhe dar lucro, assim como todas as outras atividades que exerce.

A formação de Paulo Honório orienta-se no sentido pragmático de ganhar dinheiro, e possuir a fazenda S. Bernardo é a mais viável dentre as opções, então, sua ação e formação convergem para este fim, de maneira lúcida e coerente, eis o porquê de sua afirmação: “O meu fito na vida foi apossar-se das terras de S. Bernardo, construir esta casa, plantar algodão, plantar mamona, levantar a serraria e o descaroçador, introduzir nestas brenhas a pomicultura e a avicultura, adquirir um rebanho bovino regular.”¹⁰⁵

Adquirir a fazenda S. Bernardo é um meio de viabilizar o lucro, assim como a composição do livro. Mas essa busca pelo capital, a que Paulo Honório se empenha, só se torna efetivamente possível, a partir do momento em que este é alfabetizado. O momento oportuno à alfabetização de Paulo Honório está atrelado a um assassinato.

No percurso da vantagem, sistematicamente estabelecido no esquema **contato→tensão→vantagem** em relação aos outros, no qual Paulo Honório se sobressai em relação aos seus contatos, Fernandes¹⁰⁶ analisa também Germana. Nesta análise devemos atentar para a real vantagem que Paulo Honório obtém e que não diz respeito ao fato de ter tido a mulher um destino infeliz – Germana havia se tornado meretriz e encontrava-se doente. A confusão em que se mete por causa dela e que resulta em sua prisão trouxe-lhe uma vantagem outra, a alfabetização. A situação do evangélico e da cabritinha sarará apresentada após sua libertação serve apenas de contraste para mostrar o quanto fora seu ato de esfaquear João Fagundes tão digno de referência. É na cadeia que a sua condição de trabalhador alugado na enxada deixa de ser sua única opção de vida, diferentemente da grande maioria que principiou como ele e que permanecerá em uma condição de subsistência. Portanto, o primeiro ato digno de referência de Paulo Honório é o furdunço numa sentinela que se reverte em seu

¹⁰⁵ RAMOS, *op. cit.*, p. 12

¹⁰⁶ FERNANDES, *op. cit.*, p. 113.

benefício no percurso da vantagem na medida em que este aprende a ler. É durante o período de detenção – por causa do homicídio praticado quando ainda jovem – que o protagonista aprende a ler. Alfabetizado e liberto, este se decide por ganhar dinheiro. Daí em diante, Paulo Honório guia, consciente e ativamente, seus atos em busca de capital, pois agora só “pensava em ganhar dinheiro” ¹⁰⁷. Após sua alfabetização, Paulo Honório passa a gerir empreendimentos que possam lhe permitir ganhar dinheiro, deixando conseqüentemente a antiga condição de trabalhador alugado na enxada.

O fim almejado por Paulo Honório – ganhar dinheiro – requer uma formação a qual ele, depois de alfabetizado, busca, como se observa já no seu primeiro ato relatado depois de cumprida a pena de detenção.

“Tirei o título de eleitor, e seu Pereira, agiota e chefe político, emprestou-me cem mil-réis a juro de cinco por cento ao mês. Paguei os cem-mil e obtive duzentos com o juro reduzido para três e meio por cento. Daí não baixou mais, e **estudei aritmética** para não ser roubado além da conveniência.” ¹⁰⁸ (grifo nosso).

Não sabemos onde é que Paulo Honório estuda aritmética, mas o objetivo de tal estudo é claro: evitar que o roubem além do tolerável. Provavelmente também, assim como o processo de alfabetização que se deu em uma cela e não em uma escola, o *lócus* oficial destinado a este fim, o conhecimento de aritmética não tenha sido obtido em uma escola; aliás, a escola em nenhum momento é concebida por Paulo Honório como um espaço destinado ao aprendizado, à formação ou à educação de quem quer que seja. O fato de haver uma escola na fazenda S. Bernardo não significa que o proprietário Paulo Honório a considere como um espaço importante para o desenvolvimento do ser humano. Os investimentos que há na educação são lapsos:

[Madalena] Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios (...). Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem. Uma dinheirama tão grande gasta por um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa bíblia da capa preta, dos bodes. Mas contive-me. Contive-me (...) porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo caso era despesa supérflua. ¹⁰⁹

¹⁰⁷ RAMOS, *op. cit.*, p.17.

¹⁰⁸ *Idem*, *op. cit.*, p. 17

¹⁰⁹ *Idem*, *op. cit.*, p. 126.

Com certeza Paulo Honório não encomendaria o material solicitado por Madalena se soubesse do valor que seria gasto. Por mais que a construção da escola tenha sido motivada por outros fins que não os de educar os filhos dos trabalhadores, os gastos extrapolam as pretensões de Paulo Honório e, portanto, são inviáveis; mesmo sendo um projeto que se destina à obtenção de favores junto ao governador quando este vier novamente à fazenda S. Bernardo, o custo contraído com a aquisição do material fere parcialmente a relação de vantagens a que Paulo Honório está habituado a estabelecer. Ao afirmar que “em todo caso era despesa supérflua”, o eu - protagonista está justamente ratificando o fato de os materiais encomendados não serem preponderantes, ainda que se mostrem os materiais didáticos adquiridos ao governador, para a obtenção de vantagens. Além do que, se compararmos as condições em que Paulo Honório aprende a ler, tais aparatos não são imprescindíveis para uma aprendizagem que se destine estritamente à alfabetização, pois este benefício é concedido mediante um único interesse.

A partir do momento em que Paulo Honório é alfabetizado, pré-requisito para possuir o título de eleitor, tira o título de eleitor, tornando-se, portanto, um indivíduo habilitado a participar das eleições. Ao erguer a escola, Paulo Honório pretende ter sob seu jugo o maior número possível de pessoas votantes. Quanto maior o número de pessoas alfabetizadas – capazes de assinar o nome, ou seja, rubricar o documento –, e, portanto, possibilitadas de adquirir o título de eleitor, maior é o poder de negociação de Paulo Honório junto aos políticos, já que este passa a ter um “curral eleitoral” considerável. Lembremos que Paulo Honório contrai empréstimo com Pereira, agiota e chefe político local. Desta observação podemos inferir a seguinte conduta: Paulo Honório negocia, enquanto eleitor, seu voto mediante a concessão do empréstimo. Ora, se se adota tal postura, natural que o protagonista, posteriormente na condição de fazendeiro, reconheça a viabilidade de adquirir influência política através da compra e venda de votos, ou seja, ao deter uma parcela significativa de votos, Paulo Honório também possui certa força política. Esta força política é eficaz para se intermediarem algumas negociações. Construir a escola é um investimento. Esta idéia não surge, de repente¹¹⁰, como o eu - protagonista alega, mas advém de uma experiência que este trava com o agiota Pereira.

¹¹⁰ Cf. RAMOS, *op. cit.*, p. 50,51.

Considerando-se as expectativas de Paulo Honório em relação à escola e o contato que este estabelece com Pereira, podemos presumir que ter estudado aritmética não foi o maior aprendizado de Paulo Honório, advindo e proporcionado pela relação que este trava com Pereira, mas, talvez, a assimilação e reprodução de uma conduta destinada a prover vantagens das relações sociais estabelecidas. O caráter formativo desta relação é notável e imprescindível no percurso da vantagem estabelecido pelo protagonista precisamente por ser a partir do convívio com o Pereira que Paulo Honório passa a balizar as suas futuras relações. Portanto, o contato com Pereira influi enquanto referencial e modelo de conduta para as relações sociais firmadas entre Paulo Honório e os demais personagens, como verificamos em diversos momentos do romance¹¹¹. Ou seja, um aprendizado fundamental no processo formativo do protagonista, internalizado e reproduzido como um valor irrevogável, denotando o caráter formativo da vivência entre os dois personagens. O aprendizado subtraído desta relação é rapidamente reproduzido em todos os seus aspectos de usura, condizendo com a personalidade reificada do protagonista, quando este, de maneira ardilosa, concede empréstimos a Luís Padilha. Paulo Honório, propositadamente, cria as condições para que Padilha se veja excessivamente endividado ao conceder-lhe empréstimo sobre empréstimo ao ponto de haver uma única solução para este saldar a dívida contraída: hipotecar a fazenda S. Bernardo, propriedade que herda de Salustiano Padilha, seu pai. A condição encalacrada a que Padilha é induzido tem um desfecho típico das práticas de agiotagem: “Padilha recebeu os vinte contos (menos o que me devia e os juros)”¹¹², ou seja, o último empréstimo contraído por Padilha junto a Paulo Honório é viabilizado em uma quantia inferior, mas os juros incidem sobre o valor total do novo empréstimo;

¹¹¹ Sobre esta questão não se faz necessário discorrer sobre outros exemplos, no corpo desta dissertação, precisamente por haver um padrão nas relações estabelecidas pelo protagonista, excetuada a que este tem com a personagem Madalena, como já bem evidenciou Fernandes em seu ensaio “*A reificação de Paulo Honório revisitada*”. Situação idêntica e que se destina a obter vantagem sobre a outra parte envolvida, nos moldes firmados e pautados pela relação entre Paulo Honório e Pereira, além de exemplificar a ocorrência de determinada conduta por parte do protagonista Paulo Honório, é a relação estabelecida entre Paulo Honório e o fazendeiro Mendonça. Sobre este momento da narrativa, cf. o tópico 3.1 desta dissertação, quando há o embate quanto à posição da cerca que divide os limites das fazendas Bom Sucesso e S. Bernardo. A conduta do protagonista é a mesma, no sentido de não ser contrariado além do limite tolerável dentro das relações sociais estabelecidas, porém o enfoque da análise, ao recorrer a esta relação entre Paulo Honório e Mendonça, no tópico anterior desta dissertação, é elucidar a existência de um novo homem e uma nova ordem em vigor, em oposição a um sistema arcaizante e um homem decadente, ou seja, a presença do capitalismo ascendente em oposição ao patriarcalismo descendente, o que justifica uma nova possibilidade de formação a que Paulo Honório assimila. No mais, o caráter formativo advém da relação entre Paulo Honório e o Pereira, sendo a relação que Paulo Honório tem com Mendonça uma reprodução do aprendizado assimilado por parte do protagonista quando este ainda contraía empréstimos com o Pereira.

¹¹² RAMOS, *op. cit.*, p. 25.

simultaneamente Paulo Honório salda as antigas dívidas, ciente de que as promissórias desse novo crédito serão quitadas mediante a hipoteca da fazenda S. Bernardo. É com a certeza de quem já viveu muito, em meio à prática de agiotagem, que Paulo consegue subtrair a propriedade de Padilha. Sua formação reificada, consolidada pela experiência de vida, neste momento da narrativa lhe propicia a maior aquisição proveniente das relações quantificadas.

A vida em si é a escola onde Paulo Honório se instrui e se forma, pois, ao que parece, em nenhum momento de sua trajetória este personagem se depara com uma formação institucionalizada, mesmo quando adquire e/ou consulta os manuais técnicos agrícolas e os manuais de zootecnia. Já de posse da fazenda, Paulo Honório consulta esses e outros manuais, mas é na experiência de vida que o protagonista vê a possibilidade de adquirir uma formação que o guie no caminho consciente que escolhe, o caminho do lucro incondicional, ou como delimita Fernandes: o percurso da vantagem. É com esse pensamento que Paulo Honório se conduz socialmente. Mesmo quando o protagonista declara ser “versado em estatística, pecuária, agricultura, escrituração mercantil (...)”¹¹³, o conhecimento que este possui é voltado para as atividades que exerce na fazenda, portanto, um conhecimento adquirido já com uma finalidade previamente estipulada pela vida. Destinado a implementar as ações na fazenda, o conhecimento de que se mune o fazendeiro e que faz parte de sua formação é adquirido de acordo com a ocasião e nunca no âmbito institucionalizado de escolas normais e/ou técnicas por mais que os materiais tenham sido elaborados por instituições como a Satuba¹¹⁴. O uso aleatório das informações contidas no manual de zootecnia, ao considerar apenas dados técnico-científicos provenientes destes para o bom andamento de um casamento¹¹⁵, revela, além da limitada capacidade de processar e relativizar os aprendizados obtidos, a tendência de Paulo Honório a desconsiderar qualquer conhecimento que não advenha se sua experiência de vida ou que se confronte com a mesma. O que se percebe é a incapacidade do protagonista de correlacionar os conhecimentos adquiridos às práticas e situações específicas apresentadas, colocando toda e qualquer circunstância vivida em um mesmo patamar. A formação especializada (*Ausbildung*) a que recorre Paulo Honório lhe confere certa autoridade dentro de seu

¹¹³ *Idem*, p. 12.

¹¹⁴ Antigo órgão subordinado ao Ministério da Agricultura e que se destinava a viabilizar através de estudos técnicos o desenvolvimento da agricultura em Alagoas. Desde 1993 há a Escola Técnica Agrícola de Satuba destinada a qualificar pessoas e desenvolver a agropecuária e a agroindústria em Alagoas.

¹¹⁵ “Se o casal for bom os filhos saem bons; se for ruim, os filhos não prestam. A vontade dos pais não tira nem pão. Conheço meu manual de zootecnia.”. RAMOS, *op. cit.*, p. 100.

campo de atuação – fazenda S. Bernardo –, dando-lhe autonomia e condições de obter o lucro nas mais variadas circunstâncias. Ao mesmo tempo a formação especializada de que se mune o impede de refletir sobre sua conduta diante das mais diversas situações, já que sua postura sempre é a de um explorador feroz. Por isso as relações sociais em sua totalidade são compreendidas da mesma forma: relações sociais intermediadas e destinadas à troca e obtenção de valores quantitativos. O fragmento a seguir autoriza estas e outras colocações.

“[Azevedo Gondim] – A instrução é indispensável, é uma chave, a senhora não concorda, d. Madalena?

[Madalena] – Quem se habitua aos livros...

[Paulo Honório] – É não habituar-se, interrompi. E **não confundam instrução com leitura de papel impresso.**

– Dá no mesmo, disse Gondim.

– Qual nada!

– **E como é que se consegue instrução se não for nos livros?**

– **Por aí, vendo, ouvindo, correndo mundo.**

(...). E por que não deita fora os seus tratados de agricultura?

– É diferente. Em todo caso suponho que os médicos estudam menos nos livros que abrindo barrigas, cortando vivos e defuntos em experiências. **Eu, nas horas vagas, leio apenas observações de homens práticos. E não dou valor demasiado a elas, confio mais em mim que nos outros. Os meus autores não vieram olhar de perto os homens e as terras de S. Bernardo.”**¹¹⁶ (grifo nosso).

Desprezando, naturalmente, a viabilidade de outra formação que não a proveniente da prática, por mais que esta prática esteja orientada e derive de fundamentos cientificamente estruturados, a experiência vivenciada pelo protagonista é imperativa quando se trata de um aprendizado capaz de formar-lhe o caráter e instruí-lo em sua conduta. As decisões de Paulo Honório sobre qualquer questão são preponderantes, quando dizem respeito ao seu objetivo único de ganhar dinheiro.

Estabelecida a necessidade de formar-se para o acúmulo de capital, o protagonista direciona seus esforços nesse sentido a partir de sua experiência de vida. Desta experiência ele busca absorver toda e qualquer aprendizagem para o capital de tal forma que, ao se delimitar sua trajetória, o que se observa de maneira indelével é a formação especializada em conformidade com seu caráter reificado. Essa formação advém de sua aprendizagem perante a vida e, após sua consolidação, é mecanicamente reproduzida e aperfeiçoada em suas possibilidades.

¹¹⁶ RAMOS, *op. cit.* p. 104 -105.

Nesse estágio em que se encontra, contínuo aperfeiçoamento e especificidade formativa, Paulo Honório age tal qual uma peça na engrenagem, corroborando assim com a consideração de Luis Costa Lima, que alega ser a reificação de si mesmo – Paulo Honório – uma das instâncias em que se manifesta o fenômeno da reificação. Isto demonstra o acentuado e incondicional grau de uma mão-de-obra especializada e atomizada em suas possibilidades, mesmo sendo quem é Paulo Honório: proprietário da fazenda S. Bernardo. Não há o reconhecimento de si mesmo nas condições e moldes formulados aqui – pelo menos isto não é claramente exposto –, mas em diversos momentos da narrativa podemos deduzir tal explanação, como no trecho em que Paulo Honório reflete acerca do pedido de Margarida:

“Esteja sossegada, durma sossegada. Faltando lenha para o fogo, avise. Não deixe o fogo apagar-se, que as noites estão frias.

– É o que eu preciso, o fogo. O fogo e um pote.

Continuou a riscar figuras no chão. Curvada, um rosário de contas brancas e azuis aparecia pelo cabeção aberto e batia-lhe nas pelancas dos peitos.

– **Queria também um tacho.** O outro furtaram.

Lembrei-me do tacho velho, que era o centro da pequenina casa onde vivíamos. Mexi-me em redor dele vários anos, lavei-o tirei-lhe com areia e cinza as manchas de azinhavre – e dele recebi sustento. **Margarida utilizou-o durante quase toda a vida. Ou foi ele que a utilizou.** Agora, decrépita, não podia ser doceira, e aquele traste se tornava inteiramente desnecessário.

– Está bem, mãe Margarida, terá um tacho igual ao outro.” ¹¹⁷ (grifo nosso).

Durante sua infância, Paulo Honório vive na casa da doceira Margarida. Esta tem o auxílio daquele na produção e venda dos doces. O sustento de ambos é proveniente dos doces feitos no tacho e é precisamente por isto que o objeto adquire posição de destaque quando Paulo Honório já adulto retoma sua infância e a narra. Ao retomar de maneira sucinta sua infância, o protagonista não relata muitos acontecimentos. A brevidade dá ainda mais relevo ao que é narrado, precisamente por não serem fornecidos muitos dados, o que implica dizer que não podemos considerá-los imediatamente como preponderantes a sua formação. Mas não há como negar uma correlação com a formação do protagonista. Em um primeiro momento Paulo Honório narra-nos sua infância miserável a fim de estabelecer um contraponto à vida de abonaças que adquire já na idade adulta, ou seja, há uma correlação com a projeção que este adquire com o passar dos anos; todavia, ponderar sobre a infância do protagonista por este viés, torna a expectativa de uma análise destinada a demonstrar um

¹¹⁷ *Idem* p. 65 – 66.

caráter formativo do protagonista frustrante e improdutivo, precisamente por sabermos que são preponderantes, para o caráter formativo da personagem em um romance de formação, as experiências que se sucedem nos primeiros ciclos de vida. Assim sendo, tomemos outro caminho. Talvez, não houvesse por parte do protagonista uma compreensão acerca da centralidade do objeto de trabalho de Margarida e nem a total absorção desta pelo objeto de trabalho, quando criança, mas pode-se presumir que já há uma consciência acerca da necessidade de se possuir o meio de produção – neste caso o tacho – justamente por compreender que o sustento depende do fato de mãe Margarida possuí-lo. Acrescente-se ainda o fato de que, depois de adulto, a criança torna-se fazendeiro, adquire uma formação especializada, e se insere em uma engrenagem produtiva que é a fazenda S. Bernardo. A fazenda S. Bernardo é o meio que Paulo Honório encontra de ganhar dinheiro e obter seu sustento e é devido a isto que ele decide-se por adquiri-la. Porém, superado este estágio, a fazenda não se destina mais a suprir suas necessidades, mas o contrário: Paulo Honório vive para suprir as necessidades da fazenda – o motivo de casar-se surge de uma necessidade de deixar um herdeiro, alguém que administre a fazenda S. Bernardo.

Ora, a trajetória de vida e as experiências advindas desta trajetória precedem as decisões tomadas, ponderam as ações e é terminantemente constitutiva do caráter reificado de Paulo Honório, ao ponto de circunscreverem todas as etapas de seu estágio formativo. Por ser intrínseca à formação reificada do protagonista, a “escola da vida” o guia em seus atos e pensamentos e o leva somente a uma única reflexão dentro das suas e para as suas possibilidades de se ganhar dinheiro no meio em que vive; isso significa que a reflexão de Paulo Honório acerca da condição de Margarida é consequência de sua própria experiência de vida, na medida em que este protagonista pensa a realidade alheia a partir de seu próprio confronto com a realidade vivenciada. A atuação limitada de Margarida, guardadas as devidas proporções, equipara-se à atuação de Paulo Honório a frente de sua propriedade: requer uma formação especializada e horas de trabalho e dedicação para que as ações se convertam em lucro, além de se reconhecer a necessidade de possuir os meios de produção. A diferença reside, grosseiramente comparando, na rentabilidade de cada empreendimento.

Por não haver ninguém que oriente Paulo Honório de forma a lhe prover um aprendizado a partir desta condição – aprendizado proveniente da experiência de vida –, ele não chega a racionalizar sobre o estado em que se encontra Margarida antes de assumir a mesma condição, é o que podemos presumir; o protagonista, porém, já

compreende a necessidade de especializar-se para o acúmulo de capital, e especializar-se em um ofício rentável, além de ser dono dos meios de produção. Afinal, é este o conselho dado a d. Glória.

“No vagão comprei os jornais do dia. (...) Comecei a ler umas coisas interessantes sobre apicultura. (...) Concentrei-me na leitura. Efetivamente as abelhas seriam para nós uma fonte de riqueza. Nesse ponto veio sentar-se ao meu lado uma senhora vestida de preto. (...)

– Esta Great Western é uma joça. (...)

D. Glória (...) achou que os caros não eram bons.

E a conversa caiu. Para levantá-la, abri o jornal e preguei-lhe um dedo:

– Está aqui um artigo baita sobre a apicultura. O autor disto é osso.

Houve uma pausa. (...)

D. Glória referiu-se à dificuldade de arranjar empregos e o montepio.

(...) **Vou indicar um meio de** sua sobrinha e a senhora **ganhare** dinheiro a rodo. Criem galinhas.

D. Glória formalizou-se, e um passageiro próximo, como eu gritava entusiasmado, pôs-se a rir. Era um mocinho de bigodinho e rubi no dedo. Aproximei dele o rosto cabeludo e a mão cabeluda:

– O senhor está rindo sem saber de quê. Vejo que possui uma carta. Quanto lhe rende? Se não tem pai rico, deve ser promotor público. Faria melhor negócio criando galinhas.

O mocinho encabulou.

– Boa ocupação d. Glória, ocupação decente. Se quiser dedicar-se a ela, recomendo-lhe a Orpington.”¹¹⁸. (grifo nosso).

Paulo Honório aconselha d. Glória a dedicar-se a um determinado ofício: a criação de aves. Sugere esta atividade, pois é uma das que emprega em sua fazenda, portanto, já tem experiência no ramo, podendo certificar a rentabilidade do empreendimento. Ao guiar, ou melhor, ao mostrar o caminho para se ganhar muito dinheiro, Paulo Honório assume uma posição semelhante à dos preceptores, só que neste caso um preceptor distanciado das associações mais imediatas a que essa imagem sugere, tais como a escola. A inserção do passageiro que ri – um advogado – é um recurso empregado na narrativa que se destina a enfatizar a dissociação dos ensinamentos do protagonista como algo proveniente de uma aprendizagem institucionalizada, o que em outras palavras equivale ao desprezo de Paulo Honório pelas atividades que requerem uma formação institucionalizada e humanística, por desconsiderá-las como pressuposto para se ganhar dinheiro, sendo até certo ponto um empecilho, como se vislumbra no caso do advogado Nogueira: “O Nogueira veio da

¹¹⁸ *Idem*, p. 83 - 87.

escola sabido como o diabo, mas não sabia inquirir uma testemunha. Hoje esqueceu o latim e é um bom advogado.”¹¹⁹. Paulo Honório considera os anos de estudo de Nogueira inúteis por não ter uma finalidade prática, como fica expresso na incapacidade do bacharel em inquirir uma testemunha devido à falta de experiência no ofício. Não há anos de estudo que superem a experiência frente à realidade vivenciada. Esta é capaz de formar mais e melhor um homem, seja para que fim se destine sua formação, precisamente por requerer deste uma formação voltada para a ação, uma ação que consubstancie uma intenção, um objetivo previamente determinado.

Desconsideradas outras formas de educação/formação, percebe-se uma dicotomia, em relação ao posicionamento de Paulo Honório, referente à viabilidade de determinada formação, como se observa na oposição entre meios de aprendizagem (escolas x prisão ou qualquer outro lugar), campos de aprendizagem (conhecimentos técnico-científicos x conhecimentos humanísticos) e veículos de aprendizagem (livros x fazenda S. Bernardo). Adquirindo os conhecimentos que adquire trabalhando na fazenda, com o fim único de potencializar seus lucros, Paulo Honório se torna um mestre em seu ofício.

Formado pela “escola da vida”, Paulo Honório orienta d. Glória e despreza qualquer formação semelhante à do advogado Nogueira, principalmente por ser inviável economicamente em se comparando com os empreendimentos que administra. Mas d. Glória não percebe a questão pelo ângulo de visão do protagonista. Esta se sente ofendida e escandalizada com a sugestão de Paulo Honório. O desconforto com a proposição do protagonista agrava-se diante dos risos de outro passageiro do trem, e por fim d. Glória acaba por não compreender a colocação de Paulo Honório vindo a desconsiderá-la, mesmo quando este alerta sobre a decência do trabalho e a situação econômica vantajosa que tal empreendimento propícia.

Este momento é retomado na narrativa quando o protagonista dialoga com Madalena e emite opinião em relação aos procedimentos de d. Glória correlacionados à ocupação que tem. A opinião de Paulo Honório sobre a tia de Madalena é fruto de uma perspectiva sua de ver as coisas, portanto, passível de ser compreendida como uma opinião que recai sobre si mesmo. O fragmento a seguir revela um dos aspectos mais relevantes da formação do protagonista: a necessidade de uma formação especializada (*Ausbildung*).

¹¹⁹ *Idem*, p. 104.

“– Como ia dizendo, julguei que sua tia quisesse trabalhar. Até uma vez dei a ela uns conselhos, no trem. Espinhou-se.

(...)

Eu [Madalena] saía para a escola e ela [d. Glória] punha o xale, ia cavar a vida. **Tinha muitas profissões.** Conhecía padres – e fazia flores, punha em ordem alfabética os assentamentos de batismo, enfeitava altares. Conhecía desembargadores – e copiava os acórdãos do tribunal. À noite vendia bilhetes no Floriano. E como o padeiro nosso vizinho era analfabeto, escriturava as contas dele num caderno de balcão. **Está claro que, dedicando-se a tantas ocupações miúdas, era mal paga.**

(...) O que ela não pode é dedicar-se a um trabalho continuado: consome-se em trabalhos incompletos. É por isso a inquietação em que vive. Aqui [na fazenda S. Bernardo] não há os bilhetes do cinema, os acórdãos do tribunal, os assentamentos de batizados, o caderno de contas do padeiro. **D. Glória vê máquinas e homens que funcionam como máquinas.** Entretanto, d. Glória procura ser útil: vai à igreja, põe flores nos altares e limpa os vidros das imagens na sacristia; tenta cozinhar e não se entende com Maria das Dores; oferece-se para ajudar seu Ribeiro; já experimentou escrever em máquina.

(...)

[Paulo Honório] – Como tenho dito, não concordo com esse esbanjamento de energia. **A gente deve habituar-se a fazer uma coisa só.**

[Madalena] – **D. Glória nada ganharia se se aperfeiçoasse em vender bilhetes no cinema ou escrever os batizados: a paga seria sempre insignificante.**

– **Por que não se empregou em ofício mais rendoso?**¹²⁰.
(grifo nosso)

Temos procurado demonstrar até aqui que Paulo Honório exerce uma atividade especializada, que ele busca empregar-se em algo lucrativo, e que este processo é resultado de um ato consciente, justamente por ser previamente determinado. Portanto, sua formação é guiada por um objetivo estabelecido peremptoriamente. Porém, não temos em nenhum momento da narrativa algo que evidencie este aspecto em seu trajeto formativo, ao ponto de demonstrar uma auto-reflexão sobre sua educação/formação. Parece que seu objetivo não incide sobre suas decisões, dando a impressão de que não há correspondência entre o objetivo do protagonista e suas ações. Seu objetivo – ganhar dinheiro – manifestado sem subterfúgios uma única vez na narrativa **S. Bernardo**, e que por isso mesmo estaria desvinculado de seus atos, é, no entanto, uma falácia. Assim sendo, adquirir a fazenda S. Bernardo não é algo tencionado simplesmente por ser Padilha alguém fácil de ludibriar, ou, principalmente, porque Paulo Honório alega que

¹²⁰ *Idem*, p. 134 - 137.

deseja fixar-se em Viçosa e não mais ficar viajando pelo interior como negociante de todo tipo de mercadoria. Paulo Honório já trabalhou nas terras de S. Bernardo e sabe que se possui-la tem como extrair bons frutos.

As ações de Paulo Honório surgem em meio à narrativa em decorrência das circunstâncias que surgem em seu caminho. De suas ações podemos concluir que há certa correlação com o conceito de reificação, todavia daí deduzir um processo formativo consciente é algo mais delicado, pois implica suposições que vão além das ações do protagonista; em outras palavras, desvendar a formação reificada do protagonista requer uma compreensão dos motivos que guiam e antecedem os atos que revelam seu caráter reificado com o fim de elucidar a construção consciente de seu trajeto. Sobre a impossibilidade de se revelarem as intenções e se estas são conscientes, até este dado podemos alegar como sendo um ato premeditado por Paulo Honório, se generalizarmos a afirmação que este faz: “E não estou habituado a justificar-me (...) Era o que faltava.”¹²¹.

Como não há indícios significativos de uma reflexão sobre a conduta reificada do protagonista que parta de si e incida em si mesmo, denotando um caráter formativo à trajetória descrita no romance, compreender as colocações de Paulo Honório direcionadas aos demais personagens – no caso mãe Margarida e d. Glória – pode ser o caminho para que encontremos o alicerce de nossa proposição, a educação/formação resultante de uma ação consciente.

No diálogo que há entre Paulo Honório e sua esposa Madalena, a respeito da ocupação de d. Glória, é posta em evidência a necessidade de especializar-se em um ofício lucrativo. Paulo Honório sugere uma atividade rentável a d. Glória, mas esta não o escuta. Este se incomoda com a presença de d. Glória por vê-la sempre de conversa ou lendo romances. O fato de d. Glória não exercer uma atividade específica na fazenda, incomoda o protagonista que está habituado a ver seus funcionários exercerem atividades determinadas. Não há quem faça tudo ou esteja empregado em mais de uma função. Todos exercem um ofício. Por não se adequar e corresponder à imposição de realizar uma única tarefa, a conduta de d. Glória afeta a maneira como Paulo Honório esquematiza o trabalho na fazenda, pois a tia de Madalena torna-se um elemento surpresa. Ao não ter uma rotina, podendo aparecer a qualquer momento e acabar atrapalhando, ou interferindo em alguma atividade que esteja em execução, d. Glória é

¹²¹ *Idem*, p. 129.

uma ameaça à organização que há na fazenda. Esta ameaça adquire força e acaba realmente atrapalhando na medida em que seu Ribeiro não consegue dar andamento às tarefas que são de sua responsabilidade, pois d. Glória tira os objetos de que este necessita do lugar, além de distraí-lo com conversas.

Ao discorrer sobre a necessidade da tia de Madalena ater-se em uma única atividade, ou não atrapalhar quem está trabalhando, Paulo Honório demonstra consciência de guiar as ações em direção a um fim estipulado; e, para que se atinja o objetivo determinado, devem-se buscar os meios favoráveis, além de empenhar as ações de forma concêntrica. É exatamente esta a conduta que Paulo Honório adota. Sua trajetória configura-se a partir desses princípios. E, como ele demonstra consciência de se assumir tal postura, é presumível que também compreenda tais necessidades para si mesmo, assumindo uma conduta lúcida.

A necessidade de atuar de maneira especializada, o que pressupõe a divisão do trabalho, tem um propósito. Este propósito, obliterado em decorrência da ideologia assimilada pelo protagonista e que se empenha a preconizar um maior desenvolvimento e produtividade, ou seja, aumentar a força produtiva do capital, em decorrência dessa especialização, tem como finalidade permitir um maior controle do capitalista Paulo Honório, na medida em que o emprego da mão de obra é planejado, supervisionado e regulado por este, tornando-se um mecanismo coercitivo do capital. O trabalhador em S. Bernardo submete-se aos meios de produção existentes, não sendo individualmente responsável pela produção da mercadoria, o que acentua o processo de dependência, na medida em que os meios de produção – fazenda S. Bernardo – estão concentrados, são posses de Paulo Honório. Esta situação é camuflada diante de um discurso que Paulo Honório assume, ao incutir uma idéia contrária junto ao trabalhador empregado nas atividades da fazenda, como pretendemos ilustrar mais adiante. Tal panorama, assim configurado, resulta no “confinamento dos trabalhadores, para toda a vida, às operações parciais que tolhem e deformam as suas possibilidades humanas”¹²² e é convenientemente ignorado. A situação de dependência agrava-se na medida em que Paulo Honório assimila uma imagem/conduta patriarcalista extremamente conivente com seus pressupostos capitalistas. Os funcionários existentes na fazenda são subjugados e dependentes no plano das relações sociais e econômicas estabelecidas com

¹²² BOTTOMORE, Tom (org). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. , p. 113.

Paulo Honório. As ações do protagonista não interferem tão somente na contratação da mão de obra e seu emprego nos serviços existentes em S. Bernardo. Vejamos:

“Essa gente quase nunca morre direito. Uns são levados pela cobra, **outros pela cachaça**, outros matam-se.

Na pedreira perdi um. A alavanca soltou-se da pedra. Bateu-lhe no peito, e foi a conta. Deixou viúva e órfãos miúdos. Sumiram-se: um dos meninos caiu no fogo, as lombrigas comeram o segundo, o último teve angina e a mulher enforcou-se. **Para diminuir a mortalidade e aumentar a produção proibi a aguardente.**”¹²³ (grifo nosso).

Proibir o consumo de aguardente é uma medida que se destina a aumentar a produção. Mas pela quantidade de desgraças que se sucedem na fazenda parece que também é uma medida destinada a diminuí-las. Devido à gravidade, à incidência de morte que há em uma única família, dizimando-a por completo, a restrição adotada não se desvencilha da situação fatídica, por haver uma preocupação com o bem-estar dos que habitam a fazenda, é o que se presume de uma leitura menos atenta. Vejamos, no entanto, o caso por outra perspectiva.

Ao que parece, o funcionário, desgastado pelo consumo de álcool, não executa apropriadamente seu trabalho, o que acaba por resultar em sua morte. Este fato isolado já é algo inadmissível para alguém como Paulo Honório que não admite um contratempo sequer no percurso que estabelece. A esta morte sucedem-se outras, instaurando um clima impróprio à produtividade, por algum motivo; talvez pelo fato de os demais habitantes da fazenda se encontrarem abatidos ou desperdiçando as horas de trabalho, comentando o ocorrido. Acrescente-se ainda ao fato a inconveniência que é para Paulo Honório ter que lidar com uma situação conflitante como esta, na medida em que não há mais o homem responsável para suprir as necessidades daquela família. O protagonista vê-se afrontado por um discurso assistencialista que propala, mas que não se destina a uma aplicabilidade, o que se atesta pelo próprio fim a que a família tem. Acompanhando esta segunda interpretação, podemos entender melhor a atitude tomada por Paulo Honório.

As intervenções no hábito de vida das pessoas destinam-se a uma única finalidade: aumentar a produção. O fim triste das pessoas não interessa a Paulo Honório. As adversidades alheias não podem intervir nas tarefas que precisam ser desenvolvidas

¹²³ RAMOS, *op. cit.* P. 47.

na fazenda; a medida adotada e imposta atinge o âmbito das relações interpessoais, o que demonstra o grau de penetrabilidade e intervenção do meio de produção nas relações sociais, naturalmente. Vale ressaltar, neste caso, que as intervenções adquirem caráter pessoal na medida em que estas são impostas diretamente pelo proprietário à vida de cada habitante da fazenda; Paulo Honório amparado em uma projeção da figura do senhor de terras, comum ainda nos primeiros decênios do século vinte, turva uma percepção mais realista da nova configuração social que se delineia no Brasil.

Organizada em torno do modo de produção assimilado por Paulo Honório na fazenda, a formação social adquire contornos capitalistas. As medidas estipuladas surtem, em consequência também das intervenções na utilização do tempo além do restrito à execução do trabalho, o efeito esperado. Tal intervenção, soberana e irrestrita, ainda aumenta o poder de manipulação sobre a mão de obra empregada, por diversos aspectos que extrapolam o contrato da força de trabalho.

Atuar de maneira restritiva na conduta de seus funcionários, assumindo um discurso assistencialista e protecionista, marcadamente de cunho patriarcalista, e que efetivamente tem como objetivo encobrir a exploração a que está submetido o empregado no modo de produção capitalista implementado em S. Bernardo, é algo vantajoso para Paulo Honório, ao passo que não se desvenda conseqüentemente o seu caráter reificado, obstinado em obter o máximo de vantagens das relações sociais. Desta forma, as regras existentes em S. Bernardo são, até certo ponto, convenientemente aceitas pelos funcionários.

Suspender o consumo de cachaça na fazenda é a única providência cabível diante das causas de mortandade na fazenda. Mas o resultado não é simplesmente o aumento da produção. Com a proibição do consumo de cachaça, o funcionário vê as possibilidades de gastar seu dinheiro reduzidas. Mais adiante, na narrativa, tomamos conhecimento de que não há absolutamente nenhuma atividade em que se possa gastar o dinheiro ganho.

“Aqui não é como lá fora. O cinema, o bar, os convites, loteria, o bilhar, o diabo, não temos nada disso, e **às vezes nem sabemos em que gastar dinheiro.**”¹²⁴.

A vida na fazenda destina-se simplesmente ao trabalho. Como não há outra atividade destinada ao lazer ou em que o funcionário possa comprometer seus rendimentos, o salário recebido pelos serviços prestados não acaba rapidamente, o que

¹²⁴ P. 122

dá a impressão de que o rendimento proveniente do trabalho é muito. Ou seja, há a ilusão de que se é bem remunerado pelos serviços empreendidos na fazenda S. Bernardo. Esta impressão adquire feições mais contundentes se atentarmos para o caso de seu Ribeiro.

“Quando ele [seu Ribeiro] estava com o Brito, ganhava cento e cinquenta a seco. **Hoje tem duzentos, casa, mesa e roupa lavada.**

- É exato, confessou seu Ribeiro. **Não me falta nada, o que recebo chega.**”¹²⁵

Paulo Honório procura envolver seus funcionários com o intuito de fazê-los acreditar que viver nas condições existentes na fazenda é a melhor opção que poderia haver em suas vidas. Suas ações pseudo-assistencialistas turvam a visão que os funcionários possam ter de seu patrão, ou melhor, dificultam afirmações contrárias justamente por apoiar-se em fatos concretos. A oferta de casa, comida e roupa limpa sustenta o discurso de Paulo Honório. Ao admitir uma condição favorável a sua existência, seu Ribeiro ratifica o discurso de Paulo Honório justamente por não haver fatos concretos capazes de contradizê-lo dentro da ordem estabelecida. Em outros momentos, Paulo Honório expõe de forma mais contundente sua astúcia, como se observa no momento em que este procura emitir uma opinião acerca de eleições.

“A gente se acostuma com o que vê. E eu, desde que me entendo, vejo eleitores e urnas. Às vezes suprimem os eleitores e as urnas: bastam livros. Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma. **Lá na fazenda o trabalhador mais desgraçado está convencido de que, se deixar a peroba, o serviço emperra. Eu cultivo a ilusão. E todos se interessam.**”¹²⁶. (grifo nosso).

Cultivar as relações existentes na fazenda de uma forma que encubram a exploração a que as pessoas se sujeitam, o que implica afirmar também que as pessoas não compreendem as ações implementadas pelo protagonista, é extremamente viável. Não há questionamentos por parte dos que se encontram sob o jugo de Paulo Honório. Este, para não contrariar seus interesses, obviamente, dissimula a relevância de cada funcionário empregado nas atividades da fazenda, como se o funcionamento e o desenvolvimento existentes em S. Bernardo dependessem diretamente de quem executa as tarefas estipuladas, o que não tem o menor fundamento. Caso uma determinada

¹²⁵ P. 115

¹²⁶ P. 77.

função não seja executada em tempo hábil e dentro do esquema imposto por Paulo Honório, o funcionário responsável é devidamente punido. As punições são causa de dissidência entre Paulo Honório e Madalena, principalmente a aplicada ao funcionário Marciano, tornando patente a incompatibilidade entre o caráter formativo de Madalena e Paulo Honório.

Madalena se opõe veementemente diante das atitudes tomadas por Paulo Honório à frente da fazenda, e esta oposição é resultado de uma formação divergente da obtida por ele. Antes, porém, de adentrarmos neste aspecto, compreender como se dá a aproximação entre o casal é interessante por haver, já no início da relação entre os dois, indícios de como há de ser a convivência entre ambas as partes.

Na medida em que acompanhamos a trajetória do protagonista Paulo Honório, o vemos surgir, pleno em seu percurso, ao consolidar-se senhor de terras e sair-se superior no embate que trava com seu então vizinho Mendonça, dono de Bom Sucesso, fazenda que faz fronteira com S. Bernardo. O embate diz respeito ao impasse quanto à posição da cerca que delimita as propriedades. Após consolidar-se como proprietário de terras, Paulo Honório, por necessidade de preparar um herdeiro, procura arranjar um casamento. Escolhido o cônjuge, este, ao passar a conviver com Paulo Honório na fazenda, sucessivamente opõe-se ao instinto de propriedade do esposo.

Imbuído de “um arraigado sentimento patriarcal”¹²⁷, Paulo Honório amanhece um dia pensando em casar mais por necessidade de preparar um herdeiro para administrar a fazenda do que pelo fato de haver encontrado uma companheira. Tomamos conhecimento disto logo no início do XI capítulo. As suas ações, estipulada a meta, giram em torno desta, sendo, portanto, com este intuito também que Paulo Honório vai à casa do juiz de direito, Dr. Magalhães, e sonda sua filha Marcela. Mas “de repente conheci que estava querendo bem à pequena. Precisamente o contrário da mulher que eu andava imaginando – mas agradava-me, como os diabos. Miudinha, fraquinha. D. Marcela era bichão. Uma peitaria, um pé-de-rabo, um feitiço!”¹²⁸.

Pragmático, Paulo Honório vislumbra em Madalena o oposto de Marcela. Deste fato, podemos deduzir que, para as suas pretensões, a moça de aparência debilitada é mais fácil de ser conduzida de acordo com seus interesses. E é com essa impressão que Paulo Honório passa a concentrar suas ações a fim de realizar o casamento com Madalena.

¹²⁷ CANDIDO, *op. cit.*, p. 35

¹²⁸ RAMOS, *op. cit.* p. 97

Ao retornar da capital, no trem que segue para Viçosa, passado um mês da visita em casa do doutor Magalhães, Paulo Honório depara-se com d. Glória, tia de Madalena, com quem conversa durante a viagem. Ao chegar à estação, a sobrinha lhe é apresentada. Em seguida, ele busca informação da moça junto ao seu advogado, João Nogueira, e também junto ao redator do jornal “O Cruzeiro”, Azevedo Gondim, incumbindo este último da tarefa de convidá-la para ocupar a função de professora na escola que há na propriedade, pretexto como confessa, depois, Paulo Honório a Madalena. O que importa é que: “Depois do convite, **tornei-me quase íntimo** das duas mulheres. Madalena não se decidiu logo. E eu [Paulo Honório], a pretexto de saber a resposta, comecei a freqüentar a casinha da Canafístula” ¹²⁹ .

É assim, mais “íntimo”, que Paulo Honório indaga d. Glória sobre as pretensões de Madalena quanto ao matrimônio, certo de que a tia vai tecer comentários junto à sobrinha. Deste momento para a efetivação do casamento vão-se apenas quatro semanas. Entretanto, Paulo Honório não tem muita experiência em relações afetivas.

“Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo-de-saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido também a Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia, pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo” ¹³⁰ .

É com essas palavras que tomamos conhecimento do que pensa Paulo Honório em relação aos relacionamentos e mulheres. Rosa, mulher de Marciano, funcionário em S. Bernardo, aceita ir para a cama com o seu patrão, numa relação, digamos, de conveniência e sobrevivência, pois ela se encontra com Paulo Honório quando este manda Marciano à cidade para resolver algum problema. Marciano trabalha excessivamente para garantir o sustento da família, o qual, na verdade, garante-se mais pela relação de sua esposa com Paulo Honório. Um exemplo é quando, em um outro momento da narrativa, o mesmo Paulo Honório, zangado, decide expulsar Marciano e Rosa intercede pelo marido e por si também, junto ao senhor de S. Bernardo, atracando-

¹²⁹ RAMOS, op. cit. p. 99.

¹³⁰ Idem. Op. cit. p. 67.

o no pomar a fim de obter a redenção. Germana é uma “cabritinha sarará”¹³¹ muito assanhada que se insinua para Paulo Honório, assim como para outros homens, e que acaba por tornar-se meretriz e contrair “doença-do-mundo”¹³².

A experiência de Paulo Honório no campo das relações amorosas não é diversificada, ou seja, as mulheres que existem em sua vida enquadram-se no parâmetro das duas mulheres acima citadas. Estas atendem e se entendem com o protagonista no âmbito estritamente sexual – requisito, como ele mesmo concebe, unicamente viável para o entendimento entre os “machos” e “fêmeas” –, como se observa metaforicamente manifestado em outro momento do livro, o que está de acordo com seu pensamento:

“Necessitando pensar, pensei que é esquisito este costume de viverem os machos apartados das fêmeas. Quando se entendem, quase sempre são levados por motivos que se referem ao sexo”¹³³.

“Demorei-me um instante vendo um casal de papa-capins namorando escandalosamente. Uma galinhagem desgraçada. Dentro de alguns dias, aquilo se descansava, cada qual tomava seu rumo, sem dar explicações a ninguém. Que sorte!”¹³⁴.

Ao referir-se à relação homem e mulher, Paulo Honório a resume ao ato sexual e trata os respectivos sexos por “macho” e “fêmea”, como se não houvesse distinção ao classificar o “bicho” homem e os demais bichos. Para ele, o que prevalece é o instinto de sobrevivência que trespassa pela reprodução da espécie, o que está de acordo, por fim, com sua necessidade movente, que é a de assegurar um herdeiro para administrar a fazenda S. Bernardo, e garantir a prosperidade da propriedade. Assim, chegamos a essa relação – instinto de sobrevivência e instinto de propriedade – imbricada, recíproca e mútua, que é a de Paulo Honório com a fazenda, em que ele é proprietário desta ao mesmo tempo em que é sua propriedade. A propriedade é resultado do que é Paulo Honório ao mesmo tempo em que ele se molda e vai em busca de uma esposa por necessidade de assegurar a propriedade. Garantida a continuidade da propriedade, que é consequência de suas ações, Paulo Honório garante sua sobrevivência na presença de um herdeiro. É com esta expectativa que acompanhamos a movimentação de Paulo Honório que cerca, propõe e confirma o casamento com Madalena. Ele sabe que ela é

¹³¹ *Idem, op. cit.*, p. 16.

¹³² *Idem, op. cit.*, p. 17.

¹³³ *Idem, op. cit.*, p. 74

¹³⁴ *Idem, op. cit.*, p. 142.

uma professora de “nobre caráter” e “bons costumes”, o que basta para as suas proposições. Relembramos ainda o episódio em que o mesmo já se considera “íntimo” de d. Glória e Madalena, simplesmente por passar a freqüentar a residência das senhoras, situada na Canafístula, há apenas algumas poucas semanas, ou dias, não sabemos ao certo. Acompanhemos o diálogo em que é proposto o casamento.

“– Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me enquadra...Sim, como me engracei da senhora quando a vi pela primeira vez...

Engasguei-me. Séria, pálida, Madalena permaneceu calada, mas não parecia surpreendida.

– Já se vê que não sou o homem ideal que a senhora tem na cabeça.

Afastou a frase com a mão fina, de dedos compridos:

– Nada disso. O que há é que não nos conhecemos.

– Ora essa! Não lhe tenho contado pedaços da minha vida? O que não contei vale pouco. A senhora, pelo que mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família. (...)

– Deve haver muitas diferenças entre nós.

– Diferenças? E então? Se não houvesse diferenças nós seríamos uma pessoa só. Deve haver muitas. Com licença, vou acender o cachimbo. A senhora aprendeu várias embrulhadas na escola, eu aprendi outras quebrando a cabeça por este mundo. Tenho quarenta e cinco anos. A senhora tem uns vinte.

– Não, vinte e sete.

– Vinte e sete? Ninguém lhe dá mais de vinte. Pois está aí. Já nos aproximamos. Com um bocado de boa vontade, em uma semana estamos na igreja.

– O seu oferecimento é vantajoso para mim, seu Paulo Honório, murmurou Madalena. Muito vantajoso. Mas é preciso refletir. De qualquer maneira, estou agradecida ao senhor, ouviu? A verdade é que sou pobre como Jó, entende?

– Não fale assim, menina. E a instrução, a sua pessoa, isso não vale nada? Quer que lhe diga? Se chegarmos a acordo, quem faz um negócio supimpa sou eu.” (...)

“– Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

– Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma decisões às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia.

– Não há pressa. Talvez daqui a um ano...Eu preciso preparar-me.

– Um ano? Negócio com prazo de ano não presta. Que é que falta? Um vestido branco faz-se em vinte e quatro horas. (...)

– D. Glória, comunico-lhe que eu e sua sobrinha dentro de uma semana estaremos embirados. Para usar linguagem mais correta, vamos casar (...).”¹³⁵

¹³⁵ *Idem, op. cit.* p. 101 - 107.

Não há subterfúgios quanto à maneira como Paulo Honório percebe/propõe o casamento. O diálogo confirma enfaticamente o que pretende o proprietário da fazenda S. Bernardo, além de dar o tom de quão íntima era a relação entre as duas personagens para que ele propusesse o casório.

Paulo Honório escolhe quem deva ser sua companheira. A companheira pretendida não surge em decorrência de um convívio que tenha motivado tal ação. Madalena mais se enquadra nos moldes que ele estabelece do que outra coisa, sendo as informações por ele colhidas, juntamente com a breve interação, perfeitamente condizentes com o que havia planejado. O fato de ser ela sisuda, econômica e prudente implica em dizer que ela está de acordo com as expectativas do senhor de S. Bernardo, a quem podemos atribuir também as referidas qualidades por serem extremamente compatíveis com seu caráter reificado.

É em correspondência com a verossimilhança da obra e este caráter reificado de Paulo Honório que o texto expõe-nos a necessidade do eu-protagonista em agir sistematicamente, de modo objetivo, rápido e dinâmico, procedendo, não por acaso, de semelhante maneira como quando adquire a fazenda.

Paulo Honório, com o intuito de estabelecer-se em Viçosa, município de Alagoas, logo se decide por adquirir a propriedade São Bernardo. Motivado por este objetivo, suas ações sempre estão em convergência para que se atinja o fim almejado. Assim, ele empresta dinheiro, passando-se por amigo de Luís Padilha, o então dono da propriedade, a qual obtém por ocasião de herança. Padilha, enalacrado e sem condições de saudar a dívida que contrai com o pseudo-amigo, acaba hipotecando-lhe as terras de S. Bernardo para saudar as promissórias, estas que, em seu valor total, correspondem a bem menos do que o valor real do imóvel disponibilizado para quitar o compromisso.

Para sermos mais explícitos, assinalemos os procedimentos. Paulo Honório tenciona um objetivo – adquirir S. Bernardo/preparar um herdeiro; suas ações convergem para a realização do objetivo almejado – aproxima-se de Luís Padilha/ aproxima-se de Madalena; age para conseguir o intencionado – disponibiliza o empréstimo para Luís Padilha/ propõe o casamento; executa a ação – coage Luís Padilha/ coage Madalena. A coação que recai sobre os dois, Luís Padilha e Madalena, é de ordem econômica, sendo no caso de Padilha motivada diretamente por Paulo Honório com as promissórias em punho a pressioná-lo, enfim, uma coação meticulosamente planejada. Já Madalena, além de Paulo Honório, é também coagida pelo meio, sendo “pobre como Jó”. Paulo Honório lhe propõe em casamento e esta deve

aceitá-lo como marido. Este a coage, ao afirmar que devem se entender logo, caso contrário ele não mais a procura. Em tal situação, a moça pensa com brevidade, deixando-se levar apenas pelos benefícios materiais advindos com a proposição do matrimônio. Apesar de serem coações aparentemente distintas, pois Luís Padilha acaba por perder as terras, enquanto Madalena vislumbra uma paz, uma estabilidade nas mesmas terras, ambos cedem à pressão econômica, sujeitando-se a Paulo Honório e seu instinto de propriedade.

A aproximação da relação Luís Padilha/Paulo Honório e Madalena/Paulo Honório, como aqui colocamos, tem como finalidade compreender mais claramente as ações do protagonista e sua relação cíclica, pois, num plano mais profundo, os procedimentos são os mesmos, o que denota um aprendizado, naturalmente, até porque Paulo Honório age conscientemente. Por isso Paulo Honório refere-se a “negócio” ao tratar do casamento com Madalena e tem preocupação com prazos. No mundo dos negócios, os prazos são cruciais para se obterem vantagens. É neste campo dos negócios, onde soberana reina a mercadoria e seus encantamentos, que Madalena acaba por inserir-se ao se casar com Paulo Honório. Percebemos que a professora corrobora com a consciência reificada do proprietário da S. Bernardo, ao participar ativamente das relações quantificadas. Mesmo que tenha sido coagida, Madalena não deixa de ter uma posição ativa diante do contrato de casamento, aceitando os termos propostos por Paulo Honório; neste instante, Madalena age em conformidade com os princípios de uma relação baseada em aspectos quantitativos, visando obviamente à obtenção de alguma vantagem para si. Esta conduta, no entanto, não é algo comum a Madalena, pois sua formação tende para os valores humanísticos. Mas é em decorrência desta falha que Madalena insere-se no mundo de Paulo Honório.

As ações de Paulo Honório são motivadas por valores quantitativos que revelam seu caráter reificado¹³⁶, enquanto Madalena vê-se motivada por valores qualitativos, o que conseqüentemente expõe seu caráter humanizado. Isto significa dizer que Paulo

¹³⁶ Lafetá já afirma que: “Em termos de técnica narrativa não poderia haver solução mais coesa: totalmente imbricados surgem, à nossa frente personagem e ação. Paulo Honório nasce de cada ato, mas cada ato nasce por sua vez de Paulo Honório. Nós o vemos através das ações; mas, por outro lado, é ele que deflagra todas as ações. Este caráter compacto e dinâmico, esta ligação íntima entre o homem e o ato (espelhada pela linguagem direta, brutal, econômica, pelo ritmo rápido dos (...) capítulos), esta interação entre o ser e o fazer vão compor a construção do romance, que parece correr fluentemente diante de nós, em direção a um objetivo marcado (...). De tal modo isto é feito que dificilmente poderemos distinguir entre Paulo Honório e seus atos, assim como dificilmente localizaremos na narrativa elementos que não estejam ligados a ambos de forma coesa e indissolúvel”. LAFETÁ, João Luiz. “O mundo á revelia”. In: **São Bernardo**. 75ªed. Rio de Janeiro: Record, 2002, pp.192-218.

Honório atua no campo das relações quantitativas, com a perspectiva de obter vantagem das relações firmadas, e Madalena no campo das relações qualitativas, com a perspectiva de firmar relações de irmandade, o que, no caso das relações que esta estabelece na fazenda, significa atenuar as desigualdades provenientes da exploração que Paulo Honório exerce.

Madalena, ao inserir-se na esfera da fazenda, busca viver de acordo com sua formação. Suas ações guiadas por valores divergentes aos de Paulo Honório, na medida em que se destinam a uma efetivação, passam a colidir com as ações de Paulo Honório, pois ambos atuam, agem no mesmo espaço. O conflito que se instaura entre o casal surge de suas respectivas vontades humanas colocadas em choque; tais vontades são motivadas subjetivamente na medida em que emergem de uma intenção e objetivamente, pois as ações emergem com finalidades definidas. Paulo Honório possui um instinto de propriedade e que se configura em ciúme de Madalena; esta se opõe ao marido na medida em que firma-se em uma postura humanizada e de não possessão. Eis o âmbito do conflito: o instinto de propriedade advém do caráter reificado de Paulo Honório que se opõe ao caráter humanitário de Madalena. Em uma reação mais forte, no intuito de resguardar a couraça moral com que se ergue a fazenda, Paulo Honório acaba por denegrir a imagem de Madalena.

Retornando à proposição do casamento, Madalena não parece surpresa com o que Paulo Honório tem a lhe dizer, e é já tendo conhecimento da intenção de Paulo Honório de consolidar o consórcio que ela alega não se conhecerem o suficiente, devendo haver muitas diferenças. Propõe esperarem um ano, talvez. O seu caráter prudente, no entanto, não vigora. A sua prudência distingue previamente o que lhe convém naquele momento – a estabilidade, a paz –, faltando-lhe os sentimentos referentes aos desígnios do amor e afeto, requisito necessário, mas que acaba por ficar em segundo plano, bem como o conhecimento da pessoa Paulo Honório. Assim, o casamento realiza-se em uma semana, período muitíssimo curto em relação ao proposto inicialmente por ela de um ano, na certeza de que ambos estão tomando a atitude correta, tendo em vista o desejo de Paulo Honório de garantir um herdeiro e assegurar a continuidade da propriedade e de si mesmo, e Madalena conseguir estabilidade e paz, o que efetivamente não ocorrerá, em parte, com o primeiro, que relega os cuidados com a terra e o filho, e, na plenitude, com a segunda, que passa a viver de sobressaltos e definha. A tão almeja paz de Madalena é possível apenas quando esta morre.

Madalena logo se intera dos trabalhos da fazenda e das pessoas que os executam, alegando não estar ali em S. Bernardo para dormir, o que, para Paulo Honório, “são entusiasmos do princípio” ¹³⁷. Para Madalena não se trata realmente de entusiasmos de princípio, pois logo “Um bate-boca oito dias depois do casamento” ¹³⁸ é o que se sucede.

Paulo Honório paga mal os funcionários, remunerando-os com um salário tão baixo que não chega a ser suficiente para eventuais adversidades, ou mesmo projetar uma outra possibilidade de vida. Sua mulher indigna-se com tal situação, expondo sua visão na frente dos próprios funcionários, o que gera uma tensão, além de colidir com a posição de Paulo Honório. Enfim, ela questiona o salário baixo. Logo também ela busca entender-se com o marido, o que não significa a dissolução do conflito, mas sim sua distensão na narrativa. Ela justifica-se: “o que há é que ainda não conheço o meio. Preciso acostumar-me” ¹³⁹. Isto não ocorre, seu caráter já está formado e suas ações atestam isso, diante da conduta humanizada, que terá perante outro conflito, ou melhor, muitos outros conflitos, como enfatiza Paulo Honório: “Pois apesar das precauções que tomamos, do asbesto que usamos para amortecer os atritos, veio nova desinteligência. Depois vieram muitas.” ¹⁴⁰. Há muitos conflitos, mas deter-nos-emos em apenas mais um.

Paulo Honório, um dia, depara-se com o cocheiro vazio, os animais a roer madeira e grita por Marciano, o esposo de Rosa, responsável pela execução de tal trabalho, todavia, este não responde. O dono de S. Bernardo, colérico, sai a sua busca e o encontra conversando com Luís Padilha, acomodado em um tamborete, e lhe diz: “Já para as suas obrigações, safado.” ¹⁴¹. Marciano, reduzido a sua insignificância, tem a infeliz idéia de contra-argumentar, o que só aumenta a ira de seu patrão, que o cobre com mais um desaforo: “mentiroso” ¹⁴², e depois o agride fisicamente. Acompanhemos o fragmento abaixo.

“– Marciano!

Gritei em vão. Desci a ladeira, com raiva. Lá embaixo, à porta da escola, descobri Marciano escanchado num tamborete, taramelando com o Padilha.

– Já para as suas obrigações, safado.

¹³⁷ RAMOS, *op. cit.* p. 111.

¹³⁸ *Idem, op. cit.* p. 115.

¹³⁹ *Idem, op. cit.* p. 122.

¹⁴⁰ *Idem, op. cit.* p. 125.

¹⁴¹ *Idem, op. cit.* p. 126.

¹⁴² *Ibidem.*

– Acabei o serviço, seu Paulo, gaguejou Marciano perfilando-se.
 – Acabou nada!
 – Acabei, senhor sim. Juro por esta luz que nos alumia.
 – Mentiroso. Os animais estão morrendo de fome, roendo a madeira.
 Marciano teve um rompante:
 – Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém agüenta mais viver nesta terra. Não se descansa.
 Era verdade, mas nenhum morador me havia ainda falado de semelhante modo.
 – Você está se fazendo besta, seu corno?
 Mandeí-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zonzó, bambeando, recebeu mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu de cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue.”¹⁴³

Marciano não mente, diz a verdade. A verdade de todos que trabalham na fazenda manifesta-se na fala do caboclo humilhado. Marciano procura cumprir com seu serviço. O fato de o funcionário responder a Paulo Honório deve-se ao excesso de trabalho imposto a ele e a todos os funcionários. A exploração é tamanha, nesse estágio, que já não há mais como haver um mínimo de coerência/correspondência entre o discurso empregado por Paulo Honório e a realidade vivenciada na propriedade. Trabalha-se demasiadamente na fazenda, na concepção dialética do termo, na medida em que não corresponde apenas à execução de algo, mas à transformação de algo, negando a acomodação do mesmo. Por isso, a fazenda S. Bernardo é tão grandiosa e Paulo Honório a sua frente realiza melhorias significativas. Mas “ninguém agüenta mais viver nesta terra. Não se descansa.”, é o que alega Marciano. No entanto, durante o percurso da vantagem, obstinado pelas possibilidades de lucro, a consciência reificada de Paulo Honório não permite sequer a expressão de alguém em contrário. Este é o motivo pelo qual o esposo de Rosa é espancado. No âmbito das relações qualitativas e, portanto, humanizadas, o espancamento é brutalidade manifesta em seu mais alto grau, horrível e inconcebível, como pensa a respeito Madalena. No âmbito das relações coisificadas, em que os valores qualitativos inexistem diante do avulto de valores quantitativos, Marciano, para Paulo Honório, não passa de uma peça destinada a lhe prover vantagem, portanto, aquele para este, “não é propriamente um homem”¹⁴⁴, mas um molambo, um indivíduo sem vontade, que deve acatar a ordem do patrão. Todavia, não se trata de frivolidade, caso insignificante, como alega Paulo Honório, e sim

¹⁴³ *Idem, op. cit.* p. 126,127.

¹⁴⁴ RAMOS, *op. cit.* p. 128.

anulação do homem como humanidade, diante deste mundo reificado que representa a propriedade S. Bernardo. Paulo Honório, porém, não considera este aspecto das relações na medida em que não há uma disposição afetiva para tal, justamente por estar habituado às relações objetivas. Essa violência física, mais explícita, é apenas mais uma forma de tantas outras violências – implícitas ou não –, como a coação moral, social e econômica a que Paulo Honório recorre quando é necessário, não admitindo a indignação e o furor da esposa.

Após dois anos de casados, Paulo Honório e Madalena continuam vivendo em divergência e os conflitos não se atenuam. Estão sempre brigando ou por ela dar roupas ao povo da fazenda, ou por auxiliar com remédios os doentes, o que para o proprietário da fazenda parece um despropósito.¹⁴⁵

Tanto Paulo Honório quanto Madalena acreditam na legitimidade de suas ações, de tal modo que todas as atitudes estão de acordo com a necessidade e o caráter das personagens, o que, por consequência, é a negação da posição assumida de um pelo outro.

Paulo Honório passa a reagir sob a forma de um ciúme impetuoso, agressivo e degradante, do qual toma consciência exatamente no dia em que o casal comemora dois anos de união. Os contínuos choques agravam a relação, descambando para o ciúme de Paulo Honório e a degradação de Madalena, colocando em crise o casamento, o que em um plano mais profundo corresponde à incompatibilidade entre o mundo reificado e o humanitário, já prenunciado, e que agora se torna intolerável no mesmo meio.

Os poucos momentos de interação que ainda restam ao casal é quando agem maquinalmente, ou seja, quando Madalena coloca-se na esfera de atuação do esposo, ou a meia voz, distanciados. “Sem nos mexermos, sentíamos que nos juntávamos cautelosamente, cada um receando magoar o outro. Sorrisos constrangidos e gestos vagos.”¹⁴⁶. Fora desta condição, Paulo Honório é violento, sente desejo de espancar a esposa e sua tia, acha que a esposa procede com sem-vergonheza. Desconfiado de sucessivas traições amorosas, Paulo Honório chega a investigar traços de outro homem que possa haver no bebê. Extremamente enciumado, acredita que pode flagrar Madalena a qualquer momento com outro na cama e durante a noite, de rifle em punho, dispara-o

¹⁴⁵ Sobre este aspecto observa bem Candido quando afirma que “a bondade humanitária de Madalena ameaça a hierarquia fundamental da propriedade e a couraça moral com que foi possível obtê-la.” CANDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.. p. 37.

¹⁴⁶ RAMOS, *op. cit.* p. 158.

no silêncio, no delírio de ouvir gente, algum amante da esposa a rondar a casa. Madalena, que apenas deseja paz e estabilidade, acorda aterrorizada. A essa altura ela já se encontra magra, franzina e debilitada, com pó no rosto para disfarçar as olheiras de tanto chorar, e conseguindo dormir apenas quando está exausta.

Por mais que Paulo Honório esteja a defender os valores que permitem a aquisição e o crescimento da propriedade S. Bernardo e Madalena esteja a negá-los, para que não se negue a humanidade de homens como Marciano, estabelecendo-se aqui uma oposição entre forças institucionalizadas, o desfecho ainda é entre os homens. Portanto, é em meio à angústia e sofrimento que Paulo Honório irá tatear, no intuito de reabilitar qualquer coisa de humano que ainda lhe reste e que Madalena consegue reavivar a partir da sua conduta humanitária. Em outras palavras, é ao negar a idéia de humanidade que Paulo Honório passa a sentir a necessidade de resgatar a sua esfera humanitária perdida nos anos de embrutecimento em busca do capital, mas não sem a dor da ausência de Madalena e o reconhecimento de que sua própria vida fora uma vida perdida.

Paulo Honório narra-nos o dia em que sobe à torre da igreja que há em S. Bernardo para ver a extinção de corujas. Lá de cima, a quinze metros de altura, tem um panorama de S. Bernardo. Sente-se grandioso pelo que tem e sua posição. “Diante disto, uma boneca traçando linhas invisíveis num papel apenas visível merece pequena consideração. Desci, pois, as escadas em paz com Deus e com os homens (...)”¹⁴⁷.

O fazendeiro estava decidido a não mais importar-se com Madalena, permitindo que ela tivesse suas ocupações e que gastasse seu tempo com estupidez. Viveria indiferente à existência da mulher. Entretanto, esta sua resolução dura pouco.

Ao encaminhar-se para o pomar, Paulo Honório encontra uma folha trazida pelo vento, e a lê ou, pelo menos, tenta. O esposo não entende o que está escrito no papel, mas reconhece a letra da esposa. Como se pode observar, neste momento torna-se patente a disparidade entre a formação adquirida por Paulo Honório e a que Madalena possui. Paulo Honório esbarra em palavras desconhecidas, que dificultam a compreensão da carta, mas, com esforço, consegue ao menos identificar que se trata de carta a homem.

A formação que possui não lhe serve para resolver este impasse, pois Paulo Honório não se reconhece como destinatário da carta. Seu ímpeto e ciúme degradante

¹⁴⁷ *Idem op. cit.* p. 185.

apenas fazem crer que o papel que tem em mãos é uma prova da traição de Madalena. Paulo Honório deseja esclarecimentos de Madalena, inquirindo-a com fúria. A incapacidade de compreender a conduta de Madalena o impele para uma postura agressiva, condizente com o modo como ele sempre procurou encaminhar as questões que surgiram em sua vida. Madalena lhe é aparentemente indiferente, apática e calma. Compreende que já não há possibilidade de reconciliação. Resoluta, não diz nada sobre o papel que ele tem em mãos, apenas que o restante da carta está no escritório, em cima da banca. Na sacristia da igreja, eles conversam várias horas. Ela faz recomendações a Paulo Honório quanto ao modo como proceder com as pessoas, pede perdão por todas as atitudes tomadas, fala-lhe de sua possível morte e o encaminhamento que o fazendeiro deve dar aos pertences. Dentre as últimas recomendações de Madalena há o pedido referente a uma mudança de postura de Paulo Honório. Mudar sua conduta e admitir uma nova postura requer um novo aprendizado. Este deve reeducar-se, mas sozinho, pois Madalena está decidida a deixá-lo. Novamente Paulo Honório deverá tentar aprender perante as experiências vivenciadas.

Entre o diálogo, surgem frases que dão o tom da narrativa. Vejamos:

“-O que estragou tudo foi esse ciúmes, Paulo” ¹⁴⁸.

“(...) vinha novamente o ciúme. Aquilo ainda causaria infelicidade sem remédio.” ¹⁴⁹.

“Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.” ¹⁵⁰.

A primeira oração, emitida por Madalena, aponta a causa da crise. Talvez a vida em S. Bernardo fosse tolerável mesmo com tantos conflitos; porém, com esse ciúme deplorável que a aflige, o convívio com Paulo Honório é impossível, é o que fica subentendido na oração. Ou seja, além de ser apontada a causa do fracasso da relação, o que gerou a crise entre os dois, devemos atentar para o fato de conter também na oração a impossibilidade de reconciliação entre os dois. O verbo está no tempo pretérito, não há como remediar o passado, ainda mais se o passado perdura, se faz presente e irremediável de igual forma. As duas outras orações, emitidas por Paulo Honório, atestam a sentença de Madalena. Afinal, por mais que desejasse convencer-se do

¹⁴⁸ *Idem, op. cit.*, p. 189.

¹⁴⁹ *Idem, op. cit.*, p. 192.

¹⁵⁰ *Idem, op. cit.*, p. 193.

contrário, de viver em harmonia com sua esposa, Paulo Honório tem um forte ciúme, incapacidade sua de desvincular-se do instinto de propriedade. Esta incapacidade o impede de distinguir os efeitos de seu ciúme mórbido e degradante no plano das relações qualitativas, levando-o a vislumbrar uma “infelicidade sem remédio”, o que de fato já está cristalizado. Três anos de casado, sendo os dois primeiros anos de conflitos e o terceiro de crise, não são suficientes para distinguir a infelicidade em que se encontra Madalena. Se houvesse mais três anos de casamento permeados de crises, ainda não o seriam. Afinal, Paulo Honório é vítima do próprio explorador feroz em que se transforma. Habitado ao campo das relações reificadas, a presença de Madalena é uma sombra, um vulto de humanização, uma imagem refletida na água turva, que o indivíduo Paulo não distingue. Madalena sabe disto e é exatamente na madrugada do dia em que completa mais um ano de casada que decide se matar. A data em que se decide pelo suicídio atesta a ação consciente que toma. Um ano lhe foi mais que o suficiente para refletir sobre sua condição. Ela não tem proteção durante toda a sua vida, ninguém que interceda por sua pessoa. Quando surge a proposta de casamento, pensa que terá a tão almejada paz e estabilidade, uma vida tranqüila e protegida ao lado de um fazendeiro. Impossibilitada de sua realização, se mata. Seu caráter reivindica tal ação, afinal sua expectativa de vida é incompatível com o mundo que a cerca.

Todos os indícios que há no romance **S. Bernardo** sobre Madalena, seu estado físico e a resolução em dar fim à vida, que não são poucos, passam despercebidos pelo protagonista e ampliam a tensão da narrativa. A própria carta que, trazida pelo vento, se encontra no meio do caminho de Paulo Honório, como se fosse uma intervenção divina, e que o leva a procurar Madalena horas antes de sua morte, e o fato de ela calmamente lhe dizer onde está o restante da carta, cria a expectativa de que ele possa, ao obter conhecimento do conteúdo, evitar a catástrofe. Entretanto, Paulo Honório compreende o mundo que o cerca por uma outra perspectiva, a formação que adquire tem uma finalidade específica. Ao revermos a trajetória de Paulo Honório, a formação que busca, o objetivo que o norteia, os aprendizados que obtém frente à realidade vivida, de nada adiantam perante os anos de convívio com Madalena. Os anos que passa casado e a realidade advinda do matrimônio não têm um caráter formativo relevante neste momento da narrativa, não acrescenta um aprendizado capaz de conduzi-lo no âmbito das relações humanizadas; afinal, este sequer adentra no mundo da esposa. Paulo Honório é um ignorante; ele não se reconhece como destinatário da carta; ao lê-la

distingue apenas as palavras, mas não compreende o conteúdo. O mesmo ocorre quando ouve as palavras proferidas por Madalena:

“-Adeus, Paulo. Vou descansar.

Voltou-se da porta:

- Esqueça as raivas, Paulo.

Por que não acompanhei a pobrezinha? Nem sei. Porque guardava um resto de dignidade besta. Porque ela não me convidou. Porque me invadiu uma grande preguiça.

Fiquei remoendo as palavras desconexas e os modos esquisitos de Madalena. Depois pensei na carta que ela havia deixado no escritório, incompleta.

Para quem seria? Lá vinha novamente o ciúmes. Aquilo ainda causaria infelicidades sem remédio.”¹⁵¹ (grifo nosso).

Paulo Honório não se reconhece como destinatário da carta, e nem ao reler depois o restante consegue compreender claramente o conteúdo, distinguindo com muita dificuldade que se trata de uma carta de despedida. Em consonância com seu caráter, não segue a esposa, o que poderia ter evitado tudo, pelo menos naquele momento, já que não há possibilidade de equilíbrio, conciliação dessas forças em contrário. Madalena o tempo todo se reporta em tom de despedida, chegando a falar de sua repentina morte, mas “agarrei-me a um assunto agradável para afugentar aquelas idéias tristes.”¹⁵² ,diz-nos Paulo Honório, revelando sua incapacidade de tatear no campo da subjetividade, onde os valores qualitativos revelam os sentimentos e os homens. Paulo Honório, depois da conversa que tem com Madalena na capela de São Pedro, torna a encontrar a esposa, mas “(...) estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma nos cantos da boca.”¹⁵³. A Paulo Honório resta a incompreensão do ato extremado da mulher e a necessidade de escrever o livro e assim tentar obter o entendimento do que é a sua vida, que rumo ela toma e o que se sucede; tentar suprir a ausência da esposa que lhe causa raiva e desespero; agora ele se vê obrigado a confrontar-se com seu mundo reificado e a nesga por que passa sentimentos que ele não distingue, mas que acabam por levá-lo, pela dor da ausência, solitário, a compreender a vida que desperdiça em busca do lucro. Enfim, para ele resta a morte em vida, pois a morte de Madalena é a própria negação das linhas diretoras que o conduzem no seu percurso da vantagem, portanto é sua morte simbólica, não sendo apenas a dissolução

¹⁵¹ RAMOS, *op. cit.*, p. 192.

¹⁵² *Idem. op. cit.*; p. 191.

¹⁵³ *Idem. op. cit.*, p. 194.

física a única experiência válida ¹⁵⁴. O fato de os mais próximos de seu convívio – seu Ribeiro, d. Glória e Luis Padilha – irem embora acentua sua solidão, e estar solitário já é estar morto.

A sensação de que tudo poderia ter sido evitado é apenas recurso estilístico que Graciliano Ramos, através de seu gênio criador, foi capaz de elaborar. A existência de Paulo é moldada por uma trajetória em busca do capital, sendo ele incapaz, neste percurso, de distinguir o bem do mal, o que o faz não perceber a situação da mulher, portanto ele não é o culpado pelo suicídio, mesmo sendo o motivador do ato extremado. Paulo Honório é vítima de si mesmo, de sua trajetória de vida. Madalena sempre com seu caráter nobre, procede com honestidade junto ao marido e é caridosa com os necessitados. O que Madalena apenas deseja é a felicidade, que corresponde à paz, estabilidade e proteção. Ela é vítima tanto quanto Paulo Honório e sucumbe não pela mão do marido, mas pela mão do mundo que o modela, o mundo da mercadoria e seus fetiches.

Paulo Honório, movido pelo pio da coruja, decide-se por compor o livro. Essa nova atividade não é fácil de ser desenvolvida, pois o protagonista não possui uma formação que o capacite para redigir o livro e porque o leva a uma compreensão de si mesmo e do que fora sua trajetória de vida e a deformação que esta lhe acarreta.

“(...) os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.

Além disso estou certo de que a escrituração mercantil, os manuais de agricultura e pecuária, que forneceram a essência de minha instrução, não me tornaram melhor que o que eu era quando arrastava a peroba. Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o explorador feroz em que me transformei.

Quanto às vantagens restantes – casas, terras, móveis, semoventes, consideração de políticos, etc. – é preciso convir em que tudo está fora de mim.

Julgo que me desnorteei numa errada.”¹⁵⁵

“ – Estraguei a minha vida, estraguei-a estupidamente”¹⁵⁶

“Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo.

¹⁵⁴ “(...) porque conhecemos a morte tanto na experiência dos outros como nas nossas próprias expectativas e fins. E da mesma forma que a morte penetra continuamente nossa vida cotidiana, assim também qualquer afirmação sobre a morte toma corpo numa linguagem comum a todos, que depende de uma experiência comum.” WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 82.

¹⁵⁵ RAMOS, *op. cit.* p. 218.

¹⁵⁶ *Idem, op. cit.*, p. 220.

Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.
E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda parte!
A desconfiança é também consequência da profissão.
Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou aleijado.”¹⁵⁷

Ao adquirir uma formação especializada, em conformidade com o mundo que o cerca e que, ao mesmo tempo, ajuda a construir, Paulo Honório atinge um equilíbrio entre seus anseios e as atividades que exerce frente à realidade que o circunscreve, mas fora dela é inepto. O equilíbrio atingido revela-se falso, demarcando a inviabilidade de sua respectiva formação para uma atuação mais ampla. A trajetória de Paulo Honório o projeta como um homem bem sucedido, que soube construir ativamente seu caminho, mas este caminho é estreito e tacinho, pois a reificação inerente a sua personalidade comprime sua essência humana. A formação especializada a que recorre o empreendedor Paulo Honório é a própria deformação da pessoa Paulo Honório. Compor o livro é uma tentativa de resgatar-se, ou pelo menos reencontrar-se. A nova ocupação a que se dedica Paulo Honório – escrever o livro – advém de uma necessidade de refletir sobre a formação que adquire, uma formação que este acredita ser imprescindível para atingir os objetivos estipulados e ser bem sucedido, enfim, garantir bens e poder, mas que em um determinado momento mostra-se inútil. Esta formação revela-se notoriamente improfícua a partir do suicídio de Madalena.

A formação de Paulo Honório não contribui em nada para a elevação do espírito. A formação especializada (*Ausbildung*) é imprescindível para a obtenção do lucro, e apenas para as vantagens a que Paulo Honório se dedica. O equilíbrio que Paulo Honório adquire face à segunda natureza dá-se à custa da supressão de uma parte de sua interioridade, parte esta que se reaviva diante do suicídio de Madalena. Os sentimentos em Paulo Honório são embotados, sua profissão exige que seja assim, mas, ao reavivar-se sua interioridade, os sentimentos que o impelem a escrever o livro também são causa de um desequilíbrio interno. Os anseios de Paulo Honório o impulsionam em busca de uma formação que o integre ao meio em que vive e, ao mesmo tempo, o distancia de si mesmo, na medida em que se relega um autoconhecimento. Como resultado, o percurso da vantagem acaba desfigurando-o e tornando-o um aleijado; um sujeito com extraordinária capacidade de empenhar-se para o acúmulo do capital e,

¹⁵⁷ *Idem, op.cit.*, p. 221.

simultaneamente, deformar-se justamente por não corrigir as imperfeições e defeitos morais e espirituais de que padece.

Paulo Honório, assim como qualquer outro indivíduo, é provido de sentimentos, porém, os anos de brutalidade faz com que uma camada espessa encubra este lado. O breve convívio com Madalena não é capaz de dissolver a carapuça que o envolve. Mas a dor da ausência e a angústia diante do fato de Madalena ter se suicidado motivam o protagonista a escrever o livro. Após a morte de Madalena, Paulo Honório redige o livro e afirma: “Desde então procuro **descascar fatos**, aqui sentado à mesa da sala de jantar (...) Às vezes entro pela noite, passo tempo sem fim **acordando lembranças**.”¹⁵⁸.

Descascar os fatos é tentar penetrar a crosta que se forma através dos anos de brutalidade empenhados no acúmulo do capital, é tentar desvendar as aflições que surgem com a morte de Madalena, é, enfim, compreender a (de)formação que representa sua trajetória de vida e os aprendizados assimilados durante o percurso da vantagem que estabelece para si.

“Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. Tentei debalde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. **Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto**.(...) ”

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivos, a maltratar-me a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.”¹⁵⁹. (grifo nosso)

Paulo Honório está velho e não há como assumir outra postura, adquirir outra formação. É o que está impresso. Escrever o livro serve apenas para constatar seu estado inalterável. Mas decidir-se pela composição do livro, para um fim que seja alheio ao de se obter lucro já não representa um novo aprendizado? Não há uma tentativa, ainda que vaga, de reeducar-se e de restabelecer um equilíbrio ao menos para consigo?

O livro o ajuda a compreender o que se sucede, mas o que virá depois temos apenas como supor, todavia, não podemos deixar de considerar o fato de que toda a formação de Paulo Honório advém de sua experiência de vida face à realidade concreta e que a experiência em escrever o livro torna-se nesta perspectiva potencialmente o

¹⁵⁸ *Idem, op. cit.*, p. 215-216. (grifo nosso).

¹⁵⁹ *Idem*. p. 216.

início de um novo aprendizado. Endossar tal ilação faz do romance S. Bernardo um romance de formação tanto para Paulo Honório quanto para o leitor, além dos elementos composicionais que já atestam este traço na narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

S. Bernardo é destas obras que fundem texto e contexto em uma integração dialeticamente incontornável. No período de sua concepção e edição, no Brasil havia um intenso debate acerca de questões políticas e ideológicas a que os escritores se dedicavam. Natural que estes aspectos penetrassem os textos literários, por vezes até desconsiderando-se um mínimo de elaboração estética necessária, o que não é o caso de **S. Bernardo**.

Talvez esta narrativa represente o ponto alto da literatura produzida nos anos trinta por levar ao limite o clima de tensão presente nas relações homem/meio natural, homem/meio social, refletindo a realidade nordestina de oligarquias tradicionais e choques ideológicos, além da situação dos proletários rurais, isto é, os dominados por um rude esquema de trabalho sob o mando dos grandes proprietários de terra. Como um arguto escritor que foi, Graciliano Ramos soube perceber o momento histórico e expressá-lo artisticamente.

Ao se considerar a questão da reificação do protagonista, a crítica literária esteticamente orientada tenta sistematizar as discussões e encontrar nesta obra literária as contradições inerentes à formação brasileira e que, esteticamente, são devidamente elaboradas, sendo também, em parte, fator responsável pela singularidade desta obra. Eis o porquê de Paulo Honório ser um fazendeiro que transita e estabelece suas relações no âmbito aparente das configurações patriarcais, mas sem perder de vista a reificação das mesmas relações, demonstrando que efetivamente estas se enquadram dentro de uma configuração capitalista.

Obstinado pelo acúmulo de capital, o protagonista reduz suas relações a este propósito. É com este objetivo que, em meio ao percurso da vantagem estabelecido para si, firma um contrato de casamento com Madalena, em parte, causa de sua derrocada e consequência de uma revisão do que fora sua trajetória de vida. Ao relembrar os caminhos que percorre, o protagonista deixa entrever suas atitudes face à realidade vivenciada. Pela forma como o protagonista narra as atitudes tomadas, podemos supor que estas são guiadas conscientemente mediante um aprendizado. Este aprendizado, ainda que implícito, pois vemos apenas as ações resultantes de uma formação adquirida, é improfícuo para além das relações reificadas que este estabelece durante sua trajetória de vida, como se torna patente diante da morte de Madalena. O resultado é o

atrofiamento das aptidões humanas em sua plenitude diante do mundo da mercadoria e seus fetiches. Este é o maior aprendizado que o livro *S. Bernardo* trás para Paulo Honório. Graciliano Ramos, ao expor os conflitos advindos de uma conduta reificada, leva-nos conseqüentemente à reflexão do papel do homem no mundo da mercadoria e seus fetiches.

Ao desenvolvermos a presente dissertação, além de aprofundarmos os estudos concernentes à reificação de Paulo Honório, na medida em que nos propusemos a uma discussão da formação que precede tal conduta, elucidamos as reflexões a que estamos suscetíveis diante da leitura de uma obra como **S. Bernardo**; também revisamos o período literário brasileiro do início do século XX e ponderamos sobre a relevância do mesmo para o surgimento da obra que constitui o *corpus* desta dissertação; e por fim empenhamo-nos em estruturar um aparato teórico conceitual que embasasse o estudo da reificação em narrativas. Assim, esperamos ter contribuído para a continuidade de uma crítica esteticamente orientada e para o avanço das discussões sobre a fortuna crítica de Graciliano Ramos, e, em especial, a concernente a reificação de Paulo Honório, na medida em que abordamos uma perspectiva profícua, não apenas pela sua originalidade – até onde pudemos verificar –, mas principalmente por ressaltar a singularidade deste romance.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABEL, Carlos Alberto dos Santos. **Graciliano Ramos: cidadão e artista**. Brasília: Unb, 1999.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- AUERBACH, Erich. **Mimeses**. 4ª. ed. São Paulo: Perspectivas, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BORIS, Fausto. **A Revolução de 1930**. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- _____. **O Pré-Modernismo**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- BOTTOMORE, Tom (org). **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- BRAYNER, Sônia (org). **Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- BROCA, Brito. **A Vida Literária no Brasil 1900**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2005.
- BUENO, Antônio Sérgio. **O Modernismo em Belo Horizonte: Década de Vinte**. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CANDIDO, Antonio, CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. Vol. 2, 10ª Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CANDIDO, Antonio. **A Educação Pela Noite**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

_____. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **Formação da literatura brasileira**, vol. 1. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. São Paulo: Ouro sobre azul, 2006.

_____. **O discurso e a cidade**. São Paulo, Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

_____. **Tese e Antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

CARONE, Edgard. **A República Velha: Instituições e Classes Sociais**. 4ª ed. São Paulo: Difel, 1978.

CASTRO ROCHA, João Cezar (org.). **Nenhum Brasil Existe**. Rio de Janeiro: Univercidade Editora, 2003.

COSTA, Luís Amad, MELLO, Leonel Itaussu A. **História do Brasil**. 11ª ed. São Paulo: Scipione, 1999.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 3ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FERNANDES, Rinaldo N. *A reificação de Paulo Honório revisitada*. In: PONTES, Neroaldo (org): **100 anos de Graciliano Ramos**. João Pessoa: Idéia, 1992. p. 109 -127.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Recife: Instituto Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967.

GRAÇA, Aranha. **Canaã**. 12ª ed. Rio de Janeiro: F Briguiet, 1968.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOLDMANN, Lucien. *A reificação*. In: **Revista Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, nº. 16.

GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de estética**, vol. IV. São Paulo: EDUSP, 2004.

HEGEL. **Estética: poesia**. Lisboa: Guimarães Editores, 1980.

LAFETÁ, João Luiz. “Os pressupostos básicos”. In: **1930: a crítica e o modernismo**. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

- LAFETÁ, João Luiz. *O mundo á revelia*. In: **São Bernardo**. 75ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.192-218.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Revista forense, 1986.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. *A reificação de Paulo Honório*. In: **Por que Literatura**. Petrópolis: Vozes, 1969.
- LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da literatura em suas fontes**, vol. 1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. 1ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- _____. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. **O Capital**. Vol. 1. 10ª ed. São Paulo: DIFEL, 1985.
- _____. **A ideologia alemã**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O Cânone Mínimo: O Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: UNESP, 200.
- MASSARI, Marcus Vinicius. **Romance de Formação em Perspectiva Histórica**. São Paulo: Ateliê, 1999.
- MORAIS, Denis de. **O Velho Graça**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1992.
- MUIR, Edwin. **A estrutura do romance**, 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1975.
- PASTA JÚNIOR, José Antônio. *O Romance de Rosa*. In: **Novos Estudos Cebrap**, nº. 55. São Paulo: Cebrap, 1999, p.61-70.
- NOBRE, Marcos. **Lukács e os Limites da Reificação**. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- PAZ, Ravel Giordano. *De pontos, linhas e fugas: três 'contos de formação' machadianos*. In: **Teresa: revista de Literatura Brasileira**, 6/7. São Paulo: 34; Imprensa Oficial, 2006.
- PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman Feminino**. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- RAMOS. Graciliano. *Decadência do romance brasileiro* In: _____; CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. **Uma história do romance de 30**. Unicamp, 2001. (tese de doutorado).
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Posfácio de Otto Maria Carpeaux. 55ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2002.
- _____. **Caetés**. Posfácio de Wilson Martins. 30ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2002.
- _____. **S Bernardo**. 82ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

- _____. **Vidas Secas**. Posfácio de Álvaro Lins. 86ª ed. Rio, São Paulo: Record, 2002.
- REGO, José Lins do. **Gordos e Magros**. Rio de Janeiro: CEB, 1942.
- SANT'ANA, Moacir Medeiros de. **História do Modernismo em Alagoas (1922-1932)**. Maceió: EDUFAL, 1980.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: De Getúlio a Castelo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- _____. **Literatura e História no Brasil Contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Grafhia, 1999.
- SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, Qual Romance?**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- TELES, Gilberto de Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). **Teoria da literatura: os formalistas russos**. 4ª ed. Porto Alegre: Globo, 1978.
- WILLIAMS, Raymond. **Tragédia moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.